



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA
MESTRADO ACADÊMICO EM DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

BRAIMA CALILO SADJO

**FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: UMA ABORDAGEM À LUZ DAS PERCEPÇÕES
DOS ESTUDANTES GUINEENSES NAS LICENCIATURAS DA UNILAB-CE**

Brasília-DF, 2024

BRAIMA CALILO SADJO

**FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: UMA ABORDAGEM À LUZ DAS PERCEPÇÕES
DOS ESTUDANTES GUINEENSES NAS LICENCIATURAS DA UNILAB-CE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Direitos Humanos e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania do Centro de Estudos Avançado e Multidisciplinar da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania. Área de concentração: Educação em e para Direitos Humanos e Cidadania.

Orientador: Prof.º Dr. Pedro Demo.

Brasília-DF, 2024

BRAIMA CALILO SADJO

**FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: UMA ABORDAGEM À LUZ DAS PERCEPÇÕES
DOS ESTUDANTES GUINEENSES NAS LICENCIATURAS DA UNILAB-CE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Direitos Humanos e Cidadania a ser avaliado pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof.^o Dr. Pedro Demo
Universidade de Brasília (UnB)

Examinador Externo: Prof.^a Dra. Lucimara Gomes Oliveira de Moraes (IESB)

Examinadora Interna: Prof^a. Dr^a. Elen Cristina Geraldes (UnB)

Suplente: Prof^a. Dr^a. Olgamir Amancia Ferreira (UnB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus ancestrais por me acompanharem, darem proteção e energia positiva para que eu pudesse concluir essa árdua caminhada. Da mesma forma, agradeço todos os meus familiares em especial: minha tia Segunda Embadji, meu tio José Embadji e aos meus pais Sabal Sadjo e Domingas Coldjem (*in memoriam*), pela educação, apoio e força. Vocês foram alicerces fundamentais e determinantes na construção de tudo o que me tornei hoje.

Agradeço do fundo do coração à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) – Campi Liberdade, Palmares e Aurora, situados no Estado do Ceará, Brasil, pela oportunidade de abrir suas portas para o ingresso de estudantes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), em especial Guiné-Bissau. Agradeço também por terem proporcionado um ambiente de estudo acolhedor, que possibilitou a expansão de novos horizontes em mim. Chegar até aqui é motivo de grande alegria.

Sou grato aos professores da UNILAB e da Universidade de Brasília (UnB) que contribuíram para minha formação acadêmica, compartilhando conhecimentos e experiências. Agradeço especialmente ao meu orientador, professor doutor Pedro Demo, cuja força e paciência me proporcionaram liberdade para explorar a temática, sempre me guiando quando necessário. Sou profundamente grato por seu apoio, amizade e disponibilidade, além de sua sensibilidade em ouvir minhas angústias. Suas contribuições, ensinamentos e sugestões foram essenciais para a construção deste trabalho. Tê-lo em minha trajetória é uma experiência enriquecedora e contínua de aprendizado. Sua personalidade e contribuições para a educação brasileira me inspiram e servem como referência. Sinto-me sortudo por vivenciar este momento de aprendizado acadêmico ao seu lado.

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu percurso acadêmico. Esta vitória só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas, e não teria chegado a esta fase sem a ajuda de todos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento, que me permitiu dedicação total à pesquisa e à escrita da dissertação. À UnB, por ter me acolhido e permitido cursar o mestrado em Direitos Humanos e Cidadania, no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM). Por fim, estendo meus agradecimentos às coordenadoras do programa, professoras Elen Geraldes e Vanessa Castro, e

aos meus colegas Andréa Rodrigues, Aldeisa Santos e Silvane Friebel, pelo acolhimento, preocupação e carinho, que tornaram meus momentos difíceis mais brandos.

RESUMO

O presente estudo investigativo enfoca a formação e emancipação: uma abordagem à luz das percepções dos estudantes guineenses nas licenciaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE) nos municípios de Redenção e Acarape. A hipótese levantada sugere que a formação nesta universidade é marcada por laços históricos que oferecem aos estudantes guineenses a oportunidade de construir uma vida emancipada, engajada com sua realidade, implicando ainda uma mudança no status quo, tanto individual quanto coletivo. Além disso, a internacionalização e interiorização da formação oferecida aos estudantes guineenses promovem a alteridade e um conhecimento contra hegemônico. O processo formativo equaliza o direito à cidadania, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. O objetivo norteador consistiu em analisar a percepção e a dimensão emancipatória dos estudantes guineenses em relação ao processo de formação docente oferecido, considerando sua qualidade pedagógica e a utilidade futura em seu país. A pesquisa adotou um posicionamento teórico e metodológico de abordagem qualitativa, envolvendo estudantes guineenses formandos e formados nas licenciaturas de Sociologia, Pedagogia e História. A metodologia empregada consiste em entrevistas com esses estudantes da UNILAB, que tiveram experiências formativas no estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape, entre os anos 2010 a 2024. Como primeiro passo, foram utilizadas técnicas de revisão bibliográfica; no segundo, realizaram-se entrevistas, análise e interpretação dos dados para compreender o processo formativo a partir das percepções dos estudantes, incluindo o uso e o significado da formação, assim como suas expectativas. O objetivo foi entender até que ponto a formação gera transformação e emancipação dos estudantes. A pesquisa destacou a formação da juventude guineense, evidenciando as dificuldades educacionais e de desenvolvimento do país. A UNILAB emerge como uma oportunidade emancipatória para muitos jovens guineenses, facilitando o seu acesso ao ensino superior e à cidadania no âmbito da CPLP. Apesar de sua infraestrutura ainda estar em desenvolvimento por ser nova, a universidade amplia os instrumentos de cidadania (formação) e contribui para a promoção dos direitos humanos. A inclusão de indivíduos historicamente invisibilizados no espaço escolar gera uma ruptura epistemológica, promovendo transformação e construção de vidas mais emancipadas.

Palavras-chave: Direitos Humanos. UNILAB. Acesso à educação superior.

Guiné-Bissau/Brasil. Cooperação-CPLP.

ABSTRACT

The present investigative study focuses on education and emancipation: an approach in light of the perceptions of Guinean students in the undergraduate programs at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB-CE) in the municipalities of Redenção and Acarape. The proposed hypothesis suggests that education at this university is marked by historical ties that offer Guinean students the opportunity to build an emancipated life, engaged with their reality, also implying a change in the status quo, both individually and collectively. Furthermore, the internationalization and internalization of the education offered to Guinean students promote alterity and counter-hegemonic knowledge. The training process equalizes the right to citizenship, fostering a more just and equitable society. The guiding objective was to analyze the perception and emancipatory dimension of Guinean students regarding the teacher training process offered, considering its pedagogical quality and future usefulness in their country. The research adopted a theoretical and methodological positioning of qualitative approach, involving Guinean students graduating and graduated in Sociology, Pedagogy, and History. The methodology employed consists of interviews with these UNILAB students who had formative experiences in the state of Ceará, in the cities of Redenção and Acarape, between the years 2010 to 2024. As a first step, bibliographic review techniques were used; in the second, interviews, analysis, and interpretation of data were conducted to understand the formative process from the students' perceptions, including the use and meaning of education, as well as their expectations. The aim was to understand to what extent education generates transformation and emancipation of students. The research highlighted the education of Guinean youth, emphasizing the educational and developmental challenges in the country. UNILAB emerges as an emancipatory opportunity for many Guinean youths, facilitating their access to higher education and citizenship within the framework of the CPLP. Despite its infrastructure still being under development, the university expands the instruments of citizenship and contributes to the promotion of human rights. The inclusion of historically marginalized individuals in the educational space generates an epistemological rupture, promoting transformation and the construction of more emancipated lives.

Keywords: Human Rights. UNILAB. Access to higher education. Guinea-Bissau/Brazil. Cooperation-CPLP.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BHU	Bacharel em Humanidades
BIH	Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAM	Centro de Estudos Avançado e Multidisciplinar
CEDEAO	Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental
CPLP	Comunidade dos países de língua portuguesa
CTPD	Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
DRCA	Diretoria de Registro e Controle Acadêmico
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de ensino superior
IES	Instituição de Ensino Superior
IFS	Instituição de formação superior
OGE	Orçamento Geral do Estado
ONU	Organizações das Nações Unidas
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
PALOP	Países Africanos de Língua oficial portuguesa
PEC-G	Programa de estudantes convênio de graduação
PEC-G	Programa de Estudante-Convênio de Graduação
PEC-PG	Programa de estudantes convênio de pós-graduação
PEC-PG	Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação
UA	União Africana
UnB	Universidade de Brasília
UNILA	Universidade Federal da integração Latino-American
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. O CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-POLÍTICO DA UNILAB NOS MUNICÍPIOS DE ACAPARE/REDENÇÃO NO ESTADO DE CEARÁ	16
1.2 O cenário de formação, acesso e a complexidade do estado em Guiné-Bissau	30
1.3 Do processo seletivo a inserção dos estudantes guineenses na UNILAB	39
2 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	42
2.1 Da pesquisa de campo à viagem para UNILAB: impressões do pesquisador	47
3. FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO A LUZ DA COOPERAÇÃO SUL-SUL	49
3.1 Característica profissional da formação	55
3.2 Dimensão emancipatória da formação	70
3.3 Formação da UNILAB na perspectiva dos direitos humanos	88
3.4 Percepção dos estudantes guineenses sobre formação e sua implicação pedagógica	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo, “Formação e emancipação: uma abordagem à luz das percepções dos estudantes guineenses nas licenciaturas da UNILAB-CE”, analisa a percepção e a dimensão emancipatória dos estudantes guineenses em relação ao processo de formação docente oferecido, considerando sua qualidade pedagógica e utilidade futura em seu país. Esta pesquisa surge das minhas inquietações sobre a crescente busca dos guineenses por formação nos últimos vinte anos fora do país, observando que, no Brasil, a educação, especialmente a formação superior, passou a integrar a agenda do Estado. Assim, comecei a associar direitos humanos à minha proposta de investigação, partindo do pressuposto de que a formação é um elemento fundamental para a afirmação dos estudantes na esfera acadêmica e social. A relevância do tema formação e emancipação justifica a necessidade de promover cidadania no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente em Guiné-Bissau. No qual o foco do trabalho é direcionado aos campus da UNILAB situado no Estado do Ceará, especificamente nas cidades de Redenção e Acarape, destacando a experiência dos estudantes guineenses nas licenciaturas de sociologia, pedagogia e história.

A formalização da UNILAB procede à comunidade CPLP que somente foi possível por meio da herança cultural do passado histórico em comum destes países, de serem produto de uma invasão, “colonização” portuguesa. De acordo com Mendes (2019a), a perspectiva da UNILAB busca garantir a formação em nível superior, alinhada às demandas do Brasil e da comunidade da CPLP. Assim, procura, dentro da perspectiva da cooperação solidária, promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional entre a região e os países de origem dos estudantes.

Historicamente, a Guiné-Bissau enfrenta precariedade na educação, especialmente no ensino superior, levando muitos guineenses a migrar para outros países em busca de formação universitária por meio de cooperação. A Guiné-Bissau é um país membro da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO). Além dessa organização, é membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), instituída em 1996. Segundo Mendes (2019b), as informações relativas à Guiné-Bissau geralmente se referem à instabilidade política e econômica, o que tem dificultado o desenvolvimento do sistema educacional pós-revolução. Desde a abertura democrática na década de 1990, nenhum governo conseguiu concluir seu mandato, e entende-se que não se pode debater o desenvolvimento do país e direitos humanos sem considerar como a educação e a política se estruturam, pois elas refletem a sociedade que as desenvolve.

Diante desta realidade, os jovens guineense abraçam o projeto da UNILAB como uma grande oportunidade para cursar o ensino superior, pois na guiné a educação, desde os períodos colonial não consegue suprir a demanda dos guineenses, uma população oprimida e limitada o direito de acesso ao sistema educacional. A revolução ou luta pela independência, impulsionou a nova fase de acesso aos direitos educativos principalmente em relação a formação de quadros. Nesta linha de reflexão, é importante perceber que, segundo Leche (2002), a educação ganhou uma nova dimensão a partir do século XVIII, com a criação de sistemas educativos nacionais. Seus fins e objetivos sofreram profundas mudanças ao longo do tempo, especialmente nos últimos séculos, em decorrência das mudanças sociais e políticas ocorridas no mundo, como as descolonizações realizadas em um cenário de visões progressistas.

a emancipação humana está associada ao aumento do conhecimento, da liberdade subjetiva, da autonomia ética e da autorrealização, do direito igual de participação na formação de vontade política e da possibilidade de apropriação reflexiva da cultura. (...) a emancipação se expressa através de processos que levem à maior racionalidade do saber, à solidariedade dos indivíduos, à autonomia da pessoa e à plena participação dos indivíduos e grupos no plano social Almeida (2017, p.03).

De acordo com Garcia (1999, apud Caetano 2020, p.4) “a formação corresponderia a um processo educacional, de natureza estruturada, com intenções predefinidas, e condicionada por fatores diferenciados, revelando-se como imprescindível à profissionalização”. Apesar das transformações, observa-se que, em todas as esferas da produção humana, a educação tem se mantido relativamente imune a tais impactos, tanto na sala de aula quanto no conhecimento que nela circula.

O processo formativo, no entanto, é apenas uma dimensão da aprendizagem e da produção de conhecimento, na qual o próprio estudante está sendo sutilmente transformado pelas novas forças presentes. Segundo Nhaga (2023), os egressos da UNILAB não apenas obtiveram diplomas como resultado de sua formação; tiveram também a oportunidade de conhecer e vivenciar saberes e culturas diferentes, saindo com novas visões e valores que lhes proporcionam uma melhor consciência sobre o mundo. Assim, adquiriram não apenas qualidade acadêmica, mas também social. A interdisciplinaridade vivida nessa universidade busca a intersecção das dinâmicas culturais dos países de língua oficial portuguesa no processo formativo, permitindo que o aluno desenvolva uma visão mais ampla sobre diferentes temáticas.

Faz sentido destacar como o sistema educativo guineense se constituiu ao longo do tempo, sendo a formação institucional resultado da invasão portuguesa nos séculos XIX e XX na África. A formação no período da invasão colonial Segundo Mendes (2019), os invasores buscavam assimilar os nativos invocando objetivos civilizadores, especialmente no que diz respeito à religião, a fim de mascarar interesses econômicos e políticos. A educação nunca foi permitida além de um nível mínimo muito baixo, para não comprometer as prerrogativas conquistadas. Assim, uma pequena elite africana era formada com a única finalidade de apoiar a hegemonia portuguesa e servir de intermediária entre a administração colonial e a população autóctone. Em suma, tratava-se de uma dominação político-econômica, epistemológica e cultural, culminando na imposição de uma sociedade que seguia os valores da cultura do próprio invasor.

A busca por formação por parte de jovens guineenses revela as fragilidades do sistema educacional em Guiné-Bissau, evidenciadas pela falta de oportunidades e pelas desigualdades socioeconômicas que afetam a grande maioria dos alunos, levando à exclusão escolar — um problema que persiste desde a invasão colonial. Em meio às recorrentes instabilidades políticas, muitos jovens optam pelo exterior como meio para alcançar sua formação. Nesse contexto, a UNILAB desempenha um papel central na formação do pensamento crítico e político em massa desses jovens fora do país sendo a universidade com mais número de estudantes estrangeiro no Brasil. Essa formação é necessária diante de um cenário geográfico que, por meio de um projeto educacional, busca aproximar a discussão pedagógica dos jovens e promover a qualidade técnica para o desenvolvimento da comunidade CPLP. É importante ressaltar a grande escassez de instituições de formação técnica pública em Guiné-Bissau, que limita a formação.

O trabalho está estruturado em quatro partes, sendo que, na primeira parte, realizamos uma análise dos fatores que influenciam a presença dos estudantes guineenses na UNILAB. Essa análise inclui uma explicação sobre as relações que impulsionaram a instalação da UNILAB, bem como a cooperação entre os Estados da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que, ao final do século XX e no início do século XXI, ganharam um novo impulso. Além disso, é apresentada a situação do sistema educacional na Guiné-Bissau, o acesso à educação e as complexidades do Estado, abordando as consequências do período colonial até os dias atuais, com ênfase nas fragilidades institucionais e no ciclo constante de instabilidade política.

Buscamos também destacar as implicações dessa realidade, com base nas percepções dos estudantes guineenses, abordando os fatores que motivam esses estudantes a procurar

formação no exterior. A segunda parte do trabalho traz breve relato do percurso metodológico adotado, evidenciando caminhos pela qual a pesquisa foi conduzida. Explica-se o desdobramento do universo da pesquisa.

Na terceira parte, dedica-se a apresentar as percepções dos estudantes guineenses sobre o processo de formação e os aspectos relacionados à emancipação, no processo formativo e cooperativo Sul-Sul. Neste capítulo, destacamos as características profissionais da formação, sua dimensão emancipatória e a perspectiva dos direitos humanos na formação oferecida pela UNILAB. A importância desse capítulo é reforçada pelos relatos analisados dos guineenses que se formaram e os que estão em processo de formação na UNILAB. O último tópico, denominado “Considerações Finais”, serve como uma síntese de tudo o que abordamos, com destaque para as percepções dos estudantes, manifestadas através dos olhares individuais dos entrevistados na UNILAB.

Esse relatos reúnem experiências e vivências significativas de estudantes que vivenciaram e tiveram experiências formativas na UNILAB. A partir desse quadro analisa a percepção dos estudantes guineenses na UNILAB, destacando questões históricas desde a instalação da universidade, passando pelos processos de inserção, interação e retorno dos alunos ao seu país de origem. Além disso, apresentamos uma análise das contribuições que a formação acadêmica tem proporcionado à sociedade guineense, com base nas informações obtidas nas entrevistas. Tais dados revelam as percepções dos entrevistados sobre a formação acadêmica, a emancipação e a transformação social dos estudantes guineenses.

O trabalho proporciona uma reflexão profunda sobre os impactos da cooperação sul-sul na vida dos estudantes guineenses, destacando as suas experiências individuais e coletivas e os processos de transformação social e educacional na Guiné-Bissau. Para os fins desta dissertação, a escassez de formação em Guiné-Bissau é atribuída a diversos fatores: a fragilidade das instituições públicas, resultado da recente emancipação nacional do processo colonial, e os constantes conflitos políticos e instabilidades que impedem o desenvolvimento da educação e dos recursos humanos; a falta de profissionais qualificados; e a exclusão de jovens do acesso à educação.

Portanto, formação e emancipação são dois conceitos interligados, de acordo com Imbernón (2011, p. 67), “a formação serve de estímulo às propostas teórico-práticas formais, de maneira a permitir que os alunos interpretam e reinterpretam, e sistematizem sua experiência passada e presente, tanto intuitiva como empírica”. Ou seja, na perspectiva de Cunha (2017), uma formação que não ignore o passado colonial deve, a partir das

contribuições e dimensões humanas das raízes, projetar e preparar mentes para cenários que coloquem o bem-estar das pessoas em sua centralidade.

Para Almeida (2017, p.5) “a emancipação se inscreve na busca e na luta pela superação das condições desfavoráveis”. Não se pode falar de emancipação sem uma formação de qualidade, que contribui para o complexo processo de desenvolvimento dos recursos humanos em seus múltiplos aspectos.

Por sua vez, o processo formativo na Guiné-Bissau também começou tarde e, desde a independência do país, tem enfrentado diversos limites e desafios. Esta proposta, além de ser pessoal, reflete sobre a potencialidade da formação institucional na qualificação dos recursos humanos e na promoção da educação e da cidadania como princípio fundamental dos Direitos Humanos, constituindo-se em um projeto social emancipatório, sendo a educação um direito que abre portas para outros direitos. Todo cidadão atento à realidade Guineense aponta como um caminho e prioridade para o desenvolvimento do país formação.

Compreender o processo formativo dos estudantes guineenses na UNILAB permite vislumbrar as lacunas da Guiné-Bissau em relação à formação, a importância do bloco CPLP para o desenvolvimento e a necessidade de fortalecer o sistema educativo do país, exigindo o engajamento do Estado para minimizar a enorme demanda dos jovens em busca de formação profissional. Além disso, essa compreensão possibilitará entender a mudança do *status quo* dos estudantes guineenses e a relevância da formação adquirida para o desenvolvimento do país, assim como o impacto que o processo formativo tem na transformação e emancipação social desses estudantes.

Conforme Leche (2002, p.18), “o papel estratégico vislumbrado para a educação no panorama de um mundo em processo de globalização tende a se expressar por meio de reformas de ensino concebidas como alternativas para alcançar o ressurgimento econômico, a transformação cultural e a solidariedade nacional.” Confesso que a formação e a emancipação são temas amplos e complexos, o que representa um verdadeiro desafio intelectual ao apresentar um novo olhar que possa corresponder às expectativas de uma dissertação acadêmica, ou seja, contribuir para o avanço do debate acadêmico.

Ao iniciarmos uma reflexão sobre formação, acredita-se que essas considerações auxilia na transformação social por meio das práticas educativas, nas quais as instituições promovem seu discurso a favor da construção de uma sociedade digna. A formação é um exercício de construção de uma cidadania plena, com autonomia e liberdade para pensar, produzir e realizar o princípio fundamental dos direitos humanos: a dignidade. Estou ciente de que se trata de uma proposta ambiciosa, que exige um mergulho profundo sobre sujeitos

imersos na história e inseridos no processo formativo da UNILAB, uma Instituição de Ensino Superior (IES) que visa preparar os jovens para a comunidade da CPLP, proporcionando-lhes um ambiente propício para pensar, repensar, polemizar e levantar questões para a construção de uma boa vida e de uma sociedade justa, enquanto sujeitos históricos.

Dessa forma, encara-se o processo da UNILAB, a partir da compreensão dos sujeitos inseridos no processo formativo da UNILAB como um elemento capaz de possibilitar e garantir formas emancipadas de vida. Entre os diversos desafios na Guiné-Bissau enquanto nação, “destacam-se: formar cidadãos bem qualificados, com princípios administrativos e capacidade de interpretar e solucionar as demandas da população; que consigam viver na diversidade e na democracia, sabendo antecipar problemas e propor soluções, inovar e contribuir para promover o desenvolvimento sustentável do país” (Sani, 2014, p. 21).

Para isso, propusemos a **questão central da pesquisa**: como é o processo da formação e emancipação a partir das percepções dos estudantes guineenses nas licenciaturas da UNILAB-CE? A partir dessa questão, indaga-se: que percepção os estudantes guineenses têm de sua formação? Como a formação contribui para a mudança do status quo dos estudantes a partir do processo formativo? Será que a formação é emancipadora? Quais as implicações dessa formação para a comunidade desses estudantes? Qual a característica e utilidade dessa formação uma vez concluída? Será que os próprios estudantes se veem como possíveis transformadores da realidade?

Com a finalidade de responder à questão central, propusemos como **objetivo geral**: analisar a percepção e a dimensão emancipatória dos estudantes guineenses do processo de formação docente oferecido pela UNILAB, em termos de qualidade pedagógica e utilidade futura em seu país.

Por meio deste objetivo geral, formulamos seguintes **objetivos específicos**:

- a) entender os processos formativos e suas dimensões epistemológicas pelo qual os estudantes guineenses constroem suas identidades no processo formativo;
- b) compreender como os estudantes pensam, desenvolvem, sentem o processo formativo;
- c) analisar até que ponto esta formação emancipa os formandos, formados e suas utilidades futuras para estudantes guineenses que vivenciam a formação.

A **hipótese** é que a formação dos licenciados na UNILAB, devido aos laços históricos, situe como um processo emancipatório que oferece aos estudantes a possibilidade de mudar sua percepção e se engajar com sua realidade, implicando uma mudança do status quo, tanto em nível individual quanto coletivo, numa dimensão crítica que produz alteridade e

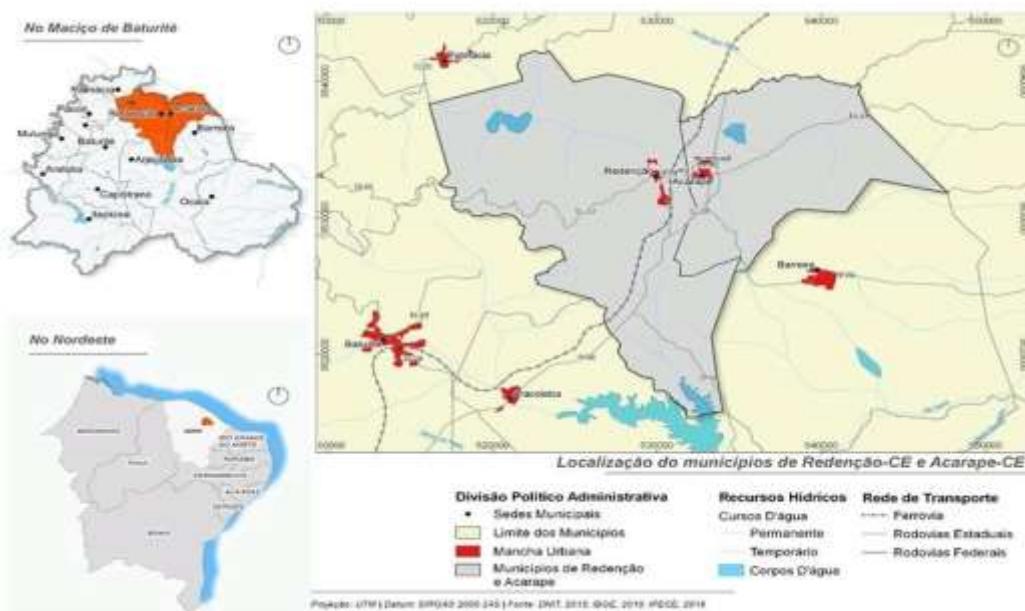
conhecimento contra hegemônico. Além disso, a internacionalização e interiorização da formação oferecida aos estudantes guineenses na UNILAB é situada numa dimensão de transformação e emancipação pessoal e coletiva para o bloco CPLP, bem como para as suas comunidades ou países.

Neste sentido, comprehende-se de acordo com Freire (1996, p.11), que “o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. [...] Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe”. Portanto observa-se as dificuldades e desafios visíveis mediante a incapacidade do Estado guineense em garantir uma formação interna, isso impulsionou os jovens, a busca de uma formação fora do país.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO E SÓCIO-POLÍTICO DA UNILAB NOS MUNICÍPIOS DE ACAPARE/REDENÇÃO NO ESTADO DE CEARÁ

Redenção/Acarape são municípios do Brasil situados no interior do Estado do Ceará, tendo cerca de 65 km da capital estadual Fortaleza. Este município foi considerado o primeiro a abolir a escravatura no Brasil, o que aconteceu em 1883, por causa desse importantíssimo ato histórico, foi instalada na Redenção a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) construída no âmbito da política externa Brasileira Mendes (2019a). Redenção foi escolhida para receber os estudantes internacionais de países de língua oficial português pela trajetória histórica que marcou o bloco CPLP, o que proporciona aos participantes da mesma, não só uma relação entre metrópole e colônia, mas sim entre iguais.

Figura 1 - Localização dos Municípios de Redenção e Acarape no Nordeste, no Ceará e na Região do Maciço de Baturité;



Fonte: Elaboração Regina Balbino da Silva (2020 apud Nascimento et al... 2023).

A UNILAB se configura como um polo de integração internacional, que busca superar as barreiras históricas e socioeconômicas que dificultam o acesso à educação de qualidade nos países lusófonos, especialmente em países com uma realidade política e social mais fragilizada, como o caso dos países africanos recém-independentes. No entanto busca tornar-se, um novo centro de referência e integração do bloco por meio da formação, ciência e da cultura, constituindo-se espaço de cooperação, acúmulo e transferência recíproca de

ciência e tecnologia, de intercâmbio cultural e de promoção do desenvolvimento sustentável, a fim de proporcionar avanços na produção e disseminação do conhecimento que atende à demanda e contribui para o desenvolvimento social, cultural e econômico dos países membro do bloco.

De acordo com Andrade (2003, p.16), no decorrer do século XX, “países com as mínimas condições econômicas e tecnológicas se unem visando à geração de novas políticas para o desenvolvimento evidenciando não somente acordos comerciais, mas também a formação de laços permanentes pela produção de conhecimento e a expansão das políticas sociais”. O objetivo da cooperação no âmbito da CPLP se configura na transferência de conhecimento e tecnologia para os países em desenvolvimento, capacitando os jovens para promover o crescimento de suas nações, dessa forma a criação da universidade está diretamente ligada aos movimentos de cooperação internacional, que ganharam novos rumos após o final do século XX, especialmente com a necessidade de estreitar os laços entre o Brasil e os países africanos da CPLP, com base em princípios de solidariedade, troca de conhecimentos e desenvolvimento.

Nessa perspectiva, apesar de todos os problemas políticos e econômicos vividos pelos países do bloco, a UNILAB busca aproximar o Brasil da África por meio da presença de estudantes africanos/as na universidade dando visibilidade a população de baixa renda, estudantes femininas, jovens de escola pública, quilombolas, negros brasileiros e africanos, pois na universidade encontrasse negros brasileiro e africanos de baixa renda e uma presença feminina significativa, além do mais apresenta esta outra África, ainda pouco conhecida além das suas fronteiras como afirma Silva;

nos corredores da UNILAB – Campus da Liberdade, dos Palmares e das Auroras – é comum encontrar diferentes nacionalidades, com seus costumes e manifestações étnico culturais e linguísticas diversas. Desde a diversidade dos vestuários e ritmos de danças, até mesmo das línguas, dentre elas – Kriol/língua guineense (Guiné-Bissau), Kriol (Cabo Verde), Kriol Forro (São Tomé e Príncipe), Língua Changana (Moçambique) e Kimbumdo (Angola). Assim, os estudantes africanos/as, com suas particularidades, diferenças e semelhanças vivem e convivem e se interagem diariamente na universidade e, também, fora dela (Silva, 2020, p. 5).

Ainda segundo Silva (2020) observa-se a reciprocidade onde os chamados de lá ensinam, e muito, os daqui, e os daqui também ensinam os de lá “vice-versa”, a universidade por sua característica apresenta rica diversidade sócio culturais. Segundo Casqueiro (2020), a educação se destaca como um fator estratégico no processo de crescimento e desenvolvimento econômico de regiões e países. As Instituições de Ensino Superior (IES) têm um forte impacto

no desenvolvimento regional, à medida que estabelecem vínculos com a comunidade local e se voltam para a superação dos desafios da região onde estão inseridas.

De acordo com Mendes (2019a), a cidade de Redenção é considerada histórica por ter sido o primeiro município brasileiro onde os escravizados alcançaram a liberdade, cinco anos antes da promulgação da Lei Áurea pela princesa Isabel. Assim, em 1889, a cidade foi denominada Redenção; anteriormente, chamava-se Acarape e pertencia à província de Baturité até 1923. Os primeiros povos que habitavam a atual Redenção eram os índios tapuias, que vieram do Vale do Jaguaribe para habitar as margens do rio Pacoti, atraídos pela fertilidade do solo e pela abundância de água. Os habitantes viviam da pesca e da agricultura. Posteriormente, chegaram os africanos escravizados, que desembarcaram no porto de Mucuripe e se dispersaram por diversos municípios do Ceará para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar dos invasores portugueses.

A cooperação Sul-Sul nas áreas sociais vem recebendo crescente atenção dos países em desenvolvimento do hemisfério sul, devido aos benefícios que os países mais pobres vislumbram nessa cooperação entre semelhantes (Buss, 2010). As iniciativas de cooperação Sul-Sul, na perspectiva da UNILAB, reúnem oito países que integram a comunidade linguística da CPLP, espalhados por quatro continentes. De acordo com Casqueiro (2020, p. 04), a instalação de novos campi universitários se baseia em estudos preliminares das condições socioeconômicas das regiões, com o objetivo de promover o desenvolvimento do país e reduzir as assimetrias regionais. A universidade influencia a economia regional no curto, médio e longo prazo".

no curto prazo, observa-se impactos devido a gastos como: despesas e investimentos diretos da universidade; salários dos professores e funcionários universitários e respectivos impactos diretos sobre a demanda de bens e serviços; e os gastos dos estudantes (provenientes ou não da região). No médio prazo, com a consolidação da estrutura e funcionamento dos cursos, espera-se que tenha uma maior demanda por serviços. Enquanto que no longo prazo, há também efeitos de conhecimento, referentes basicamente ao lado da oferta, ou seja, referentes ao aumento do capital humano via nível de escolaridade e qualificação da mão de obra, maior investimento no setor de pesquisa, criação de novas empresas e atração de capital e mão-de-obra mais qualificada para a região o (Vinhais, 2013 *apud* Casqueiro *et al.* 2020, p. 5).

Com o intuito de realçar a capacidade de intervenção positiva na política internacional, economias emergentes desenvolvem programas de integração e políticas de internacionalização reconhecendo as ligações entre a educação e desenvolvimento, atentando que a formação é fundamental para o fortalecimento e desenvolvimento. Tendo como principal estratégia a formação e a implementação de projetos estruturantes que reforcem a

capacidade institucional. A cooperação Sul-Sul trata-se, na realidade, de um processo de cooperação entre países econômica e politicamente mais semelhantes do que entre muitos dos países desenvolvidos e ricos e os países pobres das referidas regiões. As áreas da agricultura, saúde, educação e construção de institucionalidade estão entre as principais áreas recentemente cobertas pela cooperação Sul-Sul Buss (2010, p. 2).

A UNILAB foi idealizada com o propósito, dentre outros, de retomar o intercâmbio com o continente africano, visando superar as marcas da escravização da população negra uma vez que a questão da resistência/abolição tem grande relevância simbólica na reconstrução dos laços históricos e culturais marcados pelo processo de colonização. Para Santos (2021, p. 7) ainda na comunidade de Redenção/Acarape “a falta de reconhecimento dos laços dos moradores com os antigos escravizados pode estar relacionada à miscigenação, por outro lado, é uma defesa contra os estereótipos relacionados à escravidão em uma cidade que incansavelmente alude à libertação”. Por outro lado, há um desconhecimento ainda muito grande por parte da comunidade da cidade de Acarape e Redenção sobre quem são os estudantes que integram a UNILAB, apesar de maioria ser do continente Africano, porém procedem de diferentes culturas e etnias.

A vinda dos estudantes internacionais para UNILAB ajuda no resgate da história da cidade, e delineamento de novas perspectivas para a nova geração. Redenção foi o primeiro município que aboliu a escravidão no Brasil, com o processo da integração, muitos começaram a ter noção da história do município como foi no passado. Esse encontro dos jovens é o avivamento do passado sob novas perspectivas de construção cidadã.

No entanto, a formação é, em parte, a plena realização da pessoa, permitindo que os indivíduos, tanto em termos pessoais quanto coletivos, desenvolvam suas potencialidades e tenham a oportunidade de exercer sua cidadania. Desse modo, observa-se no contexto brasileiro um conjunto de esforços que visa à democratização do ensino. O processo de ampliação do acesso ocorreu principalmente entre os anos de 2000 e 2010, com a institucionalização e expansão das novas universidades públicas pelo governo federal. O fenômeno da interiorização trouxe contribuições expressivas para o desenvolvimento das regiões onde essas universidades estão inseridas. O desenvolvimento nacional e regional deve ser considerado como um princípio norteador das políticas implantadas desde o final dos anos 1990 no qual diversas políticas públicas têm sido desenvolvidas com o objetivo de ampliar a oferta de ensino superior público no Brasil (Niquito et al., 2018).

Ainda segundo os autores, a justificativa para tais políticas reside, principalmente, no fato de que o acesso da população jovem (entre 18 e 24 anos) ao ensino superior é bastante

baixo em comparação ao observado em diversos países, tanto desenvolvidos quanto em desenvolvimento. Desde então, foram criadas novas universidades federais, além da expansão de diversas já existentes. Conforme assevera Silva (2011, p.83) “o desenvolvimento humano exige uma governação democrática que corresponda às necessidades das pessoas, principalmente, dos mais pobres. Tais demandas requerem mais que políticas, instituições que assegurem os serviços públicos eficientes e inclui também processos de formação da decisão inclusiva que deem oportunidade às populações e lhes permitam responsabilizar as suas autoridades”.

Casqueiro (2020) a expansão universitária e criação de novos campi tendem a gerar crescimento e desenvolvimento dos municípios beneficiados e dos jovens que dela participam. Os efeitos da expansão de novos campi universitário reduz o percentual de pobres nos municípios de sua aplicação. Desde 1998, o Brasil vem adotando uma série de medidas, buscando promover o crescimento do ensino superior público.

na primeira fase, entre 1998 e 2002, houve a expansão do número de vagas e cursos de nível superior nas sedes das universidades federais existentes. Na fase posterior, de 2003 a 2006, ocorreu uma ampliação na oferta de cursos e vagas através da expansão em direção ao interior de diversos estados brasileiros, tendo em vista suprir a demanda das diversas regiões. Nesta fase, destaca-se a criação de novas universidades federais, bem como a criação e consolidação dos campi universitários das instituições já existentes. Por fim, na terceira fase, foi instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) por meio do Decreto no 6.096, de 24 de abril de 2007. O programa fazia parte de uma das ações integrantes do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) acrescentar em reconhecimento ao papel estratégico das universidades federais para o desenvolvimento econômico e social. Em sua formulação, o Reuni teve como principais objetivos: garantir às universidades as condições necessárias para a ampliação do acesso e permanência na educação superior; assegurar a qualidade por meio de inovações acadêmicas; promover a articulação entre os diferentes níveis de ensino, integrando a graduação, a pós-graduação, a educação básica e a educação profissional e tecnológica; e otimizar o aproveitamento dos recursos humanos e da infraestrutura das instituições federais de educação superior (Casqueiro, 2020, p. 03).

Atualmente, busca-se estabelecer novos parâmetros nas relações entre os países da CPLP, tanto no âmbito bilateral quanto no regional e multilateral, estabelecendo parcerias inclusivas pela necessidade de alianças, cooperações e coalizões mais fortes. Diante dessas evoluções, de acordo com Silva (2011, p. 53), esse processo de formação “se assenta nos seguintes pressupostos, a saber: similaridades no grau de desenvolvimento; os mesmos obstáculos para atingir níveis satisfatórios de bem-estar social; atividade potencializadora de melhores práticas e orientações sobre o uso eficiente dos recursos; e transferência sistemática e sustentada de experiências, conhecimentos e técnicas que podem ser reproduzidas”.

O fato de o Brasil ter problemas semelhantes aos dos países beneficiados, ou possuir políticas públicas exitosas no enfrentamento desses mesmos problemas, faz dele um parceiro essencial na realização de projetos de cooperação com nações da periferia do capitalismo. No âmbito dos arranjos cooperativos empreendidos pelo Brasil com os países africanos, destaca-se a atuação do país junto à Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), caracterizada pelo fortalecimento da estrutura institucional da organização e pelo oferecimento de conhecimento técnico em setores estratégicos aos outros membros do grupo (Menezes e Ribeiro, 2011, p. 9) dentre os quais o setor educativo.

O ensino superior, em muitos países, foi alvo de reformas com o objetivo de promover sua expansão, tornando a universidade um espaço de inclusão e emancipação. No plano interno do Brasil, esse discurso projetou uma universidade mais democrática, inclusiva e acessível aos diversos segmentos sociais, e, externamente, um instrumento de aproximação entre povos e nações que vivenciam as consequências da colonização e buscam superar suas adversidades sociais, políticas e econômicas por meio do intercâmbio de conhecimento científico e cultural e dos programas de integração. O surgimento da UNILAB está inserido em um contexto histórico mais amplo, caracterizado por profundas transformações políticas e sociais, tanto no Brasil quanto nos países africanos. o Brasil se posiciona como uma potência regional e um elo de integração, assumindo um papel importante na diplomacia internacional voltada para a comunidade da CPLP e PALOP.

Observa-se a desigualdade do desenvolvimento relativo, existente no bloco, neste campo o Brasil e Portugal teriam mais a dar e os outros, a receber, o que não impede os fluxos de cooperação em outros sentidos, sejam entre os países da África e o Timor-Leste ou destes para o Brasil e Portugal, em áreas de conhecimento bem específicas de modo que sua formação somente foi possível devido ao berço cultural que os países-membros têm em comum, o que abre espaço no novo século para a formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e compromissados com a necessidade de superação das desigualdades sociais diante da dispersão geográfica em que os países-membros da CPLP, se encontram Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e, recentemente, o Timor-Leste, estão inseridos, é notável que estes países realizem a nível local uma integração a outros blocos regionais como o Mercosul, a União Europeia (UE), (PALOP), (CEDEAO) entre outros Andrade (2003).

Neste contexto, entende-se na perspetiva de Andrade que a cooperação Sul-Sul contribui para melhorar a alarmante situação de vida e educação de muitos jovens da CPLP que falam o idioma de Camões, ligados por laços históricos, culturais e de solidariedade.

a CPLP serviria neste caso, para produzir um inter-relacionamento desses vários espaços regionais proporcionando novos nichos de oportunidade ações que evidenciam o alargamento e aprofundamento da cooperação entre os países na forma desta vertente, de contorno mais específico, no âmbito das Organizações Internacionais, de formato que se demonstra uma expressão crescente aos interesses e necessidades comuns no seio da Comunidade internacional (Andrade, 2003, p. 45).

Os membros do bloco à exceção de Portugal e Brasil, que alcançaram estabilidade no quesito educacional em especial o nível superior, os outros países-membros não contam com um sistema consolidado de instituição de ensino superior capaz de suprir as necessidades da população especificamente a República da Guiné-Bissau. Além disso, em relação às questões sociopolíticas, há carência de políticas públicas e institucionais capazes de aproximar as demandas da população de programas e atividades acadêmicas. Segundo Casqueiro et al. (2020, p. 5), a universidade é um importante atrativo para a fundação de novos investimentos no município, por meio do fluxo de recursos financeiros injetados pela instituição, como os pagamentos de salários dos funcionários, professores e técnicos administrativos, além da necessidade de obras, equipamentos e despesas de custeio e manutenção das instituições de ensino.

às universidades públicas não possuem somente um impacto econômico estático representado pelo efeito multiplicador do investimento, mas também apresentam impacto dinâmico sobre a economia em geral. E esse efeito dinâmico é exercido pela contribuição da universidade para aumentar o produto local, regional e nacional em função da sua atuação na formação e aperfeiçoamento do capital humano que, anualmente, se integra à produção social e à sua capacidade de transferir tecnologia para o sistema produtivo possibilitado pelo trabalho científico que ela desenvolve. Ademais, no meio universitário são inseridos vários serviços (tais como livrarias, serviços de fotocópias, atividades de lazer, restaurantes, bares e infraestrutura de alojamento e transporte entre outros), desprendendo um processo de desenvolvimento e geração de empregos, impulsionando assim o setor de serviços e comércio. A interiorização das Universidades acaba provocando melhorias na infraestrutura escolar, hospitalar, cultural, de telecomunicação, lazer e transporte de muitos municípios, tornando-os atrativos para o estabelecimento da população (Casqueiro, 2020, p. 5).

Desse modo, essa formação é voltada ao desenvolvimento social dos seus contextos específicos, seja o Nordeste brasileiro, sejam os países de língua oficial portuguesa do continente africano e asiático de modo geral a CPLP. No médio prazo, essa rede de institutos de pesquisa está gerar contributos significativos que se configura num instrumento impulsor do desenvolvimento para a comunidade, sendo uma área de interesse mútuo para todos os países do bloco.

O Brasil dispõe de instituições universitárias de alto nível em pesquisa e desenvolvimento, enquanto a Guiné-Bissau, com o apoio do Brasil, Portugal e outros países que o país possui relações bilaterais sólidas, favorecem a qualificação dos seus jovens, permitindo que eles se integrem ao esforço de produção científica e de inovações adequadas às demandas do país e do bloco da CPLP.

De acordo com Andrade (2003), a CPLP não resolve todos os problemas, mas promove a aproximação dos Estados-membros e facilita parcerias complementando e fortalecendo as ações bilaterais. Esta comunidade originou-se na Reunião dos Chefes de Estado e do Governo de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, no dia 17 de julho de 1996. Neste evento, esses Chefes de Estado deram institucionalidade à primeira organização internacional voltada para a construção da comunidade fraterna da língua portuguesa, tendo por objetivo a concertação político-diplomático entre seus estados-membros; a cooperação nos domínios econômico, social, cultural, jurídico e técnico científico e; a promoção e difusão da língua portuguesa.

Nesse sentido que os países do bloco, segundo Andrade (2003), vêm desenvolvendo muitos projetos com o objetivo de promover a aproximação em fóruns internacionais e regionais, em assuntos de interesse comum, como o comércio internacional, a luta contra a discriminação e o racismo, e a defesa dos direitos humanos. Sem exercer um papel opressor nas nações que foram colonizadas, mas sim tendo a língua como união nacional, a qual constitui um instrumento essencial para que esses países, que recentemente adquiriram sua independência, possam ter acesso a avanços e conquistas que promovam o bem-estar da população.

A formação da UNILAB transcende o fator berço cultural que a África proporcionou ao Brasil e hoje reconecta os descendentes a sua ancestralidade através do processo formativo, trata-se de uma guinada ideológica importante para a superação do passado com políticas concretas de formação cidadã. A instalação da universidade, não foi uma escolha aleatória, deve-se ao simbolismo que essa cidade representa ao ser a pioneira na abolição da escravatura no Brasil em 1883. Segundo Aldine (2016) o mesmo simbolismo acontece com a instalação do campus dos Malês na cidade de São Francisco do Conde, localizada a 67 km de Salvador, por conta de este ser o município de maior população negra declarada do Brasil com mais de 90% da população negra.

Para fortalecer os laços do bloco, foi necessário um campo intelectual, que permite aos jovens sonhar, perspectivar novos horizontes. No que tange às representações simbólicas na cidade de Redenção,

existem dois monumentos relacionados diretamente às populações negras: um denominado “Negro Liberto” e outro, “Negra Nua”. Em ambas as representações, junto aos corpos negros monumentalizados, visualizam-se as correntes quebradas. No primeiro, destaca-se a tradicional imagem de um escravizado quebrando as correntes. No segundo, a figura de uma mulher negra, ajoelhada, dócil, com as correntes quebradas e agradecendo aos céus pela liberdade (Gomes, 2021, p. 2).

A cidade conta com vários pontos turísticos, entre os quais o Museu Negro Liberto, uma fazenda localizada na entrada da cidade, onde ainda se encontram algumas peças com histórias de se arepiar e documentos, imagens que comprova a violência sofrida pela população negra. O Monumento Negra Nua, também na entrada da cidade, simboliza o caráter comemorativo do centenário da abolição (Mendes, 2019a, p. 5). Somam-se a essas perspectivas do passado os referenciais da atualidade, observados no cotidiano redencionista e espalhados pelos monumentos, pontos turísticos e museus, que ajudam na compreensão da realidade redencionista e dos antepassados dos jovens que integram o processo formativo. Segundo Silva a integração e interculturalidade se manifesta:

um brasileiro-cearense falando o Crioulo de Guiné-Bissau, uma brasileira que dança Kizomba, um angolano que dança Forró e uma guineense que pesquisa sobre a cultura indígena, dentro da UNILAB, encontram-se diferentes culturas em conexões (...) A presença de estudantes africanos/as na UNILAB, com diferentes culturas e costumes, seja na língua, no sotaque, no vestuário, na dança e na música representa um momento único de troca de conhecimento e saberes. Cada país representa uma oportunidade única e inexplicável de se interagir e conhecer “os de lá”, mesmo estando “aqui”, pois depara-se diariamente com estudantes africanos/as no Restaurante Universitário, nas salas de aulas, biblioteca, espaço de convivência e, até mesmo, na vizinhança. Por consequência, diariamente nota-se que um dos objetivos da UNILAB –integração – está se concretizando, mesmo que a passos lentos (Silva, 2020, p. 14).

Parafraseando Andrade (2003), A formação da UNILAB é a base de construção da cidadania para o bloco, que só foi possível a partir do reconhecimento do contexto histórico do passado colonial que marcou a comunidade, Esse é o fator de engrenagem que distingue a formação da (UNILAB), se a independência das colônias representou uma ruptura dos novos países de Portugal, a língua portuguesa foi, e ainda é, instrumental na construção dos novos Estados pós-revolução.

A criação da UNILAB como instituição educativa remonta a esse passado histórico da violência sobre a população negra e pela marca da liberdade, da opressão da população

preto submetida a violência colonial. A cooperação visa resgatar sua cidadania impulsionando o desenvolvimento para nações até recentemente vítimas da colonização e instabilidade político-econômica que é o caso dos países do bloco em especial a Guiné-Bissau.

o momento atual nos revela a necessidade de cooperação aos países da CPLP uma vez que esta possibilitará a reestruturação da identidade para estes que por muito tempo foram esquecidos e hoje lutam por um lugar cativo na agenda internacional. Com a formação desta Organização Internacional, estas nações estão adquirindo vozes e um poder de barganha maior para se relacionarem com outros países que estão presentes na rota do Desenvolvimento. Poderão, de uma forma geral, sair dos clichês de países excluídos da Globalização para participarem não somente como fornecedores de matérias-primas, mas também de conhecimento, de democracia, de políticas sociais. A formação desta Comunidade nos mostra que, para uma sociedade mais digna não é somente necessário o poder de compra, a economia estruturada, e sim fazer com que nações menos favorecidas aos moldes do Capitalismo possam buscar, de forma conjunta, uma participação mais ativa no cenário internacional (Andrade, 2003, p. 32).

Vale ressaltar que tanto o Brasil como os outros membros do bloco foram invadidos subjugados pelos portugueses, então este fato histórico que existe no seio do bloco influenciou políticas de cooperação no bloco principalmente no âmbito educacional o que tenha permitido aos jovens a oportunidade de vir para Brasil e cursar o ensino superior e hoje observa-se nos corredores da UNILAB um número significativo principalmente dos guineenses no processo formativo e um número significativos dos egressos.

Constituem-se aspectos da formação a produção científica, artística, social e cultural, com vistas à compreensão da dinâmica histórica da sociedade e da cultura. Os formandos e egressos da UNILAB demonstram um potencial de impacto maior, principalmente para a sociedade guineense onde atuam como quadros técnicos fatores que promovem mudanças e o desenvolvimento.

Segundo Gomes (2021, p. 3), “a cidade de Redenção e Acarape foi a primeira cidade a abolir a escravidão e libertar os escravizados em massa, mas os destinos das populações libertas e as promoções para a sua cidadania foram inconclusas”. Uma das consequências diretas da não cidadania da população liberta foi a falta de acesso à educação formal vivida pelos afrodescendentes na cidade. No pós-abolição, a cidadania não foi conquistada pelos afrodescendentes, impossibilitando que estes ultrapassassem, definitivamente, os limites históricos impostos e se tornassem os donos e as donas de seus destinos na cidade de Redenção.

a cidade de Redenção — que, em sua fundação (1868), foi denominada Vila de Acarape — está situada na região do Maciço de Baturité e localiza-se a 55 km da capital Fortaleza. Nesta cidade, considerada símbolo da abolição no Estado do

Ceará, “[...] é recorrente em seu território a alusão espacial aos fatos históricos que tiveram lugar na cidade, sendo o principal deles a libertação dos escravizados em 1883, antecipando-se em cinco anos à Lei Áurea de 1888 Gomes (2021, p. 2).

a condição das populações afrodescendentes, após a abolição, passa a ser considerada, inclusive, como a de “não cidadão”, já que não foram localizadas medidas que os beneficiassem nas dimensões conjuntas de liberdade, de participação e de igualdade. Ademais, não houve benefícios nos desdobramentos da participação nos direitos civis, políticos e sociais dos libertos na cidade da Redenção, sendo comum em suas lembranças a representação da disciplinarização e da sequência do trabalho na roça e nas casas de farinha (Gomes, 2021, p. 10).

A formação da UNILAB, proporciona sustentação e nova dinâmica nos processos de desenvolvimento e protagonistas do bloco a partir da formação. A formação gera novas perspectivas e oportunidades para os estudantes. Além de a universidade ser um centro de capacitação de recursos humanos, ela promove ganhos para as economias locais. Como diz Casqueiro (2020), a expansão das universidades trouxe um impacto positivo na renda per capita dos municípios beneficiados. A criação de novos campi reduz o percentual de pobres nos municípios, pois o maior componente da despesa da universidade está relacionado ao custo dos funcionários. Além do emprego direto de funcionários, a universidade gera empregos locais.

Programas de cooperação, tais como o da UNILAB no âmbito do bloco, são importantes, pois intensifica a vivência dos discentes e os ajuda na construção de sua realidade, nesse caminho, o processo formativo busca relações harmoniosas entre instituição e a sociedade rumo à cidadania. Com a formação tem-se a certeza de que os jovens não são as mesmas pessoas quando terminam o curso, pois os conhecimentos, habilidades e competências adquiridos permitirá uma melhor atuação e protagonismo no país ou no bloco, pois a investigação desempenha um papel significativo no desenvolvimento é a única forma de se produzir conhecimentos e evidências.

A (CPLP) apesar da dispersão geográfica e das dificuldades de cunho político e econômico dos seus Estados-membros, onde os membros vêm firmando acordo no âmbito educacional. De acordo com Andrade (2003, p. 44), Portugal assim como o “Brasil possui uma tradição diplomática o que ocasiona para a (CPLP), o surgimento de iniciativas e reações mais consistentes. Estas possuem economias maiores que os demais países da Comunidade e, portanto, maiores interesses externos ao bloco, o que pode proporcionar aos países africanos um acesso diferenciado ao mercado, e as novas tecnologias”, e desenvolvimento de estudos e pesquisas.

A UNILAB possui papel central na formação do pensamento crítico e político dos jovens, possibilitando a estes uma reflexão sobre sua vivência enquanto cidadãos em relação aos fatores que intervêm positiva e negativamente nas suas vidas. Nesse âmbito, observa-se que o ingresso no ensino superior desempenha um papel importante no processo de migração dos guineenses para o Brasil, visto que estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), de modo específico os guineenses, mudam para o Brasil com a necessidade de cursar o ensino superior, influenciados por fatores internos vividos e pela falta de oportunidades no país de origem, principalmente no setor educacional, problemas que ainda precisam ser superados.

A formação reconecta a consciência dos jovens ao passado histórico, possibilitando a construção de identidades. Para Andrade (2003), as semelhanças que impulsionaram a formação da CPLP (alicerce históricos, culturais, étnicos e linguísticos) na aspiração de se desenvolver mecanismos de desenvolvimento consolidação da realidade cultural e reitera o compromisso de reforçar os laços de solidariedade e de cooperação que os unem, conjugando iniciativas para a promoção do desenvolvimento econômico e social de seus povos. A Unilab recebe diferentes classes sociais, etnias e culturas diferentes e como tal é promotora de transformações da realidade dos mesmos, firmar-se um espaço de diálogo e formação humana. Possibilitando que os jovens, sejam sujeitos de direitos, principalmente, o direito à voz.

Segundo Benevides (2016), a mudança de mentalidades é um processo longo e continuado, que depende de vários recursos e espaços pedagógicos. A formação para a cidadania é essencialmente necessária para a sua efetivação, precisamos multiplicar espaços onde essa participação é possível. Nesta perspectiva, apesar destes países apresentarem especificidade geográfica, sistema político-econômico entre outras características próprias encontram o elo de ligação nos processos históricos “a colonização” e na língua portuguesa que as une. A Universidade trouxe um ganho considerável no campo educacional para a cidade e para os estudantes, inúmeros estudantes aqui da região não só de Redenção, mas também do maciço de Baturité que tiveram a oportunidade de estar cursando uma graduação de nível superior dentro da sua região, sem falar do crescimento intelectual que trouxe para a região.

Conforme Bolzan (2021, p. 58), a emancipação implica “na formação e nas condições de desenvolvimento profissional que precisam estar assentadas em diferentes percursos a serem delineados pelas instituições de ensino superior”. Observam-se também “efeitos de conhecimento, referentes à expansão do capital humano (aumento de escolaridade,

qualificação da mão-de-obra) e possível crescimento da área de pesquisa, que pode impactar no processo produtivo dos municípios” e nos países que integram o processo formativo. Pode-se inferir que, ao menos no curto prazo, a política de expansão universitária tende a contribuir para a redução da pobreza e integração dos jovens nos espaços de tomada de decisão. Segundo Imbernón (2011) é urgentemente desenvolver novas formas de linguagens e, sobretudo, práticas críticas alternativas que permitam desvelar o currículo oculto da organização e descobrir outras maneiras de ver o mundo, a escola e sua organização; temos de analisar o progresso de uma maneira não linear nem monolítica, integrando outras identidades sociais, outras manifestações culturais da vida cotidiana, e outras vozes secularmente marginalizadas.

a expansão da cidadania implica, além de uma ação efetiva dos poderes públicos e da pressão popular, numa mudança cultural especialmente importante no Brasil, pois implica a derrocada de valores e costumes arraigados entre nós, decorrentes de vários fatores historicamente definidos: o longo período de escravidão, que significou exatamente a violação de todos os princípios de respeito à dignidade da pessoa humana, a começar pelo direito à vida e a cidadania Benevides (2016, p. 28).

De acordo com Bolzan, (2002, p. 14) “à medida que o processo de discussão se realiza através da narrativa enquanto atividade discursiva e de dinâmica processual de desenvolvimento do discurso conjunto de vozes em interação, há possibilidade de reorganização e refinamento das ideias, concepções no e pelo grupo”. A presença dos estudantes na cidade abolicionista impactou economicamente, pois dinamizou o comércio e também teve um grande impacto na movimentação comercial. Esse resultado pode ser em decorrência da ampliação da demanda gerada pelos recursos financeiros por meio dos salários dos professores e técnicos, pelos investimentos em obras, despesas de custeio e de gastos dos alunos vindos de outra cidade. Além disso, são inseridos vários serviços, tais como livrarias, serviços de fotocópias, atividades de lazer, restaurantes, bares e infraestrutura de alojamento e transporte entre outros, desprendendo um processo de desenvolvimento e geração de empregos, impulsionando assim a economia do município.

Os nomes dos campi do Ceará, na cidade de Redenção e Acaraí — Campus da Liberdade e Campus de Palmares — simbolizam a resistência diante da opressão que ocorreu na cidade. O sistema/instituição de formação é uma construção social e, como tal, evidencia ideologias, relações de poder e concepções impostas para conceber, organizar, implementar e institucionalizar saberes.

Nessa mesma lógica, sublinha-se a afirmação de Imbernón (2011, p. 106): “a organização educacional, tal como é concebido atualmente e se desenvolve, integra as

diversas formas de desigualdade e opressão e é necessária uma ação solidária para desenvolver uma nova cultura organizacional” uma alternativa baseada em nova práxis educativas e social. De acordo com Morin (2011, p. 20) o ato “educativo deve dedicar-se, por conseguinte, à identificação da origem de erros, ilusões e cegueira”. Souza (2015), enxerga a UNILAB como espaço que representa simbolismo de resistência política para a emancipação do povo preto subjugado pelo sistema colonial e a luta contra a opressão. Os processos formativos se expressam principalmente na construção da cidadania, posto que seja este que dá aos jovens inseridos nela a identidade social, acadêmica e política própria. O contexto desse espaço acadêmico coloca em mobilidade, jovens de diferentes *status quo* em busca de uma formação acadêmica e permitindo sua inserção socialmente nos espaços de decisão seja no Brasil ou em seus países, assim como no mercado de trabalho.

Nesta dimensão reflexiva, conforme Imbernón (2011, p. 85), comprehende-se que a formação centrada na instituição educacional/escolar:

transforma-se em lugar de formação prioritária diante de outras ações formativas. (...) não é apenas uma formação com conjunto de técnicas e procedimentos, mas que tem uma carga ideológica, valores, atitudes, crenças. Não é, portanto, uma simples transferência física, nem tão pouco um novo agrupamento de professores para formá-los, e sim um novo enfoque para redefinir os conteúdos, as estratégias, os protagonistas e os propósitos da formação.

Nessa concepção, os/as estudantes organizam uma série de eventos acadêmicos e culturais refletindo sobre suas realidades. Na concepção de Cá (2009), a Guiné-Bissau precisa de uma estrutura pedagógica sólida, e neste momento não está à altura de garantir a formação para seu cidadão, dado a dificuldade do país, isso tem impulsionado o crescente aumento da demanda dos estudantes à procura da formação no exterior.

Para compreender essa imensa procura pela formação dos estudantes guineenses fora do país, Neusa Gusmão (2011, p. 3) entende que esses estudantes “movem-se de um lado a outro do planeta na busca por algo que ainda não é possível obter em seus lugares de origem em razão dos processos recentes de construção das novas nações africanas, até pouco tempo assolados por guerras e lutas. O que buscam todos é o acesso à educação, uma formação profissional que lhes dá oportunidade e os possibilita contribuir na sociedade”. O processo histórico que marca a cidade de Redenção/Acarape, onde está situada a UNILAB, demonstra que é possível e ainda precisamos produzir alteridade sobre o passado assombroso da comunidade.

A ambição de nossas reflexões é conseguir discutir. Não só a formação e emancipação, mas também analisar a percepção dos estudantes e o que a formação proporciona a partir da construção dos estudantes inseridos no processo formativo da UNILAB. A formação ou os processos educativos fazem parte do cotidiano do homem, de modo que essa realidade varia em cada contexto social na sua forma de ser efetivado, são as condições estruturantes de cada país que as determina, isto porque alguns países alcançaram um nível e estruturas consolidado e outros ainda não.

1.2 O cenário de formação, acesso e a complexidade do estado em Guiné-Bissau

Situado na Costa Ocidental da África, a Guiné-Bissau é limitada ao norte pela República do Senegal e a leste e sul pela República da Guiné-Conakry, ambos países francófonos e banhado pelo oceano atlântico. O território guineense possui uma superfície de 36.125 km². Além do território continental, o país conta com a parte insular formada pelos arquipélagos dos Bijagós, compostos por 88 ilhas e ilhéus, localizados na costa do Oceano Atlântico e separados do continente pelos canais de Geba. A Guiné-Bissau traz consigo uma imensa diversidade cultural, com mais de 25 grupos étnicos, cada um com costumes que demarcam sua particularidade, o que constitui uma característica multicultural. A língua mais falada é a língua guineense, enquanto o português é a língua oficial. O país é membro das Organizações das Nações Unidas (ONU), União Africana (UA), comunidades de países de língua portuguesa (CPLP) e da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO).

Figura 2 - Localização da República de Guiné-Bissau e suas fronteiras com a república do Senegal e Guiné-Conacri(Guinea)



Fonte: wikipedia mapa administrativo de Guiné-Bissau, disponível em <https://nlink.at/2XYX>

A República da Guiné-Bissau conquistou sua independência através de luta armada e, ao longo dos anos, tem enfrentado graves problemas relacionados à formação e apresenta alto índice de analfabetismo de acordo com o último censo realizada pelo instituto nacional de estatística de Guiné-Bissau (INE-GB, 2009), a população da Guiné-Bissau soma aproximadamente 2.000.000 de habitantes, a taxa da população masculina alfabetizada em 2009 era de 58,2% enquanto que a população feminina do mesmo ano apontava em 41,8%. No que tange ao analfabetismo a sua porcentagem era de 36,8% na população enquanto que na população feminina era de 63,2%.

Nesta perspectiva, os desafios da educação superior do País são enormes, quais sejam: maior orçamento à educação; investimento na formação docente e discente e em infraestruturas; incentivo à mobilidade de docente e de alunos; bolsa de estudo interna e externa; bom uso dos recursos financeiros, apropriação e transparência na gestão dos fundos disponibilizados pelos parceiros de desenvolvimento, como UNESCO, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional e outros Sani (2014, p. 21). A Guiné-Bissau está dividida em nove regiões administrativas: Bafatá, Gabú, Bolama, Cacheu, Oio, Biombo, Quinara, Tombali e a região autónoma de Bissau, que é a capital do país. Tornou-se independente da invasão e do domínio político português em 1973, após uma revolução armada que durou 11 anos. Esse processo foi liderado pelo engenheiro Amílcar Cabral, teórico revolucionário e comandante e fundador do Movimento de Libertação Nacional da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC).

Assim como muitos outros estados africanos pós-revolução, a Guiné-Bissau é uma república recente que tem sido marcada por instabilidade política e social ao longo de sua história pós-revolução. Segundo Ca (2005), as informações sobre o país frequentemente se concentram em crises políticas e econômicas, instabilidade social e golpes de estado. O autor ressalta que a situação educacional no país está diretamente relacionada à consolidação das instituições e vai além ao afirmar que o quadro educacional depende dessa mesma consolidação. Após a revolução que garantiu a independência, o país enfrentou vários golpes de estado, assassinatos, torturas, perseguições, censura, desaparecimentos, prisões ilegais e uma trágica guerra civil em 1998. Em todos esses episódios, as violações dos direitos humanos se mostraram constantes.

A educação formal na Guiné-Bissau é essencialmente de natureza elitista, atendendo às necessidades e interesses de uma pequena parcela da população que consegue acesso a ela. O sistema educacional pós-independência parece se conformar a essa estrutura excluente, resultando em oportunidades limitadas para a maioria da população. O Estado, por sua vez, não assegura uma formação de qualidade devido às frequentes instabilidades políticas, e a

educação permanece um tema de contestação ao longo dos anos, pois foi historicamente negada à população local desde o período de colonização portuguesa aos dias atuais.

No que concerne a formação de quadros, em especial, o país tem enfrentado inúmeras dificuldades, a saber: orçamento restrito, falta de formados, infraestrutura precária, falta mobilidade docente e de estudantes, bolsa de estudo interna, fraqueza na gestão das instituições de formação e por fim, a falta de cumprimento das leis aprovadas, pelo governo, para o sistema educacional guineense, entre outros Sani (2014). Ainda segundo ele, a maioria das IFS concentra-se na capital Bissau, de modo que as regiões do país ficam quase desprovidas delas. A maioria das escolas concentra-se na capital, Bissau, assim sendo, anualmente, muitos jovens residentes em regiões afastadas seguem para a capital à procura de melhoria para a sua formação, nota-se lacunas na oferta de cursos.

Estabelecer um debate em relação à temática da formação/emancipação e compreendê-los, sobretudo na sociedade guineense, que ainda vive profundos processos de instabilidade, exige que façamos uma reflexão profunda sobre a cidadania e as implicações da formação em defesa e promoção dos direitos humanos. Sobretudo se pensamos num contexto pós-revolução do país, considero que as respostas a essas questões ainda estão em aberto. Infelizmente a Guiné-Bissau tem enfrentado vários ciclos de instabilidade política e fragilidades das instituições públicas que marcam a história da formação dos jovens e a educação do país.

O processo de formação na Guiné-Bissau teve início tardio devido à política colonial que não demonstrava interesse em desenvolver a educação além do básico. A primeira fase da educação formal e sistematizada no país, começou durante a invasão portuguesa, abrangendo o período de 1446 a 1963 quando deu início de revolução pela libertação do país do jugo colonial. Após o início da revolução que garantiu a independência em 1973, apenas um número ínfimo de guineenses teve acesso à escola (Sani, 2014). Segundo o autor, Portugal pouco investiu na educação da população guineense em comparação a outros países como Angola, Moçambique, e também pouco se investiu em comparação com os invasores ingleses e franceses a “França e Inglaterra”, em suas regiões ocupadas, como Gâmbia e Senegal, respectivamente.

Segundo Mendes (2019), o congresso do PAIGC, realizado em Cassacá, constitui um marco histórico no qual foram lançadas as bases para a organização da concepção de educação e formação destinada à população majoritariamente camponesa, que havia sido abandonada pelo sistema colonial. Nesse congresso, defendia-se a criação de uma escola popular, voltada para a democratização do acesso ao conhecimento, permitindo que todos

pudessem alcançar instruções mínimas. Esse processo foi iniciado durante a revolução e a luta armada nas zonas libertadas, de acordo com Mendes (2019, p. 64).

as escolas nas zonas libertadas contribuíram para a formação cidadão dos guineenses, pois continuava a aumentar pouco a pouco, o número das escolas na medida em que a luta estava evoluindo, foram construídas várias modalidades de escolas para assegurar a educação da população autóctone que eram rejeitados e esquecidas através de princípio de seletividade e de discriminação que a educação colonial praticava.

As descolonizações impulsionou a nova fase de acesso aos direitos educativos principalmente em relação a formação de quadros. No entanto, na fase pós-revolução, o processo educacional absorveu os vícios da instabilidade política e social, o que continua a minar seu desenvolvimento até os dias atuais. Na Guiné-Bissau, a formação começou a se expandir para um número maior de pessoas com o início da revolução nas zonas libertadas. Além de ter um caráter alfabetizador, essas iniciativas simbolizavam a resistência contra a opressão colonial, uma vez que o sistema colonial buscava desconectar os guineenses de sua realidade e a nova fase buscava a reintegração. A partir do início da luta em 1963, o Estado da República da Guiné-Bissau começou a adotar formas dinâmicas para estabelecer instituições de formação, visando responder aos desafios enfrentados pelo país em relação à necessidade de capacitação de quadros e ao desenvolvimento consequente.

O PAIGC buscou disseminar a educação no país, garantindo o acesso à escola para os guineenses. No entanto, apesar dos esforços a Guiné-Bissau enfrenta sérios problemas, como a falta de professores, materiais didáticos e infraestruturas escolares, além das sucessivas greves dos docentes que exigem melhores em condições de trabalho somando a isso a permanente instabilidade político-militar, o que fragiliza ainda mais o sistema de ensino (Sani, 2014, p. 15). Com a independência, a Guiné-Bissau passou a firmar acordos com alguns países, especialmente os do Leste, para a formação de quadros, através de incentivos como bolsas de estudo, visando o desenvolvimento do país (Sani, 2014, p. 16).

A formação acadêmica e educacional é um tema que tem preocupado a comunidade guineense desde os períodos coloniais até os dias atuais.

ao raiar da independência, a Guiné-Bissau possuía dezessete quadros de formação média e quatorze de formação universitária". Nesta condição, tornar-se-ia muito difícil para o país trilhar o caminho do desenvolvimento, sendo uma das razões da luta de libertação nacional. As autoridades, cientes desta situação, assinaram acordos de formação técnico e superior dos guineenses nos principais países, entre os quais, Bulgária, URSS, Cuba, Brasil, França, Argélia, Senegal e Portugal. Contudo, a ideia era sempre apetrechar o país de estruturas de formação que pudesse albergar maior

número de estudantes em função das necessidades prementes do país (Sanhá, 2009, *apud* Sani, 2014, p. 8).

Apesar de todas as complexidades e as dificuldades das circunstâncias que se encontrava nas escolas das zonas libertadas, estas foram fundamentais para combater o analfabetismo herdado pelo sistema colonial assim como os complexos de inferioridade criada pelos invasores portugueses. Havia abertura de acesso ao sistema de ensino para o povo que tinha sido oprimido pelo sistema colonial, saber ler ou ter uma instrução são os desígnios que o país buscava assegurar para todos no sentido de transformação social, dando oportunidade de acesso para a maioria da população. Segundo Cá (2005), a formação de quadros guineenses, assim como a evolução do sistema educacional, reflete o estado histórico de desenvolvimento do país. Falar sobre a formação de quadros na Guiné-Bissau é um grande desafio, especialmente considerando que o acesso à educação pública de qualidade apresenta um panorama pouco motivador, particularmente no que diz respeito à formação e ao acesso dos jovens.

A formação cidadã possui quatro características distintas: o período anterior à invasão, o período da invasão portuguesa, o período da luta pela independência e o pós-revolução. Antes da chegada dos invasores portugueses, a formação tinha um caráter essencialmente oral, no qual eram transmitidos costumes e tradições de geração em geração. Embora não houvesse instituições escolares, existia um processo de ensino e aprendizagem que permitia aos jovens exercer sua cidadania na comunidade, orientados por rituais de iniciação do grupo, orientadas pelos mais velhos. No entanto, com a invasão portuguesa no século XV alterou essa dinâmica, dando início à imposição de uma formação institucional que privilegia um pequeno número de pessoas, com o objetivo de sustentar a ideologia colonial. Essa nova abordagem buscava inserir os povos nativos nos costumes portugueses, anular ou aniquilar a cultura e as tradições locais, resultando em um processo formativo que incutia a ideologia colonial, do qual apenas poucos nativos participavam.

O período de luta até o golpe de 1980 visava reverter a situação colonial, abrindo acesso para todos. No entanto, o período pós-revolução foi marcado por um golpe que substituiu as lideranças da luta, e o país passou a vivenciar um novo quadro de instabilidade política, que persiste até os dias atuais. A Guiné-Bissau é um Estado em processo de consolidação de suas instituições públicas." Segundo Cá (2005), a educação, após a independência, teve a função de transformar a estrutura imposta pelo colonialismo português, buscando adaptar-se à realidade do país e combater o analfabetismo, que atingia 90%, considerado uma das sequelas do descaso com a educação durante o período colonial. O país,

de fato, regrediu em todos os aspectos, uma vez que a cúpula dos dirigentes políticos que lideraram a nação nas últimas quatro décadas após a revolução não reconheceu o valor da educação, perpetuando uma cíclica instabilidade político-social. A nova geração de jovens guineenses busca oportunidades de formação onde quer que possam encontrá-las, entendendo que essa busca é essencial para sua construção individual e coletiva, princípios fundamentais para a transformação da realidade social e política do país.

No período da luta pela independência, iniciou-se a ampliação do acesso à educação para a maioria da população. No entanto, enquanto o período pós-revolução foi marcado pelo retrocesso, a educação foi minada pela instabilidade política. De acordo com Mendes (2019, p. 73), a Guiné-Bissau, após ter sofrido a invasão portuguesa durante cinco séculos até a sua independência em 1973, viu que as autoridades portuguesas não se preocupavam em criar uma infraestrutura adequada durante o período colonial, especialmente no que diz respeito às questões sociais. Isso explica a alta taxa de analfabetismo que o país herdou após a independência, que chegou a 99%. Essa situação reflete a baixa dimensão quantitativa da realidade socioeducativa e da estrutura socioeconômica do novo estado recém-independente, cujos efeitos foram muito negativos para o desenvolvimento do país e para a melhoria das condições de vida da população.

Desde a invasão colonial, o país tem enfrentado grandes desafios na formação de recursos humanos ao longo dos cinco séculos de domínio português e também nas décadas que se seguiram à revolução. A dificuldade de formar quadros a nível interno é acentuada pela falta de estrutura; como afirma Cá:

a fundação da Guiné-Bissau como independente foi precedida por séculos de colonização que, para além da pauperização do território (pois país não havia potencialmente rico, deixaria como herança um bem magro e pecúlio; a Guiné-Bissau, talvez em recompensa pela rebeldia dos seus cidadãos foi deixado sempre para trás. Senão vejamos a última ex-colônia a dispor do ensino secundário, somente em 1958 foi dotada de um colégio liceu, o liceu Honório Barreto. A Guiné-Bissau foi invadida em 1446, por Nuno Tristão, após dois séculos não havia praticamente nenhum sinal da atividade educacional dos portugueses (Cá, 2005, p. 44).

A reforma educacional, realizada sob pressão de organizações internacionais, abriu caminho para uma nova política neoliberal. A oferta educativa passou a ser considerada um pilar básico para o crescimento econômico, resultando na descontinuidade da política educativa no período pós-colonial em Guiné-Bissau (Mendes, 2019). Muitas famílias enfrentam limitações para arcar com os custos da formação de seus educandos, uma vez que a maioria das Instituições de Ensino Superior (IES) cobra taxas de matrícula e mensalidades.

Portanto, é necessário que o Estado implemente uma política de bolsas de estudo, tanto internas quanto externas, para alunos com bom desempenho acadêmico que venham de famílias consideradas pobres. Alternativamente, o Estado deveria assumir todas as despesas da universidade pública, reconhecendo-a como um vetor de desenvolvimento (Sani, 2014).

Nesse contexto, “as demandas do país em relação à formação de recursos humanos aumentaram durante a luta, mas no pós-independência não havia condições para assegurar formação a nível interno. Para atender a essas demandas, muitos guineenses foram enviados para aprimorar seu nível de formação em países com os quais a Guiné-Bissau mantinha cooperação” (Mendes, 2019, p. 81). Esta prática continua até hoje, pois o país enfrenta sérios problemas, especialmente a instabilidade política e dificuldades econômicas.

o país tem se deparado com problemas de infra-estruturas, visto que é evidente a falta de salas de aulas, carteiras, quadros giz e outros, sem contar com a crônica irregularidade de fornecimento de corrente elétrica nas instituições de formação. Assim sendo, por um lado, muitas instituições alegam, entre outros problemas, receber maior número de estudantes por falta de salas equipadas e, por outro lado, as instituições que se arriscam a receber maior número de estudantes, acabam constituindo turmas de alunos fora do controle pedagógico do professor (Sani, 2014, p. 20).

Devido aos fatores mencionados, o país não conseguiu avançar significativamente no setor educativo, refletindo-se nos índices de analfabetismo existentes. Por essa razão, o Estado sempre dependeu de ajuda externa para a formação local ou de cooperação, o que lhe permite enviar estudantes para outros países a fim de suprir a lacuna na qualificação dos recursos humanos. O legado colonial continua a ser um obstáculo para o desenvolvimento de vários países africanos, não apenas da Guiné-Bissau, que ainda não encontrou seu próprio caminho em termos educacionais para garantir uma formação cidadã que permita ao cidadão exercer plenamente sua cidadania. Os problemas estruturais deixados pela colonização tornaram difícil encontrar soluções a curto prazo nos primeiros anos após a independência.

Para superar a barreira da escassez de recursos humanos qualificados, que inclui a falta de infraestrutura, materiais didáticos, equipamentos, professores, técnicos administrativos e meios de transporte, Mendes (2019, p. 74) destaca a gravidade da situação. Diante desse cenário, a Guiné-Bissau busca aproveitar oportunidades de cooperação internacional para formar cidadãos no exterior, estabelecendo acordos educacionais com países como Portugal, Cuba, Rússia, Senegal, China e Brasil, entre outros (Sani, 2014).

Não se sabe quando essa triste realidade será revertida, especialmente porque os governantes não percebem a importância da formação cidadã, resultando em um baixo

investimento. Isso significa que a educação não constitui prioridade nas agendas dos sucessivos governos, tampouco na política do Estado, que deveria usá-la como principal instrumento para contribuir para o desenvolvimento planejado do país. Para Sani (2014, p. 21), o Orçamento Geral do Estado (OGE) deve consagrar prioridade à educação. Pois, ao longo dos tempos, o montante disponibilizado para educação tem se resumido geralmente às despesas correntes, sem margem para grandes investimentos que comportam este nível do ensino.

Na análise feita por Silva (2011) sobre a cooperação Sul-Sul para o desenvolvimento da Guiné-Bissau, conclui-se que, após a revolução independentista, há uma grande escassez de instituições para a formação de recursos humanos a nível interno. Entre os principais problemas identificados estão: a) a fragilidade das instituições públicas, gerada pela recente emancipação nacional e pelos constantes conflitos políticos em matéria de educação e desenvolvimento de recursos humanos; b) a escassa transparência das contas públicas; c) a falta de quadros técnicos; e d) o acesso limitado dos jovens à universidade, entre outros.

Segundo Mendes (2019), entre 1978 e 1988, o setor da educação recebeu do orçamento geral do Estado entre 14% e 17%, percentual que diminuiu para 10% em 1995 e atualmente varia entre 10% e 13%. No entanto, a escassez de recursos financeiros destinados à educação transformou o setor em uma área débil e vulnerável. É preciso preparar os cidadãos para enfrentar as dinâmicas econômicas, sociais, políticas e ambientais do mundo contemporâneo.

A instabilidade política impediu a criação de medidas para a formação em Guiné-Bissau, assim como dificultou o reforço do orçamento destinado ao setor. O financiamento da educação é um problema estrutural no país, que infelizmente não tem sido tratado como prioridade nas agendas dos sucessivos governos. Segundo Cá (2005), a configuração da organização política na Guiné-Bissau é instável e está permanentemente submetida aos impactos das mudanças políticas e econômicas globais.

Nas percepções do autor é notório que as consecutivas instabilidades políticas e os condicionamentos econômicos sustentam o insucesso na formação, distanciando os jovens do sistema educacional e quebrando o direito de todos à educação, conforme plasmado na Constituição de 1996. Na qual em seu artigo 49º, a educação é reconhecida como um direito de todos os guineenses, e, portanto, o Estado é obrigado a garantir o acesso a um nível de instrução mínima que permita a contribuição de cada cidadão para o desenvolvimento do país. Este direito é crucial para a afirmação do indivíduo, pois possibilita sua participação técnica na sociedade à qual pertence.

Contudo, a conscientização e a consolidação desse direito depende em grande parte da estabilidade política e social, que não tem sido plenamente alcançada em Guiné-Bissau desde a independência. O país enfrenta sérios problemas no setor de ensino. Segundo Cá (2005), com a liberalização econômica nas décadas 1990, começou o descaso com a educação. Essa decadência parecia afetar todos os setores da Guiné-Bissau, e o sistema educacional foi gravemente prejudicado em todas as suas condições. As escolas começaram a se deteriorar, com instalações precárias e profissionais mal preparados, que ofereciam um ensino compatível com seus próprios salários. A situação era marcada por um constante ciclo de instabilidade política e educacional, greves no setor educativo, infraestrutura inadequada e fraca capacidade de mobilização e qualificação dos recursos humanos. No entanto, “registra-se o aumento das instituições de formação de iniciativa privada no país, principalmente entre 2003 e 2012” (Sani, 2014, p. 11).

acesso à educação superior, a cobrança feita quer de matrícula, quer das mensalidades praticadas em algumas instituições de formação pública e privada do país, e a procura de ingressar nas IFS tem aumentado gradualmente, é uma situação desfavorável do país, em termos de acesso à educação superior, em relação a outros estados-membros da sub-região (Sani, 2014, p. 20).

De acordo com Aldine (2016), a formação acadêmica é um sonho vislumbrado por muitos guineenses. A busca por estudos no exterior reflete as limitações do sistema educacional da Guiné, que ainda apresenta as marcas dos modelos anteriores, aliada ao lento processo de desenvolvimento do país. Assim, grande parte da população enfrenta dificuldades no acesso ao ensino superior. Desde a abertura democrática na década de 1990, nenhum governo eleito democraticamente conseguiu completar um ciclo de mandato, e essas instabilidades têm repercuções negativas no desenvolvimento socioeconômico da nação, afetando de maneira negativa especialmente o setor educacional.

O fluxo de jovens guineenses em busca de oportunidades no exterior tem aumentado devido à instabilidade política do país, que gerou rupturas em diversas áreas do desenvolvimento social. Essa situação traz enormes dificuldades para a concretização do projeto de reconstrução nacional, especialmente no que diz respeito à formação qualitativa e quantitativa de profissionais capazes de enfrentar os novos desafios dessa reconstrução e honrar a bandeira do progresso estabelecida durante a revolução nacional. Para muitos jovens guineenses, estudar ou buscar formação fora do país significa procurar conhecimentos técnicos em instituições de nível superior, com o objetivo de obter um diploma que os permita inserir-se socialmente no mundo e exercer sua cidadania.

É essencial considerar a formação dos recursos humanos como reflexo da sociedade que a produz. Construir um diálogo sobre formação a partir da perspectiva dos estudantes guineenses na UNILAB e sua contribuição para a sociedade é fundamental para entender os processos de emancipação individual e coletiva, uma vez que o discurso sobre formação está ancorado em contextos históricos. Esse debate busca oferecer uma visão crítica dos fatores que levam os jovens a buscar educação no exterior e ressaltar a importância da formação para o desenvolvimento do país e o pleno exercício da cidadania.

1.3 Do processo seletivo a inserção dos estudantes guineenses na UNILAB

O Brasil, no âmbito da cooperação voltada ao ensino superior, oferece diversas oportunidades de estudo aos estudantes da comunidade de língua oficial portuguesa, especialmente aos países africanos de língua portuguesa, através de diferentes programas de apoio. Nos últimos anos, o que tem chamado mais atenção é a criação da UNILAB e seu impacto nos países parceiros, assim como nos processos seletivos que concedem bolsas de estudo, que atraem um número considerável de estudantes de várias regiões.

A inserção dos jovens no processo formativo exige considerar não apenas a diversidade de nacionalidades, mas também de culturas e etnias. A distribuição espacial e a conformação heterogênea de grupos, com forte sentido de localidade e ajuda mútua, bem como fatores relacionados à forma de moradia, condição familiar, econômica e de gênero, entre muitas outras complexidades, não podem ser pensados como parte de uma realidade homogênea. Esses jovens pertencem a diversos contextos nacionais e étnicos. Dentre os países beneficiários dessa política externa estão: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Para a concessão de bolsas de estudo no Brasil, todos esses países são obrigados a atender a vários critérios elaborados por instituições e universidades. Além disso, os estudantes devem realizar provas de admissão, que são enviadas para países parceiros por meio de uma comissão de fiscalização responsável por essa tarefa, em colaboração com os consulados brasileiros. Por fim, as provas são levadas ao Brasil por essa comitiva, a fim de serem corrigidas, e os resultados preliminares e finais são posteriormente publicados.

Isso resultou em um grande fluxo anual de estudantes da CPLP para o Brasil, permitindo que se formem em diversas áreas do conhecimento. O BHU, de caráter interdisciplinar, oferece 320 [trezentas e vinte] vagas em cada ano letivo, no turno noturno, a serem preenchidas segundo as normas e as regras de acesso ao ensino de graduação definidas

pelos Conselhos Superiores da UNILAB. Atualmente, o acesso às vagas ocorre duas vezes por ano, através de 1) seleção feita através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), organizado pelo Ministério da Educação (MEC), considerando a lei Nº. 12.711/2012 que trata das cotas sociais; 2) Processo Seletivo de Estudantes Estrangeiros (PSEE) para candidatos/as da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e 3) através dos editais especiais realizados pela universidade, como por exemplo, os editais para povos indígenas, comunidades quilombolas e tradicionais, pessoas Trans, graduados, transferidos e de mudança de curso (Resolução CONSUNI/UNILAB Nº 40, de 20 de agosto de 2021 - Aprova a instituição e regulamentação do Programa de Ações Afirmativas da UNILAB). O objetivo do curso é formar bacharel e bacharela em Humanidades oferecendo formação de competências e habilidades teórico-metodológicas para o ingresso no mundo do trabalho, e/ou para continuidade na vida acadêmica no segundo ciclo de formação (Licenciaturas e Bacharelados) e/ou nos programas de pós-graduação.

Criado pelo governo brasileiro, o critério de seleção para estudantes africanos na UNILAB prioriza aqueles com 18 anos ou mais e ensino médio completo. Os alunos que se destacam nos exames realizados pela embaixada do Brasil na Guiné-Bissau têm o direito de cursar a graduação gratuitamente nas universidades públicas brasileiras. A instituição visa formar profissionais tanto brasileiros quanto africanos e asiáticos, com as vagas sendo distribuídas de maneira justa: 50% para o Brasil e 50% para os países-parceiros.

Observa-se um número significativo de guineenses nos cursos presenciais de graduação da UNILAB. Excluindo o Brasil, que representa metade dos candidatos nos processos seletivos, a Guiné-Bissau é o país que conta com o maior número de estudantes na instituição. Como menciona Aldine (2016, p. 68), atualmente há um total de 2.888 estudantes provenientes de países de língua portuguesa, sendo a maioria deles de países africanos.

é possível ver a presença mais que significativa dos estudantes guineenses na UNILAB em relação aos outros países africanos. Em parte, pode-se explicar isso através do envio de vagas não preenchidas dos países africanos para os candidatos classificáveis de outros países com demandas, nesse caso a Guiné por ter mais demanda, mas que atualmente foi cortado e passou-se a enviar essas vagas para os estudantes brasileiros. O corte desse envio de vagas compromete o já comprometido ideal de 50% para africanos e 50% para brasileiros. Número dos estudantes na UNILAB nos cursos de graduação presenciais Angola 72; Brasil 2.084; Cabo Verde 87; Guiné-Bissau 473; Moçambique 26; São Tomé e Príncipe 77; Timor-Leste 69; Total: 2888.

Na UNILAB, a cada ano registra-se um aumento no número de guineenses ingressantes. Isso significa que, além do Brasil, a Guiné-Bissau possui mais estudantes nessa

instituição em comparação com outros países da CPLP. Em termos quantitativos, segundo a Diretoria de Registro e Controle Acadêmico (DRCA, 2020), o Brasil conta com 3.009 estudantes matriculados em cursos presenciais, todos com status ativo. A Guiné-Bissau tem 493 estudantes, seguida por Angola com 285, São Tomé e Príncipe com 43, Moçambique com 42, Cabo Verde com 39 e, por último, Timor-Leste com 7 graduandos.

Segundo os dados disponibilizados no site da Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais, na Coordenação de Seleção, Acolhimento e Acompanhamento do Processo Seletivo de Estudantes Internacionais da UNILAB, observa-se uma alta demanda por parte dos jovens guineenses em busca de formação profissional. Em 2019, inscreveram-se no processo seletivo da UNILAB 2.520 estudantes guineenses; em 2020, foram 2.046; em 2021/2022, o número de inscritos atingiu 3.137; e em 2023, registrou-se um total de 3.053. Esses números refletem uma preocupação e evidenciam as dificuldades enfrentadas pelo país em relação à educação, especialmente em garantir uma formação qualificada a nível interno. Nesse contexto, os estudantes veem o Brasil como uma solução, principalmente no que diz respeito à qualificação técnica.

O fraco índice de desenvolvimento humano, as crises econômicas e instabilidade política que o país enfrenta influenciam a emigração de muitos guineenses desde a década de 60 com o início da revolução e intensifica após o primeiro golpe de estado em 1980. Assim, os jovens guineenses buscam na migração uma melhor condição de vida, e no caso dos jovens estudantes guineenses, migram para outros países com a necessidade de ter uma formação superior que lhes possibilita melhores condições de vida, pois o país a deixa sem opção. A maioria dos estudantes da Guiné-Bissau que conseguem bolsas de estudos para cursar o ensino superior na UNILAB vem de famílias de baixa renda. Conseguir uma bolsa de estudos na UNILAB é um desafio significativo não apenas para os guineenses, mas também para estudantes de outros países da CPLP. Uma das principais dificuldades está relacionada ao grande número de candidatos em relação às vagas disponíveis, que são limitadas.

2 DIMENSÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Neste tópico, aborda-se a metodologia que norteou a pesquisa, detalhando como o trabalho foi conduzido até a fase final, demonstrando os sujeitos da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos adotados ao longo do processo. Compreende-se que toda produção científica se caracteriza pela utilização de um método ou procedimento do trabalho. Segundo Lakatos (2010), métodos e técnicas de pesquisa consistem em um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia de tempo, permitem alcançar os objetivos, detectar erros e auxiliar nas decisões do pesquisador.

Sendo assim, para a concretização deste trabalho, utiliza-se a abordagem qualitativa. Segundo Chizzotti (2003), o termo qualitativo implica uma interação profunda com pessoas, fatos e locais que constituem os objetos de pesquisa, a fim de extrair, desse convívio, os significados visíveis e latentes que são percebidos apenas por uma atenção sensível. Para isso, nesta pesquisa serão utilizadas diversas técnicas para coletar informações referentes à realidade pesquisada. A base de sustentação do trabalho foi a pesquisa qualitativa e suas diversas técnicas para a extração dos dados. Essa abordagem oferece informações precisas sobre a percepção dos estudantes guineenses em relação ao processo de formação docente oferecido, considerando sua qualidade pedagógica e a utilidade futura em seu país. Nesse intuito, as técnicas utilizadas fundamentam-se nas abordagens qualitativas: levantamento, revisão bibliográfica e entrevistas, com o objetivo de atender aos objetivos da pesquisa. Essas técnicas não apenas favorecem a aproximação com o nosso objeto de pesquisa, mas também constituem o caminho pelo qual se formula nosso entendimento sobre a realidade investigada, permitindo alcançar resultados e conclusões significativas, os dados ou as informações obtidas permitem um entendimento aprofundado do recorte em estudo.

A abordagem qualitativa privilegia análise qualitativa dos fatos produzidos pelos entrevistados concentrando no significado e nas interpretações subjetivas dos fatos por trás das respostas e explorar as complexidades das vivências e percepções dos participantes. Dessa forma, uma análise qualitativa oferece uma compreensão mais rica e detalhada das situações investigadas. Segundo Deslandes (1994, p. 25), “o campo é o palco de manifestação de intersubjetividade e interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”. Com isso em mente, realizou-se uma viagem à cidade de Redenção e Acaraí, no Ceará, onde encontram-se sediadas três unidades ou campus da UNILAB, para conduzir as entrevistas. O foco foi direcionado aos estudantes que estão em processo formativo e que tiveram concluído o bacharelado em humanidade na instituição, também

aqueles que já concluíram seus cursos de licenciatura em pedagogia, história e sociologia. Para isso, viajei para a universidade e, a minha inserção na UNILAB foi fundamental para a coleta e conclusão deste trabalho, uma vez que os relatos mencionados mais à frente foram obtidos na própria universidade, por meio da coleta das entrevistas concedidas pelos estudantes em formação e os formados na instituição.

Assim sendo, a metodologia é o caminho percorrido ou que o investigador percorre para a coleta de dados, visando explicar um determinado assunto ou recorte em estudo. Esses procedimentos são, portanto, resultado de determinações teóricas e ideológicas que buscam captar a realidade. Lakatos também explica que:

a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis em qualquer campo de conhecimento. A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com métodos de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (Ander-Egg, 19978 *apud* Lakatos 2010, p. 139).

Nesta perspectiva, observa-se a aplicação de técnicas em diversas pesquisas, o que constitui uma das formas de sustentação da prática científica. Para (Lakatos, 2010, p. 169), independente da natureza da pesquisa, “deve-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na definição da amostra, que deve ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões” .

Nesta mesma lógica, Deslandes (1994, p. 16) afirma que “a metodologia é o caminho do pensamento e da prática da realidade exercida na abordagem da realidade. (...) Isso inclui as concepções teóricas da abordagem e o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o alcance de um determinado objetivo.” As técnicas de pesquisa utilizadas neste estudo é um guia intencional de coleta das informações sobre o problema em estudo, visando uma resposta ou uma compreensão parcial e conclusiva do recorte.

As entrevistas foram realizadas presencialmente. Durante minha estadia em Redenção e Acarape, também fiz observações e anotações que apoiam as conclusões sobre a dinâmica do processo formativo, com o objetivo de dar mais profundidade ao trabalho e ampliar o entendimento sobre a temática em questão. Além disso, a observação permitiu enriquecer a compreensão teórica, a partir das análises realizadas e da revisão da literatura, contribuindo para uma melhor compreensão do objeto de estudo. O trabalho cumpriu quatro etapas, sendo a primeira uma revisão bibliográfica, a segunda, a construção dos elementos de pesquisa, a

terceira a realização das entrevistas (pesquisa de campo) e análise do material coletado e a quarta a redação do trabalho final.

O primeiro momento desta pesquisa foi iniciado com a pesquisa bibliográfica e revisão da literatura, tanto para a contextualização do nosso objeto de estudo quanto do contexto em que se materializa a formação. A revisão bibliográfica privilegia os fatos produzidos pelos pesquisadores que me antecedem, enriquecendo o conhecimento, esta é a base que permite confrontar as investigações anteriores à realidade vivida cotidianamente da atualidade, das identidades e representações sociais no processo formativo dos guineenses na UNILAB. Deslandes (1994) faz entender que a revisão da literatura é o momento em que o pesquisador, de certa forma, se coloca frente a frente com seus próprios desejos e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse. Portanto, trata-se de um confronto de natureza teórica, que não ocorre diretamente entre o pesquisador e os atores sociais, mas sim no âmbito da compreensão de uma realidade peculiar dentro de um contexto histórico-social a ser compreendido.

Esse processo também serviu como suporte de consulta constante ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Como técnica, a revisão bibliográfica foi essencial para a compreensão do fenômeno, considerando que a academia está em constante dinâmica de compreensão, elaboração e atualização dos fenômenos. Dado que as produções acadêmicas não são estáticas, a revisão nos acompanhou durante toda a pesquisa até sua fase final.

Esta técnica esteve fundamentada no entendimento de Lakatos (2010), que comprehende a pesquisa bibliográfica como um meio que abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. O autor coloca o pesquisador em contato com o máximo de material escrito, oferecendo meios para resolver questões, explorar novos problemas e proporcionar novos enfoques e conclusões inovadoras.

Nesse contexto, a dinâmica do nosso trabalho centrou-se em livros, teses, monografias e artigos, selecionados nas bases de dados de teses e dissertações, scielo, tendo como palavras geradoras as palavras-chave e o título do trabalho o que permitiu acessar trabalhos com proximidade com a temática compreendendo um período temporal dos últimos 20 anos, isso amplia nosso horizonte sobre o fenômeno em estudo, com o objetivo de apoiar as conclusões. Foram feitas revisões textuais para fundamentar o objeto de estudo, utilizando os registros disponíveis que tinham maior proximidade com a temática em análise, permitindo, enquanto pesquisador, conhecer e aprofundar o assunto com base nas contribuições existentes, projetando assim novos entendimentos. Portanto, essa técnica sustentou uma das fases que nortearam a pesquisa de maneira contínua até que se alcançasse a conclusão.

Por último, aplicou-se a entrevista, um diálogo para a exploração da percepção diretamente com os estudantes guineenses sobre o seu processo formativo, sendo eles parte ativa que experienciaram esse processo. Segundo Lakatos (2010, p.179), “a entrevista tem como objetivo principal obter informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema, buscando conhecer o que as pessoas pensam sobre os fatos e inferir que conduta poderão adotar no futuro”. Utilizamos a entrevista semiestruturada para explorar amplamente o problema em estudo, guiada pelo roteiro elaborado com as perguntas da pesquisa, tendo como norte os objetivos do trabalho. No entanto, deu-se total liberdade ao entrevistado, permitindo-lhe expressar suas opiniões e sentimentos. Enquanto entrevistador, limitei-me às perguntas sem comentários, deixando o informante entrevistado falar sobre o assunto em estudo, a abordagem nos permite realizar o exercício analítico sobre as manifestações dos estudantes entrevistados.

Pode-se dizer que a entrevista, enquanto método de pesquisa social, cria uma conexão qualitativa profunda no campo das ciências sociais. Ela, em suas diferentes formas, possibilita o acesso a informações mais ricas sobre as percepções, vivências dos indivíduos, exigindo atenção para a sua natureza como uma relação intersubjetiva entre pesquisador e entrevistado. Nesse processo, destaca-se a importância da interação entre as partes para o bom desenvolvimento da pesquisa. Essa interação, que vai além da entrevista, é restrita pela camada de conhecimento sobre o tema, o que torna uma característica comum nas abordagens descritas. Esse conteúdo e a compreensão da forma da entrevista científica fazem dela uma ferramenta autorreflexiva, ampliando as possibilidades de conhecimento sobre o outro. Ela estabelece um diálogo com a visão de mundo do entrevistado, permitindo o acesso à sua compreensão sobre as percepções dos estudantes guineenses.

De modo preciso, os entrevistados exploram sua própria experiência, resgatando sentimentos e observações obtidos durante o processo formativo, avaliando até que ponto essa formação o emancipou, transformou e foi útil para sua realidade. Para isso, seguimos o roteiro com questões elaboradas e escutei de forma atenta às manifestações, mantendo o controle da entrevista. No entanto, comprehendeu-se que a entrevista, por sua natureza interativa, sempre exige negociação no sentido de obter informações detalhadas. Segundo Lakatos (2010, p. 178), “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma consiga obter informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Trata-se de uma técnica útil de coleta de dados neste intuito o uso da técnica foi fundamental para a obtenção dos dados dos estudantes sobre o objeto de estudo. Durante sua

aplicação, foi utilizado a língua guineense, português e um gravador para posterior transcrição e análise das falas.

Desse modo, para que as entrevistas ocorressem, se fez necessário o deslocamento para a cidade de Redenção, no estado de Ceará, onde os dados foram coletados, o que me permitiu alcançar os resultados do trabalho. Esse deslocamento ocorreu no mês de outubro de 2023, e a permanência no campo foi de três meses, período em que realizei a aproximação e condução das entrevistas. Deslandes (1994) chama nossa atenção para o fato de que cada dia de trabalho deve ser refletido e avaliado com base nos objetivos preestabelecidos, respeitando as manifestações dos sujeitos pesquisados.

Esta fase consistiu na maior aproximação com o campo de investigação, ouvindo e analisando a compreensão dos entrevistados sobre sua formação. Essa abordagem nos permitiu obter dados objetivos e subjetivos com os estudantes entrevistados. O diálogo foi estabelecido com os estudantes dos três cursos: Sociologia, Pedagogia e História. Como bem situou Deslandes (1994, p. 57), a entrevista “é um procedimento no qual o pesquisador busca conter as informações contidas na fala dos atores sociais, enquanto sujeitos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”. Esta técnica permitiu analisar as percepções dos estudantes e alcançar a compreensão sobre valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados e concluir, se a formação é ou não emancipatória.

Para isso, usou-se a entrevista semiestruturada, explorando a variedade das percepções, expectativas sobre o processo formativo a partir das falas, entende-se que os sujeitos estavam contextualizados no tempo e no espaço. Deixou-se o estudante entrevistado abordar livremente suas respostas enquanto perguntava sobre o assunto, para que pudesse responder às questões a ele direcionadas foram explicadas que as entrevistas serão gravadas e usadas exclusivamente para fins desta pesquisa. O público entrevistado foram estudantes guineenses das seguintes licenciaturas de base interdisciplinar comum no curso de Bacharel em Humanidades (BHU): Pedagogia, Sociologia e História. Esta escolha deve-se ao tronco comum pelo qual os estudantes iniciaram a formação e ao finalizarem, prosseguem para as três licenciaturas acima mencionadas.

Ainda que a lusofonia estabeleça aqui uma conexão de importância linguística para a comunidade unilabiana, mas o português não é a língua materna dos guineenses. Nesse sentido, a entrevista, como método básico e flexível, precisa adaptar-se ao movimento de linguagem do entrevistado, no entanto as entrevistas decorreram em língua guineense e a língua portuguesa tanto os questionamentos assim como as respostas que ora respondem em português hora em língua guineense. Neste intuito, as entrevistas foram conduzidas com seis

(6) estudantes no total, discriminadas da seguinte forma: dois (2) por curso, sendo uma com processo formativo em andamento e uma com processo concluído, inicialmente coletamos e depois foi feito análise sobre a percepção e dimensão da formação a partir dos estudantes sobre o assunto. Estas foram técnicas fundamentais de coleta de informações adotada durante a realização do trabalho, a fim de responder ao objetivo do trabalho, que era analisar a percepção e a dimensão emancipatória dos estudantes guineenses no processo de formação docente oferecido, em termos de qualidade pedagógica e utilidade futura em seu país.

2.1 Da pesquisa de campo à viagem para UNILAB: impressões do pesquisador

Ao longo da minha inserção na universitária da integração internacional da lusofonia afro-brasileira para realização da coleta de dados, observei um número significativo dos estudantes no dia-a-dia dos corredores da universidade, o que demonstra o crescente aumento da demanda dos jovens guineenses por formação, o que gerou reflexões sobre a importância da educação em um contexto limitado de oportunidade de acesso dos jovens a uma formação digna no país.

Após concluir meu curso na UNILAB, em um ambiente de formação multiétnico, com uma presença significativa dos estudantes percebendo a potencialidade da formação enquanto processo construtivo, suscitou em mim a vontade de analisar como essa formação tem sido um instrumento de transformação e emancipação para os estudantes guineenses. O material aqui analisado foi coletado por meio de entrevistas com roteiro de questões respondidas pelos estudantes guineenses da UNILAB, realizadas durante minha inserção no espaço universitário ao longo de três meses. Diante da metodologia apresentada, este trabalho busca analisar a percepção dos estudantes guineenses na UNILAB, com foco na formação e dimensão emancipatória dos jovens guineenses que terminarem o curso e que estão no processo formativo nas cidades de Redenção e Acarape.

O objetivo do estudo é investigar a percepção dos estudantes guineenses sobre o processo de formação docente oferecido pela UNILAB, avaliando sua qualidade pedagógica e a futura utilidade em seu país. Pretende responder a questões como: como o processo de formação e emancipação é percebido pelos estudantes guineenses? Que percepção os estudantes guineenses têm da sua formação? Como a formação contribui para a mudança do status quo dos estudantes a partir do processo formativo? Será que a formação é emancipadora? Quais as implicações dessa formação para a comunidade desses estudantes? Qual a característica e utilidade dessa formação uma vez concluída? Será que os próprios

estudantes se veem como possíveis transformadores da realidade? Tais respostas exigem procedimentos de ordem qualitativa na recolha dos dados.

O material aqui analisado foi coletado por meio de entrevistas, com estudantes guineenses de diferentes cursos e anos de ingresso na UNILAB, bem como com estudantes que já retornaram ao país de origem. Este último grupo foi entrevistado durante o retorno dos mesmos para o Brasil para continuar seus estudos na pós-graduação em uma viagem que realizei à UNILAB em outubro de 2023, conforme detalhado no tópico anterior.

Paralelamente, as fontes relatadas foram pesquisadas artigos em scielo e dissertações e teses em bancos de dados de teses e dissertações (a maioria produzida por brasileiros e guineenses).

Em tempo, visando os aspectos éticos, essa pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília – UnB, sob CAEE: 80229024.7.0000.5540 e Parecer nº 6.951.775.

A experiência de campo permite concluir que a formação da Unilab se caracteriza pela integração de saberes e povos da comunidade CPLP, valorizando a diversidade e pluralidade, a formação na instituição envolvem não apenas a produção de conhecimento acadêmico, mas também a aplicação prática dos resultados para o benefício das comunidades locais e regionais. Promove a inclusão e busca soluções para problemas específicos e, ao mesmo tempo, promove a construção de um conhecimento mais inclusivo e colaborativo.

Inicialmente, pretendia realizar as entrevistas à distância utilizando recursos online, mas optamos por realizar uma pesquisa de campo na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) observando de perto a particularidade do processo formativo e realizar a entrevista. A viagem foi custeada por conta própria, permitindo explorar a realidade na prática por meio de observações que revelam as paisagens que marcam e preservam a memória ancestral dos afro-brasileiros e dos jovens dos países envolvidos no processo de formação.

No total, foram realizadas seis entrevistas como mencionadas acima, com uma duração média mínima de quarenta minutos e máxima de uma hora e meia por entrevista. Quatro das seis entrevistas ocorreram nas residências dos interlocutores e duas na universidade. Elas foram gravadas, com autorização dos participantes, e posteriormente transcritas. A escolha das entrevistadas não foi aleatória. Teve-se o cuidado de entrevistar estudantes de três cursos que compõem o segundo ciclo, tendo como base comum o Bacharelado em Humanidades (BHU): Sociologia, Pedagogia e História, totalizando seis pessoas, com duas entrevistadas de cada curso totalizando seis (6) pessoas levando em consideração o fato de serem Guineense. Em se tratando de estudantes, procuramos

respeitar as que foram solicitadas que alegaram o fator tempo de não nos atender por falta de tempo e os que tinham provas ou por outros motivos.

Aos poucos, comecei a entender o que é a formação na UNILAB e como essa formação consegue emancipar os estudantes guineenses. No âmbito da formação, todos os entrevistados concluíram o primeiro ciclo (BHU) na UNILAB; metade está em formação no segundo ciclo, enquanto a outra metade já concluiu o curso na UNILAB e atualmente está na pós-graduação em outros Estados, mas, que de vez em quando visitam amigos conhecidos até irmãos. No total, este trabalho conta com relatos de 6 (seis) entrevistados, 2 (dois) estudantes por curso selecionados nos três cursos com base comuns em Bacharel em Humanidade (BHU). Sendo um (1) do sexo feminino e um (1) do sexo masculino. No entanto, dos seis (6) entrevistados, três estão se formando e três formaram e voltaram para Guiné, agora estão fazendo pós-graduação novamente no Brasil.

3. FORMAÇÃO E EMANCIPAÇÃO A LUZ DA COOPERAÇÃO SUL-SUL

A razão para a presença de estudantes guineenses na Unilab é o fato do país ser uma das nações integrantes da CPLP. Em meio à política externa brasileira de aproximação com os países africanos, ao crescimento de estudos e pesquisas acadêmicas referentes aos povos desse continente ou de sua descendência no Brasil e às novas possibilidades de intercâmbio cultural, social e econômico entre Brasil e África, foi elaborado o projeto da Unilab. O início da articulação no Congresso Nacional para criação da universidade ocorreu em 2008, com a elaboração do Projeto de Lei nº 3.891, que dispõe sobre a criação da Universidade Federal da Integração Luso-Afro-Brasileira. De acordo com o documento, a universidade “caracteriza sua atuação pela cooperação internacional, pelo intercâmbio acadêmico e solidário com países-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos” (BRASIL, 2008, p. 1). O projeto da universidade também foi apresentado durante a 7ª 30 Conferência de Chefes de Estado e Governo da CPLP, realizada em Lisboa, em 2008, porém não consta nenhuma menção à universidade na declaração do evento.

A cooperação entre o Brasil e os demais países parceiros, principalmente as nações africanas, possui uma longa história marcada por séculos de lutas pela cidadania. A efetivação dessas relações ocorre por meio de políticas externas engajadas no fortalecimento de laços. De acordo com Vivaldo (2013, p.183), a formação que prepara para a emancipação deve ser, sobretudo, uma formação que não simplesmente formula, ao nível abstrato, problemas, mas

aquela que conscientiza do passado histórico, tornando-o presente, para a análise da responsabilidade individual ante os destinos coletivos futuros .

Para Caetano (2020, p.10), “a formação corresponde a um processo estruturado e intencional para o aperfeiçoamento, desenvolvimento de competências e do know-how, nas diferentes áreas do conhecimento”. Segundo ela, a formação é o processo de desenvolvimento de conhecimentos intelectuais morais e o cultivo de virtudes necessárias ao exercício de uma profissão. A UNILAB tem sido uma universidade-chave, destacando-se na formação de quadros dos países da CPLP, concentrando jovens provenientes, na sua maioria, do continente africano, incluindo Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Moçambique denominado grupo dos (PALOP). Trata-se de uma cooperação de natureza pacífica sem quaisquer objetivos militares, que se aproveita de elementos históricos e culturais comuns tendo em vista potencializar os esforços de cooperação internacional e a promoção de desenvolvimento dirigida para os países do bloco (CPLP) espalhados por quatro continentes, amplifica a presença internacional de cada país isoladamente Andrade (2003).

Desse modo, embora a formação seja uma construção social que oferece habilidades e técnicas profissionais, ela também é desafiada a humanizar e preparar seus formandos para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A educação é humanizadora na medida em que promove laços de solidariedade, preservação da vida humana e cuidado com o planeta. Para Cossa (2022), o processo formativo representa desenvolvimento e treinamento de habilidades e aptidões, não apenas como meio de sustento, mas também para fortalecer o senso de cooperação e o desenvolvimento da comunidade em geral, sendo válida quando traz benefícios para a sociedade onde o indivíduo está inserido.

a emancipação envolve uma série de questões, tais como a individuação, o reconhecimento, o lugar do sujeito nas práticas sociais, as mediações entre a existência dos indivíduos e a vida social, as interconexões entre formas de vida e estrutura social, os nexos entre os movimentos e as classes sociais, as diferentes formas de conflito e os limites e potencialidades de ações emancipatórias Almeida (2017, p.02).

Os/as estudantes africanos/as da UNILAB procuram recriar traços simbólicos entre eles e com os descendentes/afro-brasileiro. Vivendo e convivendo diariamente com costumes diferenciados na Universidade, esses estudantes organizam e participam de encontros, palestras, pesquisas, trabalhos e perspectivando o futuro, levando para a comunidade externa atividades acadêmicas e culturais, não se limitando apenas na universidade, mas sim paira sob novos olhares em direção a superação do olhar que, na maioria das vezes, é visto como um lugar estranho e exótico. Segundo Vivaldo (2013) a emancipação é permitir que os indivíduos

socialmente conquistem a autonomia, isto é, sentidos e formas de vidas que gera emancipação portanto não se refere apenas ao indivíduo como entidade isolada, mas como um ser social. Promover os processos de emancipação significaria combater a barbárie e a desumanização.

No contexto da UNILAB a formação traz perspectivas diversas dado a inserção de diversos povos etnias pois;

a cultura é sempre diversa, dinâmica e plural. Multiplicam-se pelas cidades do Maciço do Baturité os signos impressos nas falas, nos gestos, nas roupas, na música, na dança. Valorizar e respeitar a diversidade de manifestações culturais e artísticas dos espaços populares é um ato primordial de construção de uma sociabilidade renovada. Vislumbra-se, como efeito, a ampliação da circularidade de imaginários, de obras, de bens e práticas culturais nas cidades sob o primado da comunicação entre próximos e distantes. Afinal, a cultura se torna mais rica quando expandimos as nossas trocas de imaginários, de saberes, de fazeres e convivências (Silva, 2020, p. 8).

Dessa forma, a formação é vista como uma ferramenta de elevação social e de construção de estratégias de desenvolvimento nas diversas áreas da vida do indivíduo, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva. Compreende-se a universidade como um espaço físico, mas também como um local de construção simbólica e ideológica para a transformação social, pois é onde os conhecimentos são veiculados, elaborados, revisados e compreendidos, com o intuito de projetar e perspectivar novos olhares sobre os fenômenos sociais. Assim, a formação torna-se o cerne da transformação e emancipação social.

A presença da UNILAB na Redenção e Acaraí para Gomes (2021), permite hoje que estas cidades acolhem diferentes raças, culturas e etnias. O crescimento da cidade deu um salto gigantesco, impulsionado pela presença da UNILAB, que se tornou um cartão-postal para o Brasil e o mundo, mas em especial para a comunidade de países de língua portuguesa (CPLP). A formação acadêmica dos estudantes guineenses no contexto dessa universidade é um instrumento de busca que visa contribuir para o desenvolvimento social e cultural desses estudantes, tanto em sua dimensão individual quanto coletiva.

a formação que prepara para a emancipação deve ser, sobretudo, uma formação que não simplesmente fórmula, ao nível abstrato, problemas, mas aquela que conscientiza do passado histórico, tornando-o presente, para a análise da responsabilidade individual ante os destinos coletivos futuros Vivaldo (2013, p.183).

Dessa forma, a diplomação não é apenas um ganho pessoal, mas também coletivo. Segundo Cossa (2022) a formação é boa quando apresenta um propósito de vida concreto ao indivíduo em prol da sociedade em geral é uma reconstrução ou reorganização da experiência

que esclarece e aumenta o sentido e a aptidão de dirigir os cursos das experiências subsequentes. Soma-se a esta questão, a perspectiva de avanço no contexto das políticas educacionais brasileiras que amplia a formação a uma dimensão internacional aproximando jovens da problematização da realidade, da postura crítica e reflexiva, abrindo assim, as possibilidades para intervenção e transformação da realidade.

Observa-se uma presença massiva de estudantes internacionais em especial guineenses integrados à instituição, o que permite perceber o processo de integração como uma oportunidade de emancipação e de construção de um novo ser. À medida que são desafiados diariamente a refletir sobre suas identidades e culturas, eles projetam, individualmente e coletivamente, suas trajetórias como formandos e formados em suas respectivas áreas, contribuindo assim para o desenvolvimento social e cultural.

Ao longo dos anos, diversos jovens guineenses sonham em prosseguir com a sua formação, seja através do ensino superior ou de cursos técnicos que lhes ofereçam habilidades práticas. Lamentavelmente, essas aspirações podem ser frustradas por circunstâncias adversas, como a escassez de recursos financeiros e a dificuldade de acesso a materiais de estudo e tecnologia. Na sequência, destaca-se a fala dos entrevistados 1 e 2, onde constatou-se que na Guiné:

é de conhecimento da maioria de nós a dificuldade em obter uma formação de qualidade na Guiné-Bissau. Essa realidade é dolorosa de modo geral, pois nem todos têm as mesmas condições para estudar. Muitas vezes, as pessoas acabam desistindo por conta da situação financeira, já que as famílias não têm como oferecer ajuda. Já escutei a dificuldade de muitos jovens na Guiné-Bissau sonhando em realizar uma formação, conquistar uma licenciatura, pelo menos. No entanto, a falta de recursos financeiros faz com que esse sonho se perca, já que a maioria de nós vem de famílias de baixa renda. Assim, esses sonhos acabam morrendo antes de serem concretizados.

Entrevistado 2

O setor educativo guineense deixa muito a desejar, com frequentes paralisações devido às instabilidades políticas e às constantes greves. Na verdade, pode-se dizer que essa situação impede o progresso, o desenvolvimento e o aproveitamento do conteúdo educativo. Diante desse cenário, escolhi a UNILAB como uma oportunidade para explorar novas possibilidades e atender à necessidade de competir em âmbito nacional, regional e internacional. A maioria dos jovens guineenses aqui presente vieram porque a formação na Guiné-Bissau é deficiente, já que o país tem buscado fortalecer seu setor educativo desde a independência do jugo colonial. Sabemos que, durante o período colonial, a formação escolar não era prioridade dos portugueses, assim como também não foi priorizada pelos sucessivos governos após a independência. Essa negligência resultou na permanência de um déficit educacional, mesmo após os esforços iniciados durante a luta pela independência. ***Entrevistado 1***

A formação sistemática oferecida aos estudantes guineenses é entendida como uma possibilidade de mudança de percepção e de engajamento com sua realidade, implicando também uma alteração do *status quo* desses estudantes. A formação abriu caminhos para que esses estudantes encontrem respostas aos desafios sociais. À medida que se desenvolvem pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, a universidade se transforma em um espaço de emancipação social e política. Essa formação é necessária diante de um contexto geográfico que, ao mesmo tempo em que remete ao passado colonial, desafia sua compreensão. Os jovens são incentivados à produção desde seu ingresso na UNILAB, pois alicerçar essa perspectiva é proporcionar a transformação do mundo de maneira mais aguerrida, igualitária, coletiva e emancipada.

O Brasil já formou milhares de profissionais em diferentes áreas de atuação, incluindo licenciaturas e pós-graduação, permitindo o exercício de diversas profissões tanto no mercado nacional quanto no exterior. A razão pela qual os guineenses aprendem a estudar fora de seus contextos é a falta de ensino de qualidade universitário para os cursos desejados no país, como apontam dois entrevistados sobre formação na Guiné.

bem, é muito difícil para um jovem concluir sua formação na Guiné. Isso ocorre porque o nosso governo não cria condições adequadas, não apoia e não investe no setor educativo. Muitos que deixam a Guiné e vão para outros países, especialmente para o Brasil, estão em busca de realizar seus sonhos e aproveitar novas oportunidades. É difícil para um jovem se formar na Guiné, dada a vulnerabilidade tanto dos próprios jovens quanto de suas famílias. Conheço muitos jovens que desejam estudar, mas, devido às dificuldades financeiras, não conseguem alcançar esse objetivo.

Entrevistado 5

sinto que nos preocupamos com muitas infraestruturas e serviços educativos no país, porque estudar é um processo que exige investimentos. Como é possível investir em um Estado que vive em constante instabilidade governamental e priorizar a educação?

Entrevistado 4

As falas mostram as dificuldades do acesso à educação diante dos 50 anos que se passaram desde a revolução, e ainda não se discute de forma séria a educação e seus desafios, em meio às instituições precárias e instabilidades cíclicas. Não se encara a formação como um instrumento fundamental para o desenvolvimento do país, no caso da Guiné, a formação é um processo indispensável para a construção de uma alteridade diante das mazelas deixadas pelo colonialismo e para resgatar os valores culturais que o sistema colonial sempre tentou esvaziar e negar.

Somente por meio da formação é que o país pode impulsionar o desenvolvimento a partir da qualificação técnica. Se hoje muitos países estão alcançando avanços, isso se deve à

formação de quadros técnicos em diferentes áreas, resultado de um processo educativo eficaz. Sendo assim, qualquer país em via de desenvolvimento necessita de jovens com formação comprometida para seu progresso, como é o caso da Guiné-Bissau. Nas últimas décadas, observamos grandes mudanças provocadas pelo surgimento e pela expansão das universidades e instituições federais no Brasil, o que facilitou a transformação interna e externa através dos programas de cooperação. Essas transformações múltiplas têm criado novas culturas, edificando formas de produção e, ao mesmo tempo, abrindo caminho para a apropriação cultural e científica dos jovens.

A UNILAB é uma instituição que oportuniza o processo formativo aos estudantes dos países de língua oficial portuguesa, principalmente da África e, em especial, aos estudantes guineenses, sendo a universidade federal brasileira com o maior número de estudantes guineenses, possibilitando que eles construam suas identidades profissionais. A formação permite enxergar as similaridades históricas e, além de tudo, é um ato de resistência política e ideológica do Sul Global, servindo como repertório de construção que induz ousadamente novos desafios e epistemologias aos jovens do bloco, pois a construção da identidade de um povo passa pelo conhecimento.

Na Guiné-Bissau, observa-se uma carência enorme de quadros formados, o que exige não apenas o aumento do número, mas também a qualificação de um número significativo de pessoas para atender às demandas do país, em especial nas áreas educacionais. Nesse intuito, emancipar implica criar condições para a reconstrução e a construção de conhecimento científico. Nesta lógica, a formação se situa numa dimensão emancipatória, e que promove a transformação dos estudantes que integram o processo formativo e, em parte, constituindo uma solução para o país. Mas também a UNILAB é um dos programas de cooperação do ensino superior pelo qual o Brasil busca ampliar sua influência externa.

3.1 Caraterística profissional da formação

Pode-se observar que, para que os países busquem de forma mais rápida e eficiente seus objetivos, a formação de comunidades e blocos se torna essencial para que, juntos, obtenham êxito em suas ações. Na concepção de Andrade (2003), após a revolução que garantiu as independências dos países colonizados, principalmente aqueles invadidos pelos portugueses, novas oportunidades surgiram para enfrentar os desafios de desenvolvimento. A CPLP, inspirada nos traços comuns herdados da invasão, vê a língua do colonizador não mais como um símbolo de opressão, mas como um elo de cooperação e integração entre essas nações.

Assim, o idioma tornou-se um eixo fundamental para a unificação e colaboração entre os países de língua oficial portuguesa. Neste contexto, para Almeida (2017, p.03) a emancipação é vista como a possibilidade de o indivíduo poder criar e levar a cabo o seu próprio plano de vida. (...) a emancipação se amplia na medida em que novas pessoas ou grupos conquistam o direito de determinar por si próprios os seus projetos de vida.

A UNILAB busca formar jovens para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países-membros da CPLP, especialmente a Guiné-Bissau, além de promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. A formação da UNILAB corrobora para a emancipação pois, o conhecimento é libertação à medida que garante a formação do senso crítico dos jovens guineenses inseridos no processo formativo uma vez que esta tenha oportunizado espaço para problematização, produção reflexão e conhecimentos necessários para o fortalecimento da comunidade. A formação tem como competências e princípios de atuação:

I – produção e disseminação do saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países da CPLP, por meio do conhecimento filosófico, científico, artístico, cultural e tecnológico, bem como a formação de cidadãos compromissados com a superação das desigualdades sociais;

II - educação superior como bem público;

III - indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, valorizando a formação interdisciplinar;

IV - pluralismo de ideias, de pensamento e promoção da interculturalidade;

V - inovação e valorização do uso de ferramentas tecnológicas;

VI - ensino público e gratuito, com qualidade acadêmica e pertinência social;

VII - democratização do acesso à Instituição e das condições para a permanência na Instituição;

VIII - respeito à ética e à diversidade, defesa dos direitos humanos, bem como o compromisso com a paz e a preservação do meio ambiente;

IX - democratização da gestão – em nível institucional – do ensino, da pesquisa e da extensão, em permanente diálogo com a sociedade;

- X - flexibilização de currículo, de métodos, de critérios e de procedimentos acadêmicos;
- XI - internacionalização e mobilidade acadêmica e científica, priorizando a cooperação Sul-Sul;
- XII - respeito à diversidade étnico-racial, cultural, religiosa, de gênero e de orientação sexual;
- XIII - contribuição para a superação dos preconceitos e desigualdades étnico-raciais, sociais, de gênero e de orientação sexual (UNILAB 2017, p. 6).

A universidade foi concebida para atender neste molde a uma demanda crescente por educação superior de qualidade e por uma maior integração educacional entre o Brasil e os países africanos, uma expressão da solidariedade entre os povos lusófonos, especialmente aqueles do continente africano (PALOP). Segundo Vivaldo (2013) a emancipação pensada através e por dentro das instituições exige algo de imaginação institucional para pensarmos novos modelos normativos comprometidos com a superação de uma sociedade que ainda não alcançou a emancipação humana. Pois não se trata mais em determinar de maneira prévia como será a vida emancipada, mas de pensar instituições que sejam capazes de possibilitar e garantir formas emancipadas de vida.

A universidade se propõe a atuar na formação de profissionais que, ao retornar aos seus países, atuam como quadros técnicos na transformação social, política e econômica, com ênfase na integração regional e no fortalecimento das relações entre os países da CPLP. Segundo Cossa (2022) a formação refere-se ao processo em geral de formar indivíduos dotados de corpo e mente sadios para o benefício próprio e da sociedade, ou um processo aprendizagem e aquisição de informação ou conhecimento para construção de uma sociedade justa e produtiva. Ainda segundo ele a educação oferecida pela instituição de ensino visa antes de tudo o desenvolvimento da integridade humana, o que significa que por meio dela, os educandos seriam nutridos de valores espirituais, intelectuais, morais e emocionais e é nas instituições de ensino que os indivíduos alcançam sua liberdade cultural, social e econômica.

Para Neusa Gusmão (2011, p. 6), “a formação da UNILAB coloca os jovens guineenses para além de sua pátria; contraditoriamente, eles se qualificam a fim de contribuir na construção do lugar onde estão e de suas nações emergentes. Esse novo Estado-nação necessita de indivíduos comprometidos, que se tornem futuros quadros dirigentes e gestores, formando assim o homem-novo”. Esse entendimento pode ser compreendido na fala dos entrevistados quando questionado sobre a UNILAB e sua característica afirmam que:

apesar de muitos desafios a superar, a UNILAB é uma universidade com uma perspectiva decolonial, voltada para a inclusão de saberes e para um currículo diferenciado. A estrutura da UNILAB proporciona o despertar da mente, especialmente para nós, do Sul Global. Para mim, isso é o ponto mais importante.

vejo muitas vantagens nessa perspectiva. Mesmo estando aqui, conseguimos lançar um olhar para os nossos países, para as nossas realidades. As temáticas discutidas nos trabalhos acadêmicos refletem esse despertar que a formação proporciona. Na minha visão, a UNILAB, dentro dessa perspectiva, é muito eficiente e consegue cumprir sua promessa decolonial. **Entrevistado 1**

a formação não se limita apenas ao conhecimento brasileiro, mas abrange também os outros países que fazem parte da integração da universidade. Assim, estudamos tanto aspectos nacionais quanto internacionais, e cabe a cada um de nós avaliar como implementar esse conhecimento no futuro, como profissionais formados. **Entrevistado 2**

A presença dos jovens estudantes da CPLP, num determinado espaço formativo busca estabelecer aproximações que conduzam a uma reflexão sobre vetores que possibilitem a alteridade. Nesse sentido, pode-se afirmar que a formação representa uma cultura sincrética, que une pessoas e grupos de universos culturais diversos, permitindo que compartilhem não apenas a vida e o espaço, mas também seus hábitos e sonhos. Essa dinâmica confere à universidade características próprias mesmo que todos os envolvidos estejam conectados ao passado colonial e pertençam a países em desenvolvimento. Pautada nas competências acima, a UNILAB tem como finalidades específicas:

- a) Formar cidadãos com competência acadêmica, científica e profissional, para contribuir com o avanço da integração entre o Brasil e os países de língua portuguesa, especialmente os africanos, promovendo o conhecimento das problemáticas sociais, econômicas, políticas, culturais, científicas, tecnológicas e ambientais, visando à equidade e à justiça social;
- b) Atuar em áreas estratégicas de interesse das regiões e comunidades de língua portuguesa, de modo a possibilitar a produção de conhecimentos comprometidos com a integração solidária, fundada no reconhecimento mútuo;
- c) Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- d) Enfrentar problemas comuns entre o Brasil e os países de língua portuguesa, com ênfase nos países africanos e base na pluralidade de temáticas e enfoques, por meio da produção e do acesso livre ao conhecimento;
- e) Formular e implementar políticas institucionais e programas de cooperação e mobilidade que concretizem as atividades fins, referenciadas nos princípios que norteiam a Universidade;
- f) Incentivar a pesquisa, visando ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, do processo criativo e da difusão da cultura;
- g) Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade;
- h) Promover a cooperação, a mobilidade acadêmica e o intercâmbio com diversas instituições científicas, acadêmicas e culturais (nacionais e internacionais), ampliando e potencializando o avanço do conhecimento e da cultura;
- i) Contribuir para que o conhecimento produzido no contexto da integração acadêmica entre as instituições de países de língua portuguesa seja capaz de se transformar em políticas públicas de superação das desigualdades;
- j) Propor, implementar e acompanhar acordos, convênios e programas de cooperação internacional que contribuam para a inserção da Educação Superior brasileira no cenário internacional e para o fortalecimento da cooperação solidária, com ênfase nos países de língua portuguesa;

k) Preservar e difundir valores como ética, liberdade, igualdade e democracia, visando implementar políticas, programas e planos que concretizem as atividades-fim da instituição (UNILAB, 2017, p. 6).

Nesse contexto, a instituição se propõe a ministrar ensino superior público de qualidade, desenvolver pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, promover a extensão universitária e formar recursos humanos tanto para o Brasil quanto para os países da CPLP Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e, consequentemente, promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. No ambiente acadêmico é notória a integração, seja dos africanos/as que pesquisam assuntos relacionados ao Brasil, tais como: política (às vezes, partidária), cultura indígena, cooperação Brasil-África e, fora da sala de aula, dançando ritmos brasileiros, como forró, funk e sertanejo. Em contrapartida, nota-se que alguns estudantes brasileiros/as também aproveitam a oportunidade e buscam conhecer um pouco das culturas dos países africanos, seja aprendendo as danças, tais como kizomba, semba e kuduro e, até mesmo, as línguas africanas, como língua guineense, Cabuverdiana, Umbundo (Angola), etc (Silva, 2020, p.14).

na temática das comemorações festivas, o valor simbólico destes momentos proporcionados e organizados pelos estudantes, fica demarcado como um momento em que o espírito de pertencimento à comunidade de origem é reafirmado por meio das práticas culturais que são produzidas nestes espaços. Essas atividades protagonizadas pelos estudantes africanos/as, exerce um papel significativo em prol da desmistificação dos conceitos e pré-conceitos, que pairam sobre o continente africano. Nessa perspectiva, eles próprios se colocam como pesquisadoras e conhecedores/as, aptos a palestrar sobre seus países, o que nos permite pensar que há diversas vozes ressoando nos eventos científicos e culturais que ocorrem dentro da UNILAB, dialogando entre si e também com a comunidade externa em eventos paralelos a este espaço acadêmico (Silva, 2020, p. 17).

Segundo o Plano de Integridade da UNILAB (2019), a missão institucional é produzir e disseminar o saber que contribui para o desenvolvimento social, cultural e econômico nos âmbitos local, regional e nacional. Além disso, a instituição busca apoiar o desenvolvimento dos países de expressão em língua portuguesa especialmente os africanos estendendo-se progressivamente a outros países deste continente, por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural, comprometidos com a superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente da comunidade CPLP. Segundo declaração constitutiva da CPLP (1996), a comunidade é composta por nove Estados-Membros: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Seu objetivo é promover a concertação

político-diplomática e a cooperação em todas as suas formas, além de defender e promover a Língua Portuguesa através de um intenso diálogo cultural.

A CPLP busca aprofundar a cooperação no domínio universitário, na formação profissional e nos diversos setores de investigação científica e tecnológica, visando uma crescente valorização de seus jovens e recursos naturais, bem como reforçar as políticas de formação de quadros. A formação docente é um dos problemas a serem enfrentados, em especial, na Guiné-Bissau. A falta de recursos humanos gera graves consequências para o futuro do país. Para Sani (2014, p. 7), “à educação superior é um compromisso transcendental no sentido de formar cidadãos qualificados para enfrentar a árdua tarefa do desenvolvimento que o país tem reclamado. Entende-se que é através da educação que podemos ter cidadãos comprometidos com a pátria, valorizando a história, o respeito pela democracia, a cidadania responsável e a luta pelo progresso econômico sustentável”. Como afirma entrevistado 1 e 2 sobre a formação na UNILAB:

a formação é a preparação da nova geração para os desafios futuros. Hoje em dia, a nossa sociedade está fragmentada, e a emancipação passa pela educação, embora isso vai levar tempo. Aqui, produzimos muitos artigos, TCCs e livros, ou seja, uma grande quantidade de trabalhos. No entanto, é uma pena que pouco disso seja realmente aproveitado na nossa realidade. Ainda assim, vejo que os estudantes da UNILAB conseguem impulsionar debates que têm o potencial de gerar mudanças significativas.

Entrevistado 1

primeiramente, o processo formativo da UNILAB me proporcionou muito conhecimento e nos oferece a oportunidade de aprender a aprender e de produzir sobre nós mesmos. Percebo que mudei ao longo do tempo; sou uma pessoa diferente daquela que chegou aqui em 2018. A minha formação tem me permitido alcançar aquilo que eu sempre almejei ser, é um sonho que está sendo concretizado. **Entrevistado 2**

Desse modo, verificamos nas falas dos estudantes elementos que permitem visualizar a características pela qual os jovens constroem suas próprias identidades. A implementação da UNILAB como instituição formativa demonstra a preocupação do governo brasileiro com a educação pública e a inserção do Brasil no cenário internacional, impulsionando a partir de cooperação bilateral, fundamentada nos laços históricos com os países da CPLP, especialmente com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Assim, a universidade busca se tornar um novo centro de referência e integração para os países-membros, por meio da ciência e da cultura, constituindo um espaço de cooperação, acúmulo e transferência recíproca de conhecimento, tecnologia, intercâmbio cultural e promoção do desenvolvimento sustentável.

A cooperação multilateral no domínio da Educação assume um importante papel na CPLP. A UNILAB emerge no contexto da cooperação Sul-Sul, na qual o Brasil estabelece acordos educacionais e comerciais com os países-membros da CPLP, com o intuito de oferecer aos jovens desses países a oportunidade de adquirir formação superior. Isso se aplica especialmente aos jovens dos PALOP. Formar profissionais e cidadãos capazes, com a ideia de contribuir para o desenvolvimento do meio em que vivem, preocupada com a produção e a aquisição de conhecimento por intermédio do ensino e da pesquisa desenvolvida na instituição, com a finalidade de transformar a realidade local Mendes (2019).

O contexto da UNILAB reúne jovens de diferentes continentes, baseando-se em laços históricos e culturais que transcendem a distância geográfica, tendo como referência comum a língua portuguesa e a história que une os povos inseridos no processo formativo. Esse quadro permite que muitos jovens guineenses, que enfrentam dificuldades de acesso ao ensino superior na Guiné-Bissau, mudem a sua situação ao penetrar em espaços tradicionalmente intocáveis e insensíveis à presença dos seus corpos desde o período colonial.

Acredita-se que as experiências de diversos povos é uma forma alternativa que potencializa aprendizagem e gera os processos emancipatórios, conforme destaque dos estudantes abaixo quando questionados sobre a dimensão emancipatória da formação:

o conhecimento emancipa. Não existe emancipação sem conhecimento, pois o mundo contemporâneo é mediado pelo saber, e tudo isso passa pela formação cidadã enquanto campo de apropriação e investigação dos conhecimentos. Esses elementos ampliam nosso repertório cognitivo e fortalecem nossa autonomia. É isso que a UNILAB tem proporcionado, o meu status quo mudou. Sem conhecimento e sem esse despertar, nossa cidadania será comprometida. A Guiné-Bissau, por exemplo, conquistou sua independência recentemente, em 1973. No entanto, muitos da geração independentista não tiveram acesso à escolarização, como a minha mãe, que foi privada de ter uma instrução acadêmica pela administração colonial.

Entrevistado 1

a formação com certeza é emancipadora, eu diria em primeiro lugar o acesso à universidade foi muito importante para mim e para minha família e me fez mudar a forma de ver a vida, e esta visão não seria possível sem o acesso à universidade. A emancipação que ocorre aqui na UNILAB se dá por meio do conhecimento científico. O acesso ao conhecimento nos emancipa, e essa emancipação, por sua vez, abre caminho para outras oportunidades na vida, como trabalho, prestígio social e acadêmico. **Entrevistado 3**

Essa percepção dos estudantes permite considerar a Unilab como uma estratégia de produção de protagonismo sócio-político, tanto no Brasil quanto no contexto internacional e inter-regional diante das barreiras que a comunidade enfrenta. Portanto o Brasil passou a desenvolver uma imagem de parceria atraente. Esse sentimento de elo entre espaços

geograficamente distantes representa o primeiro passo para a demarcação mais clara de um cenário cultural comum, além de avanços no acesso à educação. Segundo Silva (2020), a formação da UNILAB não escapa à perspectiva dos direitos humanos ao promover o desenvolvimento cooperativo priorizando a formação técnica de jovens e a integração entre os países da comunidade CPLP que o Brasil protagoniza. Corresponde à implantação de políticas de integração favoráveis a população negra e indígena historicamente excluída da sociedade.

no que diz respeito à Internacionalização, atualmente a UNILAB possui 258 estudantes oriundos de Angola, 72 de Cabo Verde, 671 de Guiné-Bissau, 74 de São Tomé e Príncipe, 38 de Moçambique e 16 de Timor-Leste. Ou seja, dos PALOP, a universidade conta com aproximadamente mil estudantes africanos/as, distribuídos entre os campi do Ceará e da Bahia (...) Quanto à interiorização, os/as discentes brasileiros/as que integram a UNILAB também possuem várias origens, alguns são do próprio Maciço de Baturité, outros de qualquer lugar do estado do Ceará, especificamente da Região do Maciço de Baturité e sertão central. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, são a 1^a geração da família a ingressar no ensino superior público e gratuito (Silva, 2020, p. 4).

A perspectiva de Silva não difere da realidade dos jovens guineenses de serem os primeiros da família a alcançar o diploma de um curso de formação superior. Na Guiné-Bissau, “contudo, as instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas, têm funcionado com recursos provenientes das taxas de matrícula e mensalidades pagas pelos alunos, ainda que frequentemente haja atraso no pagamento do discentes, visto que a maioria dos alunos enfrenta dificuldades financeiras (...) mesmo assim, a cada ano, um número crescente de jovens demonstra interesse em continuar seus estudos superiores” (Sani, 2014, p. 11). Há, de fato, a compreensão de que tem faltado o cumprimento das leis para o avanço da educação nacional, pois a educação continua a enfrentar sérios problemas, que vão desde a falta de professores qualificados até a ausência de infraestrutura escolar e equipamentos básicos como se percebe nos depoimentos a seguir.

na Guiné-Bissau, o problema educativo é geral. Nas escolas públicas, pela minha experiência, havia greves o tempo todo, o que limita a formação dos nossos irmãos que frequentam essas instituições. Quanto mais greves acontecem, menos tempo se passa em sala de aula, prejudicando o aprendizado. Por outro lado, nas escolas privadas, esses problemas não ocorrem. Eu, por exemplo, nunca vivi uma situação em que não fui para a aula por causa de greve. Toda a minha trajetória no ensino médio foi em escola privada. **Entrevistado 5**

as universidades públicas na Guiné-Bissau são poucas; a maioria é composta por instituições privadas. Para ter acesso a essas universidades, é preciso pagar um custo elevado, e esse é o maior problema. Apenas aqueles que possuem condições econômicas conseguem ingressar. Se o acesso ao ensino básico já é difícil, imagine o acesso à universidade! Há escolas com falta de professores, e a maioria dos alunos acaba desistindo. A educação é uma arma poderosa para o povo, mas o nosso Estado

parece saber que, se entregar essa arma ao povo, não conseguirá manipular a massa. Por isso, não deram a devida atenção à educação. **Entrevistado 6**

A presença de uma universidade interiorizada e internacional, que abriga não apenas jovens estudantes brasileiros do interior e do centro do país, mas também da comunidade dos países de língua oficial portuguesa na sua maioria, países do continente africano abre, por si só, caminhos emancipatórios ao proporcionar acesso à formação superior. Isso permite que esses estudantes participem e contribuam para a sociedade, promovendo mudanças em seu status quo. O Brasil, portanto, se abre a países, territórios e comunidades da África, além da Ásia e da Europa, que adotam a língua portuguesa como oficial ou a utilizam como meio de expressão.

Fundamentada nos princípios de apoio e ajuda mútua, a UNILAB visa criar e consolidar espaços de formação, produção e disseminação de conhecimento com relevância social. Essa integração pode, no médio e longo prazo, ser estendida a outros parceiros, mas estará prioritariamente voltada para os países africanos, em atenção às suas demandas de promoção do desenvolvimento nacional descentralizado (Diretrizes da UNILAB, 2010, p. 6). Percebe-se que, relativo a isso os entrevistados percebam a formação dessa universidade, como uma oportunidade.

a formação é uma preparação sistemática que mexe com o status quo. Ao mexer com o status quo, você se transforma e transforma sua comunidade. É assim que vejo a formação na UNILAB, porque aqui não apenas estudamos, mas também produzimos conhecimento sobre a nossa realidade e aprendemos, de forma teórica, sobre outras realidades. Além disso, essa formação abre oportunidades de emprego. Quando conseguimos um diploma, alcançamos outro status, tanto na comunidade científica quanto na sociedade em geral. **Entrevistado 1**

sinto que é uma formação decolonial, que promove a desconstrução de estereótipos vindos do Norte Global, frequentemente considerado o centro de tudo. Essa formação traz outras narrativas para dentro do espaço acadêmico. Sabemos que isso é, na verdade, uma forma de afirmação. Contudo, o fator financeiro que o Norte possui ainda influencia no processo de universalização das culturas e saberes. **Entrevistado 5**

De acordo com os entrevistados, a formação oferece oportunidade através de sua estrutura proporciona melhor ambiente de pesquisa em comparação com a Guiné-Bissau. Não diferente, o entrevistado 3 cita, “como estava falando ontem sobre o mesmo assunto com alguém, você é uma pessoa, às vezes você se despe dessa pessoa para tornar outra pessoa quando você chega aqui” isso se deve às transformações que ocorrem ao longo do processo formativo.

A UNILAB nasce em função das políticas e das vicissitudes históricas que influenciaram decisivamente sua instalação e a vida dos estudantes inseridos no processo formativo. Seu caráter histórico é fundamental, pois só é possível compreender seu funcionamento com base no contexto em que surgiu, como está evoluindo até os dias de hoje e para onde caminha, sempre se direcionando por discursos contestatório à hegemonia; e situa-se no âmbito da cooperação Sul-Sul, com um processo formativo de caráter internacional orientado à troca de experiências e recursos entre os países da periferia do capitalismo, visando atingir metas comuns baseadas em critérios de solidariedade, equidade, eficácia, interesse mútuo, sustentabilidade e corresponsabilidade.

De acordo com Silva (2011, p. 46), a “cooperação desta natureza busca a erradicação da pobreza, do desemprego e da exclusão social, além de acelerar os níveis de desenvolvimento político, social, econômico e cultural nos países integrantes”. A criação dessa universidade foi planejada levando em consideração as cooperações existentes entre a CPLP, numa perspectiva de internacionalização do ensino superior brasileiro além das fronteiras. Essa abordagem visa conectar culturas e experiências dentro do sistema educativo para fortalecer a cidadania dos jovens da comunidade.

Acordos bilaterais entre os países facilitam a mobilidade dos estudantes por meio da afirmação de políticas educacionais internacionais, permitindo que vários jovens africanos, oriundos de diferentes etnias, culturas e classe social que concluirão seus ensinos médios, tenham oportunidades de estudar em instituições de ensino públicas e privadas brasileiras, através dos ministérios das relações exteriores e das embaixadas do Brasil em seus países. Focando a formação como um campo fértil para a construção de sujeitos, essa abordagem problematiza as relações cotidianas, assumindo um olhar pós-colonial.

Nesse contexto, Silva e Lemonta (2014, p. 26) afirmam que “o coletivo é a força potencial para as possíveis e históricas transformações”. De acordo com os entrevistados 3 e 4 afirmam que:

o ensino aqui é emancipatório, no sentido de construção. Ele realmente te ajuda a alcançar os objetivos traçados, te dá possibilidades, abre portas e oportunidades, porque você tem uma carta na mão que te dá garantia. Estou me referindo ao diploma e ao conhecimento, nesse caso. Então, é bom. **Entrevistado 3**

caracterizo a formação da UNILAB como um campo de oportunidades com vários horizontes. É assim que vejo a UNILAB. Ela está comprometida com a transformação do aluno, permitindo que o próprio aluno produza conhecimento sobre si mesmo. **Entrevistado 4**

Na percepção dos estudantes a formação da UNILAB, ao criar condições voltadas para os objetivos pretendidos, permite que os jovens transformem conceitos e hipóteses em produções próprias, favorecendo que eles assumam o leme de seu próprio conhecimento, adquirindo autoridade e responsabilidade por suas criações, e se projetem como sujeitos críticos, pensantes e emancipados, com propriedade no que dizem e argumentam. A formação oferece os meios necessários para o comprometimento do indivíduo em relação a si mesmo, ao outro e aos diferentes grupos sociais com os quais convive. Para Niquito *et al.*, no Brasil:

durante a década passada, foi observada uma forte expansão da rede de ensino superior no Brasil, com aumento considerável do número de instituições, de cursos de graduação e de vagas ofertadas. As informações contidas no Censo do Ensino Superior, realizado anualmente pelo Ministério da Educação (MEC), fornecem um bom panorama a este respeito, mostrando que, entre os anos de 2000 e 2010, o número de IES – contabilizando-se tanto as privadas quanto as públicas, bem como as três esferas (federal, estadual e municipal) – passou de 1.180 para 2.378, um aumento de 102%. Mostram também que o número de cursos de graduação presenciais proporcionados pelo total das IES no mesmo período passou de 10.585 para 28.577 (+170%). No que se refere às vagas ofertadas, expõem que houve um aumento de 184% nos cursos presenciais (de 1,10 milhão para 3,12 milhões entre 2000 e 2010). (Niquito, *et al.* 2018, p. 6).

É essencial formar quadros especializados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos a assumir responsabilidades sociais e culturais, além de divulgar o conhecimento cultural, científico e técnico que constitui o patrimônio da humanidade. Lembremos que, historicamente, esses estudantes se situam em um país cujo contexto renasce da opressão colonial, em particular a portuguesa, caracterizado por um sistema de destruição de sua civilização e por um epistemicídio contra sua história e cultura, uma tentativa brutal de apagamento identitário. Neste quadro, ao refletir sobre as características do processo formativo, é pertinente concordar com Morin (2011, p. 80), que afirma que “o pensamento deve armar-se e aguerrir-se para enfrentar a incerteza. (...) o abandono do progresso garantido pelas leis da história não é abandono do progresso, mas o reconhecimento de seu caráter incerto e frágil”.

Para Freire (1996, p. 24), “o que importa, na formação, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser ‘educado’, vai gerando a coragem”. Nesse intuito, faz sentido compreender que o estudante guineense

precisa de uma formação de natureza científica, artística, ética e técnica de elevado nível. Constrói-se, dessa maneira, o verdadeiro sentido da educação como práxis, ação transformadora sustentada pelo conhecimento da realidade que pode superar

imobilismo e fortalecer o sentido histórico da ação educativa (Silva; Lemonta, 2014, p. 26).

Entretanto, mesmo fragmentando-se a tarefa, a complexidade não diminui. Para alcançar o objetivo final de formação, é necessário muito entendimento e esforço. Em um país como a Guiné-Bissau, as dificuldades para levar a cabo o processo educacional nacional são inúmeras e variadas. Uma formação que gera recursos humanos comprometidos deve provocar uma práxis pedagógica que supere a perspectiva uniforme e estimule uma visão de rede, de teia, de interdependência, buscando interligar diversos fatores que conduzam o aluno a uma aprendizagem significativa, com autonomia em sua comunidade.

Segundo a Lei (12.289/2010) que criou a UNILAB, a instituição se caracteriza pela cooperação internacional e pelo intercâmbio acadêmico e solidário com seus países-parceiros, “ex-colônias portuguesas”, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe. Metade das vagas oferecidas pela instituição é destinada a estudantes brasileiros, enquanto a outra metade é reservada para os jovens de países parceiro, predominantemente africanos, que são admitidos nos cursos de graduação. Esses países estão em desenvolvimento e com os quais o Brasil assinou e mantém acordos nas áreas educacional, cultural e científico-tecnológica. A inserção de práticas docentes e acadêmicas deve ser realizada de forma harmoniosa, considerando a realidade e integrando saberes formais, informais, científicos e tradicionais, além da adoção de fundamentos que possibilitem uma estrutura acadêmica democrática e integradora das diversas áreas do conhecimento.

A educação ajuda a reduzir a desigualdade e proporciona novas oportunidades aos mais pobres, aumentando, consequentemente, a mobilidade social. Portanto, não podemos negar que a formação é fundamental na preparação de nova geração para o desenvolvimento do país. Esse fato nos leva a compreender a contribuição das políticas educacionais do Sul Global para a emancipação dos jovens e tê-lo como elemento de transformação social.

Segundo Morin (2011), a identidade se constroi no diálogo, nos encontros e nas relações que se multiplicam entre pessoas, culturas e povos de diferentes origens. Para tanto, a característica da formação e a identidade do processo formativo da UNILAB se baseiam na reflexão sobre o mundo, sua historicidade e sobre como lidar culturalmente com ele. Dessa forma, espera-se que, na práxis formativa, o profissional de nível superior saiba não apenas aplicar a técnica, mas também entender o porquê de suas ações, compreendendo o que está por trás do que se faz. Isso remete à responsabilidade social da instituição de formação, que busca transmitir seu discurso.

Concorda-se com Imbernón (2011, p. 40) ao explicitar a característica da formação quando afirma que:

a formação pretende obter um profissional que deve ser, ao mesmo tempo, agente de mudança, individual e coletivamente, e embora seja importante saber o que deve fazer e como, também é importante saber por que deve fazê-lo. Contudo, no final do século XX, a luta por reconhecimento torna-se a forma paradigmática de conflito político epistêmico, em que as identidades grupais se colocam como elemento de incentivo à mobilização política num viés decolonial no respeito à identidade individual e às formas de ação, práticas e visões de mundo dos grupos desprivilegiados.

Portanto, a formação proporciona às novas gerações meios, conhecimentos, técnicas, além de atitudes e habilidades, criando uma identidade profissional robusta que as capacite a assumir suas responsabilidades como cidadãos e profissionais de transformação. Isso se deve ao fato de que a humanização implica a transformação das relações sociais desumanas. Nesse sentido, o projeto da UNILAB, promovido no âmbito da cooperação entre o governo brasileiro e os demais países de língua oficial portuguesa, especialmente na sua maioria africana, e em particular a Guiné-Bissau, abriu portas para que guineenses de todas as origens sociais pudessem acessar o ensino superior. Para isso, compreende-se, segundo Libânia (2001, p. 8), que a característica da formação, enquanto ato educativo:

está ligada a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores existentes no meio culturalmente organizado e, com isso, ganham o patamar necessário para produzir outros saberes, técnicas, valores. Mediação, mediante a qual favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação, isto é, a cultura que vai se convertendo em patrimônio do ser humano.

Segundo Imbernón (2011), ao aceitarmos que a formação é fundamental para o desenvolvimento humano, não devemos vê-la como uma forma de assumir privilégios sobre os outros, mas como uma oportunidade para que o indivíduo, por meio do conhecimento adquirido, se coloque a serviço da mudança e da dignificação da pessoa. De acordo com Candaú e Walsh (2018), a formação na UNILAB questiona a geopolítica do conhecimento, desafiando a estratégia do pensamento moderno ocidental que, de um lado, afirma suas teorias, conhecimentos e paradigmas como verdades universais e, de outro, invisibiliza e silencia os sujeitos que produzem conhecimento fora de suas perspectivas. Esse entendimento reforça a ideia de que a identidade formativa, percebida como uma ação epistemológico coletiva.

Na modernidade periférica em que os países do Sul Global se situam, especialmente os estudantes guineenses, as demandas educacionais exigem uma mudança paradigmática na identidade docente, que leve em consideração a transformação social em curso e suas implicações epistemológicas. Diante disso, tanto a identidade formativa quanto as ciências humanas são desafiadas a redefinir e ampliar seus objetos de estudo e procedimentos metodológicos, além de revisar criticamente sua epistemologia, reconhecendo a pluralidade de conceitos, teorias, métodos e sujeitos. Nesse intuito, a identidade profissional deve estimular o aluno a refletir criticamente sobre seu contexto cultural, político e econômico. Nesse sentido, parafraseando Freire (1996, p. 12), que os,

saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que emancipar não é transferir conhecimento, tecnologias, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

A identidade, no entanto, é um processo individual e ao mesmo tempo coletivo, pois somos seres de contato. Assim, pensar na emancipação implica refletir sobre o processo formativo, considerando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos. Portanto, é nessa direção que o formando ou formado, olha a formação enquanto instrumento transformador, e de humanização do ser humano. Os processos formativos não podem ser pensados como atividades isoladas, sem uma relação com o contexto, uma vez que o processo formativo interfere no fazer profissional e na forma de lidar com o contexto político e social. Na visão de Freire (1996, p. 16), “o nosso conhecimento do mundo tem historicidade”. Dessa forma, a construção identitária também é marcada por um conjunto de fatores históricos; por isso, a formação é um instrumento indispensável na construção da identidade para o exercício do professorado, permitindo que os formandos e formados se mobilizem e se armem de conhecimentos e técnicas que lhes confirmam uma identidade para o ofício, visando responder às demandas de seu contexto.

A formação que enfatiza apenas o conhecimento técnico não leva os professores a refletirem sobre a vida e a atuação em sala de aula; além disso, nega aos formandos a possibilidade de desenvolver o pensamento crítico, limitando-os a uma ação técnica de reprodução. A UNILAB permite o desenvolvimento de uma identidade que vai além dos pressupostos reprodutivos do monopólio colonial, são saberes que capacitam o formando a resolver problemas cotidianos e a adaptar-se a um mundo em constante mudança.

Como bem salientou Cunha (2017, p. 2), “as vozes foram antes emudecidas por lógicas hegemônicas do pensamento. [...] pois múltiplos olhares e vozes geram

entendimentos diferentes do fato social.” Nesse sentido, é importante situar a característica profissional dos estudantes guineenses na UNILAB, pois, conforme Imbernón (2011, p. 101), essa formação “supõe romper certas inéncias e ideologias institucionais que perduraram, ainda que parcialmente, durante muitos anos.” A escola, ao longo do tempo, sempre homogeneizou, silenciou e neutralizou as formas de produção de conhecimento que fogem do padrão hegemônico.

Segundo Bolzan (2021, p. 67), “a centralidade sobre o conhecimento específico, no ato pedagógico, tem gerado a invisibilidade de experiências e saberes que são fundamentais para a produção de sentido inerentes às aprendizagens que precisam ser provocadas entre ensinantes e aprendentes.” Ao entender a formação como um discurso marcado pelos diferentes atores envolvidos no processo formativo, como sustenta Franco (2021, p. 33), “o discurso não está somente no falado ou escrito, mas também determina uma característica profissional. À medida que se desenvolvem práticas diferentes e se implementam políticas, também se afirma um discurso”, que, assim, reafirma uma identidade e características a partir da UNILAB.

Enquanto política de formação, a UNILAB, em seu discurso, afirma um pensamento contra hegemônico como cerne do processo formador em busca da transformação, assumindo compromisso com as lutas sociais dos povos oprimidos por sua libertação e emancipação. Nessa lógica, segundo Walsh e Candau (2018), comprehende-se que a formação na perspectiva da instituição é um trabalho de orientação decolonial, destinado a romper as correntes que ainda estão nas mentes. Trata-se de um trabalho que busca desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas, que, até agora, permanecem, mantendo padrões de poder enraizados na racialidade e no conhecimento eurocêntrico. Neste sentido, a universidade é espaço para a reflexão, permitindo que os estudantes reflitam sobre o vivido, e elaborem novos conhecimentos, dado que os desafios pós-coloniais para o contexto destes estudantes devem ser vistos com uma postura crítica e reflexiva.

Assim, sustenta Bolzan (2021, p.57) que:

a formação e o desenvolvimento profissional docente, abriga um complexo processo de elaboração entre o já vivido e a criação de novas e distintas configurações de agir docente. Essas configurações reproduzem exigências e necessidades que se apresentam no contexto de atuação, nas instituições de ensino superior (IES) assim como no modo como os professores as significam ao longo de seus percursos docentes.

A colonização contribuiu na formação de uma nova cultura, uma cultura construída na violência que tem forçado o entrosamento de costumes e tradições de diferentes povos e culturas. Na mesma linha, segundo Bolzan (2002), o processo de reflexão crítica feito individualmente ou em grupo pode tornar conscientes os modelos teóricos pedagógicos e epistemológicos mais formalizados. Neste âmbito, entende-se que a identidade profissional se constroi nos cursos de formação inicial e continuada, portanto, a docência se fundamenta nos saberes oriundos da instituição de formação que não só transmite o conhecimento científico, mas também permite aos estudantes incorporá-lo de maneira reflexiva a partir do compromisso sistemático e do discurso firmado pela instituição de formação e que, a partir dela gera produto da transformação como faz perceber um dos entrevistados após a sua viagem para Guiné-Bissau.

fui fazer pesquisa de campo e encontrei vários colegas. Percebi a importância das contribuições dos colegas, mesmo diante das dificuldades políticas nas quais o país está mergulhado. Os estudantes estão desenvolvendo bons trabalhos, provocando debates, fazendo pesquisas e dando aulas, além de ocupar a estrutura de base dos partidos políticos e a função pública. Isso mostra como a formação é importante para o desenvolvimento do país. A mudança está acontecendo, mas de forma lenta.
Entrevistado 3

Segundo Silva e Lemonta (2014), a construção de identidade para a docência na universidade deve estar a serviço de uma educação desinteressada para além das necessidades imediatas. Necessariamente, isso mostra que a universidade na sua forma de profissionalização busca mudanças enquanto instrumento de conhecimento acadêmico no sentido de reverter o trágico passado colonial despertando cidadão por uma sociedade plural e participativa.

Para Freire (1996, p. 36), a construção da identidade através da formação é “aprender, construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. Ainda no entendimento dele é necessário desnudar de práticas que historicamente excluíram grupos oprimidos de todas as possibilidades, suas histórias, línguas e cultura para a construção de uma cidadania plena a partir da formação e produção de si, além do mais a UNILAB é uma forma de pensar e lidar com o passado silenciado.

3.2 Dimensão emancipatória da formação

Interesses políticos, econômicos e sociais levaram os Estados a criar formas associativas em áreas geopolíticas, definidas espontaneamente pela afinidade de interesses e problemas, com o objetivo de alcançar metas comuns de desenvolvimento de maneira coordenada. O caráter dinâmico da cultura, que sofre mudanças por fatores internos e externos, e o contato com outras culturas geram uma troca significativa. Para o estudo da integração das nações, é importante que fatores relacionados à cultura sejam abordados de forma a se tornarem referenciais, e não meramente acessórios (Andrade, 2003). A UNILAB é impulsionada por uma intenção cultural e uma determinação de valores, representando um processo contínuo de vida social no qual os indivíduos se relacionam e definem, tanto individualmente quanto coletivamente.

Os aspectos culturais que esses países compartilham como comunidade possibilitaram a formação de uma instituição educacional com objetivos de divulgação cultural, cooperação e solidariedade (Andrade, 2003). Isso proporciona aos jovens a oportunidade de refletir sobre sua vivência como cidadãos ativos na sociedade. A universidade, sendo um ambiente que acolhe indivíduos de diversas classes sociais, etnias e culturas, torna-se um espaço de diálogo e formação humana, promovendo transformações e garantindo que os jovens sejam sujeitos plenos de direitos, especialmente o direito à educação e à voz, além do mais de produzi-lo.

Nos países de PALOP, ainda se constata o desafio do ensino de modo geral, e essa situação de precariedade leva as pessoas a buscar formação fora do continente, a fim de obter uma qualificação mais adequada e, posteriormente, conseguir aceitação em seus países de origem. A realidade guineense é marcada por demandas e urgências profundas em matéria de educação. Assim, os estudantes guineenses saem do país para dar continuidade aos seus estudos fora de Guiné-Bissau, em busca também de novas oportunidades que o país de origem não oferece, como se percebe nas falas dos entrevistados 3, 4, e 5.

eu não tinha escolha, essa era minha única opção... é sério! Não tinha escolha. Não vim para o Brasil porque eu quis, não, eu não tinha escolha. Eu não gostei do Brasil, e também não estou naquela lista do povo que todo mundo quer ir para Portugal, não. Eu não queria também ir para Portugal. A minha intenção era ir mais para os países francófonos, lá na África, ou para a China. Mas eu já tinha tentado ir para Marrocos, mas não consegui. Tentei ir para a Turquia, mas não consegui. Tentei ir para a Argélia não consegui. Então, fiz todas essas tentativas não consegui. Não consegui do jeito que a gente sabe, lá na Guiné saiu o seu nome, mas você não é chamado para ir. Eu já estudava também lá no centro, mas não tinha interesse. E até no dia em que entreguei os documentos para a inscrição, minha professora perguntou: "Tu querias ir para o Brasil?" Eu disse: "Eu não quero ir, estou tentando". Então, eu vim porque não tinha escolha mesmo. **Entrevistado 3**

quando terminei o ensino médio, estava pensando em sair da Guiné. A preferência era para os países francófonos, como Marrocos ou França. Cheguei a fazer alguns cursos no Centro Cultural Francês, porque na Guiné eu não estava conseguindo estudar por questões financeiras. Um amigo me disse uma frase que ficou na minha cabeça: "Para ser uma pessoa ou alguém na vida, depende de nós. Se eu não fizer por mim, esperando que outra pessoa faça, não vou ser ninguém na vida." Foi a partir dessa frase que eu pensei: "Está bom, vou concorrer." E não foi que deu certo? Meu amigo me motivou muito e eu também pensei em mim mesmo. Foi por isso que eu vim.

Entrevistado 4

eu aceitei o Brasil como qualquer jovem que tem o sonho de estudar fora. Com certeza vai aceitar, quero uma melhor qualidade de formação, e isso me impulsionou a sair. Bem, minha saída da Guiné para o Brasil foi por motivos pessoais, em busca de formação superior. Já estou há 7 anos no Brasil e consigo ver que foi um projeto muito bom da UNILAB. Saí da Guiné vindo para cá para realizar os estudos que ainda estou fazendo, porque nunca larguei, estou fazendo até hoje. E tem outros que já estão lá também. Não é só a formação, se eu tiver a oportunidade de poder contribuir aqui, trabalhar para ajudar minha família, que está precisando de mim, claro que vou ficar. O objetivo já não é só ter a formação, mas ser um homem conscientizado, capaz de ter condições de ajudar a minha vida e também minha família. No fundo, o objetivo é adquirir conhecimento para poder ajudar minha família. **Entrevistado 5**

A Unilab é um projeto político e social estratégico, com foco na inclusão e na cooperação Sul-Sul. Garante uma formação profissional alinhada às necessidades e especificidades do contexto social, político e econômico da CPLP, não só forma profissional preparada para os desafios do mundo globalizado, mas também contribui para a construção de uma rede de colaboração internacional, isso transforma a universidade num agente de transformação em suas comunidades. No entanto, as similitudes históricas, permitem aos estudantes africanos em especial guineenses, sujeitos de benefícios propostos pelos acordos bilaterais de seus países com o Brasil, o que lhes facilita o acesso à educação, nomeadamente de nível superior.

A dificuldade de acesso à educação está relacionada à falta de políticas públicas ambiciosas e eficazes, motivadas por instabilidades institucionais que persistem há mais de duas décadas na Guiné-Bissau, o que agrava a formação de recursos humanos em todas as regiões do país. Além disso, de acordo com Sani (2014, p. 04), “as constantes instabilidades políticas têm contribuído não só para o fraco crescimento econômico do país, mas também para o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apresentando enorme fragilidade no setor educacional.” O país tem registrado um aumento populacional sem que a maioria de sua população tenha acesso pleno aos serviços educacionais.

Para Silva (2020), vislumbra a UNILAB, como um espaço de conflitos e interesses, um campo de disputas com diferentes culturas e costumes, também é uma oportunidade única de integração e aproximação. Assim sendo, a aproximação dos jovens do bloco é uma forma

de integração cultural e de elevar um dos princípios fundamentais dos direitos humanos: a “educação”, em que ambos os lados do bloco compartilham suas diferenças e semelhanças por meio da formação, neste quadro por meio dos entrevistados a formação é um fator importante, porém traz muita vantagem principalmente os guineenses ao destacarem que,

a formação traz muita vantagem, eu sou daqueles que falo a educação ou a formação da UNILAB permite acessar conhecimentos produzidos em diferentes tempos em diálogo com as experiências de diferentes países que permite os outros também ter acesso aos conhecimentos que ajuda a pessoa a construir exercer a cidadania. Mas para mim, eu vejo muitas vantagens até aqui, não é no sentido de me ajudar a ter uma leitura do mundo diferente, mas permite passar essa visão para outros que vão chegar.

Entrevistado 1

para nós que viemos de um contexto que carece de oportunidade desse gênero, o mais significativo nesse processo de ir e vir é a oportunidade de acesso que a UNILAB dá para maioria dos jovens de nos permitir adquirir uma formação de qualidade, além do mais a formação aperfeiçoa os status quo a minha forma de produzir e participar no debate acadêmico, minha maturidade. Eu vejo que a formação na UNILAB me dá o mínimo para sonhar com o mercado de trabalho e para prosseguir para mestrado, doutorado sonhar para ser acadêmico neste caso, oportunidade difícil de ter no país porque além da dificuldade o país não possui uma estrutura consolidada do ensino superior. **Entrevistado 1**

Nesta perspectiva, é importante frisar que a partir dos estudantes a formação oferece a oportunidade de criar novos horizontes para enfrentar desafios e que receber uma formação adequada é o melhor caminho para que se tornem membros plenos da sociedade. A formação de quadros é fundamental, especialmente para os países de PALOP, que, devido às suas recentes independências, a setores educativos ainda não consolidados, necessitam de recursos humanos e financeiros para o seu desenvolvimento.

a cooperação na área de educação tem sido um instrumento importante para impulsionar o desenvolvimento por meio da formação de recursos humanos dos países em vias de desenvolvimento. A circulação de pessoas, com objetivos de formação acadêmica, parece ser uma prática recorrente nos países africanos com base nas elevadas taxas de indivíduos com “idade escolar”. Hoje, é perceptível a presença dessa nova categoria de migrantes temporários ou intermediários nas universidades brasileiras. Eles vivem e interagem durante um período relativamente prolongado, criando vínculos sociais profundos nas universidades e nas cidades por onde transitam (Silva, 2016, p. 41).

O campo da educação no Brasil vem, nos últimos anos, sendo chamado a discutir uma série de questões temáticas clássicas como currículo, didática, formação docente, cultura escolar, etc., em função de novas demandas implicadas no desafio de superar desigualdades e discriminações raciais, de gênero, sexualidade, religiosas, entre outras, assim como reconhecer e valorizar as diferenças, assumindo as tensões entre igualdade e diferença, políticas de redistribuição e de reconhecimento (Candau; Walsh, 2018).

À luz deste cenário de profundas transformações no Brasil, especialmente na expansão dos direitos humanos, particularmente no âmbito educacional, reforça-se a tese da emancipação social. Essa tese passa a incluir em sua agenda emancipatória os jovens do Sul Global na busca de soluções conjuntas para os desafios, tanto internacionais quanto nacionais, enfrentados por Estados e cidadãos nelas inseridos. Com as independências das colônias portuguesas, especialmente os países africanos de língua oficial portuguesa na década de 70, surgem novas formas de relacionamento, e as formas de atuação política e as perspectivas de intervenção são alteradas.

Há um aumento das cooperações técnicas no domínio educacional, como os programas de PECPG, PECG e UNILAB. De acordo com Imbernón (2011, p. 51), “a formação consiste em descobrir, organizar, fundamentar e revisar em teoria. Se necessário, deve ajudar a renovar o sentido pedagógico comum, recompondo o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que os sustentam,” na construção de conhecimentos pedagógicos de forma individual e coletiva. Para o autor, é esse entendimento, que questiona as formas de fazer ciência, visa emancipar na medida em que a formação, por meio da integração, começou

a valorizar a importância do sujeito, de sua participação, portanto a bagagem sociocultural assume na educação. (...) Essa necessária renovação da instituição educativa e esta nova forma de educar requerem uma redução importante da profissão docente e que se assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos. Em outras palavras, a nova era requer um profissional da educação diferente (Imbernón, 2011, p.12).

Além disso, a UNILAB representa um espaço de transformação e emancipação, onde a educação se torna não apenas uma ferramenta de crescimento pessoal, mas também uma ferramenta de mudança social e política. Esses estudantes não buscam apenas uma qualificação profissional, mas também se empenham em contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades, por meio das produções acadêmicas. A educação é uma ferramenta fundamental para proteger a dignidade humana. Os jovens ingressam na UNILAB em busca de conhecimento (formação) em diferentes áreas e domínios do saber. A troca de conhecimentos e experiências intercontinentais e periféricas fortalece o senso crítico das populações subalternizadas e os emancipa. De acordo com a percepção dos entrevistados,

a emancipação seria, para mim, inclusão, participação de um grupo de pessoas dentro de um determinado assunto ou processo. Esse seria, para mim, por exemplo, quando dizemos a emancipação das mulheres na esfera política: é criar mecanismos para que estas possam afirmar suas demandas. Esse processo que eu vejo de

emancipação e a UNILAB que me emancipa enquanto discente neste sentido.

Entrevistado 6

o processo fomativo da UNILAB nos permite afirmar e lutar por algo que a gente não tem, mas que deveríamos ter, embora não tenhamos. Então, é isso que eu acho da palavra emancipação. É claro que a formação é emancipadora, querendo ou não, é muito emancipadora, principalmente para nós, negros, já que é uma universidade que foi fruto da luta do povo negro. Isso já demonstra que a universidade e a formação são emancipadoras, uma conquista de uma classe que estava na invisibilidade isso, por si só, já é uma forma emancipação. Então, a formação segue a mesma linha de emancipar jovens negros, dando oportunidade para que eles podessem ocupar lugares de destaque num sistema que torna esses corpos invisíveis. **Entrevistado 4**

A formação possui a dimensão de luta por uma sociedade emancipada e pela superação das injustiças sociais. Nesse sentido, o processo de integração internacional dos estudantes africanos, em especial os guineenses, permite vislumbrar a emancipação e as relações do Brasil com a comunidade dos países da CPLP, em especial africanas que são marcados por afinidades históricas no processo de formação da sociedade brasileira, composta por um contingente apreciável de habitantes oriundos daquele continente.

Essa experiência dos jovens, de poderem estudar no Brasil numa universidade diferenciada que é voltada à lusofonia que no passado tiveram a marca da violência colonial, e hoje os seus jovens estão compartilhando e construindo conhecimento é uma experiência emancipadora e de afirmação da cidadania no espaço CPLP de forma a superar a realidade colonial. Ademais, esses países enfrentam problemas sociais que se assemelham, enquanto ex-colônias; a emancipação só pode ser alcançada por meio da formação e do compromisso social de caráter institucional, estruturando conhecimentos, habilidades e atitudes para uma nova cidadania. O entrevistado cita que,

a partir dessa formação, temos uma excelente oportunidade para promover melhorias substanciais no sistema educativo guineense. Sempre digo que, para alcançarmos esse objetivo, devemos aproveitar ao máximo tudo o que há de melhor no sistema educativo brasileiro. O Brasil possui sistema de ensino eficaz com práticas e métodos que podem ser fundamentais para aprimorar o nosso sistema de ensino,, claro que, há especificidades se compararmos as duas realidades. Essa troca de experiências é essencial para que possamos superar os desafios em Guiné-Bissau, ao impulsionar uma formação mais qualificada e acessível para um número significativo dos guineenses. **Entrevistado 4**

A dificuldade da Guiné-Bissau em matéria de educação se explica por um fato histórico: segundo Cá (2009, p. 61), “a maioria da população que nasceu no interior da Guiné-Bissau durante a colonização portuguesa só teve acesso à escola quando o PAIGC dominou essas áreas, ou seja, no período pós-1963, pois, no início da luta armada,

praticamente temos 99% da população analfabeta." ainda segundo ele dada essa enorme demanda, o país iniciou o processo de formação de técnicos no exterior, inicialmente em Conakry e, posteriormente, estendendo-se a países socialistas, como Cuba, Alemanha e Rússia.

A proximidade cultural e histórica do Brasil com os países que integram a UNILAB compartilha um passado "colonizado" que, apresentadas as devidas proporções, impacta o modo de ver e conhecer a realidade de cada um, incluindo a histórica violação de direitos presentes na trajetória de ambas as nações pelos invasores portugueses. Os processos formativos afetam os jovens de diversas maneiras, proporcionando experiências compartilhadas e acesso a conhecimentos, além do mais visa a produção e reprodução de suas existências. Essa proximidade cultural e histórica com o Brasil, fruto da crescente integração da comunidade lusófona na UNILAB, permite aos jovens estudantes aproximarem-se teoricamente das discussões acadêmicas e tratá-las cientificamente, o que pode ser observado por meio das produções dos jovens guineenses a partir do Brasil e das universidades brasileiras.

Segundo o entendimento de Souza (2015), o processo formativo na UNILAB carrega uma força simbólica e material para a reconstrução de uma representação real e afirmativa sobre a presença negra no passado e no presente, tanto de negros africanos quanto de brasileiros, que se tornam visíveis por meio de seu ingresso na UNILAB, como é o caso dos estudantes guineenses. Na percepção do entrevistado é reforçada a perspectiva emancipatória da universidade ao dizer que,

a UNILAB nos proporciona uma dimensão verdadeiramente emancipatória. Eu diria que a formação é, antes de tudo, uma busca incessante pelo conhecimento, e esse conhecimento se torna uma parte fundamental da nossa vivência. A emancipação da qual falo, quando me refiro à formação na UNILAB, está relacionada à oportunidade de estudar e, com o tempo, ao processo de construção do conhecimento, que faz o estudante amadurecer e se transformar ao longo do seu percurso acadêmico. A UNILAB nos oferece a chance de alcançar essa emancipação, permitindo que nos tornemos as pessoas que realmente desejamos ser na vida, ao mesmo tempo em que nos capacita a contribuir de forma significativa para nossas comunidades.
Entrevistado 2

A UNILAB é um ponto de articulação bilateral e multilateral visando à emancipação de pessoas e de territórios historicamente marginalizados em contextos de desenvolvimento atrelados à história da colonização e das lutas por direitos sociais, os países da CPLP vêm vivendo laços cada vez mais estreitos. O trânsito de estudantes originários dos países africanos no Brasil, por exemplo, registra uma nova rota de formação e de troca de

experiências. De um lado, tem configurado um destino de profissionalização adicional para sujeitos sociais cujas expectativas eram, antes, atreladas à Europa, quando o assunto era a formação superior.

Portanto, a UNILAB serviu como uma porta de entrada para muitos guineenses, permitindo-lhes acesso ao ensino superior em uma universidade pública e federal. Outros, por sua vez, optaram pelo processo das faculdades privadas, assumindo todas as despesas do curso por conta própria. De acordo com Cá (2009, p. 111), “muitos desses estudantes guineenses terminavam o colégio e ficavam longo tempo na tentativa de conseguir uma bolsa ou uma vaga no exterior para realizar a sua formação”. Isso também nos ajuda a compreender que boa parte dos estudantes, sem alternativas em seu país, busca vagas e cursos de interesse onde estejam disponíveis.

Dessa forma, a universidade se apresenta como um caminho e uma oportunidade para os estudantes guineenses construírem suas carreiras acadêmicas, possibilitando o reconhecimento profissional tanto no Brasil quanto na Guiné-Bissau. De acordo com Aldine (2016), as barreiras de acesso ao ensino superior na Guiné-Bissau, aliadas ao surgimento da UNILAB, configuram-se como uma alternativa viável e emancipatória. É notável que, em face das dificuldades enfrentadas, a UNILAB surge como uma opção justa e acessível para os mais desfavorecidos, oferecendo a chance de explorar novas realidades e ampliar seus horizontes de atuação, tanto na sua terra natal quanto nos países envolvidos na cooperação.

Nesse intuito, comprehende-se que emancipar-se é deixar o silêncio e abrir caminhos para que aqueles que antes foram silenciados agora tenham voz, permitindo-lhes desnaturalizar o que foi imposto desde o processo colonial, desconstruindo processos e pensamentos opressores persistentes na sociedade. Segundo esse entendimento, na dimensão formativa, a instituição foi capaz de “proporcionar um pensar epistêmico emancipatório e, mais do que saber coisas, capacita os alunos a desenvolverem habilidades básicas de pensamento que lhes permitam apropriar-se do momento histórico, de modo a pensar historicamente a realidade e reagir a ela” (Libânia, *apud* Ferreira, 2014, p. 15). É importante considerar que a persistência colonial ofusca a contribuição social, cultural e política dos grupos sociais oprimidos.

Neste sentido, a proposta da UNILAB enquanto processo de formação, objetiva desconstruir e reconstruir o saber numa dinâmica mediada pela intencionalidade e sistematicidade a partir da construção Sul-Sul, já que o ser do processo formativo é construído intencionalmente com conhecimentos, ideias, conceitos, valores e hábitos; assim, a formação

possibilita que os estudantes guineenses tomem consciência de sua profissão e da sua responsabilidade individual e coletiva.

Para Santos (2009), a formação situada no diálogo entre os países do Sul Global, também é, um campo epistemológico e de emancipação que procuram reparar os danos e os impactos historicamente causados pelo colonialismo. Portanto o projeto de formação da UNILAB visa repensar a história colonial nos países da integração numa perspectiva emancipadora incluindo jovens de diferentes quadrantes sociais no processo formativo. Tornar visível o que não é visto, também significa uma mudança e transformação individual e coletiva.

Focando a Instituição de Ensino Superior (IES) como um campo fértil de sujeitos em construção, problematizando seus modos de relacionar cotidiano no contexto de práticas formativa, os sujeitos autores foram desnaturalizando em suas pesquisas, possibilitando outras estratégias pedagógica, de ação, que formam e transformam os sujeitos nas relações com o outros, produzindo outras subjetividades como diz entrevistado 2.

a Guiné-Bissau tem muito o que aprender com o Brasil em termos de educação. As políticas públicas utilizadas para a educação no Brasil são um exemplo que a Guiné-Bissau pode aproveitar e implementar na educação. Primeiro, há muita diversidade cultural dentro de uma universidade. Segundo, a formação afrocentrada é um ponto importante e, em termos de conhecimento, trata-se de uma construção contínua, envolvendo diversos tipos de formação. No entanto, a Guiné-Bissau ainda tem muito o que aprender com as políticas públicas e a educação implementadas nas universidades e escolas públicas do Brasil. *Entrevistado 2*

Analizando essa percepção a formação na UNILAB permite resgatar e analisar as similaridades históricas entre os jovens guineenses e os jovens brasileiros, principalmente os afrodescendentes e os povos indígenas. Isso se deve ao fato de que ambos os países estão sujeitos a currículos eurocêntricos que excluem as epistemologias africanas e indígenas no cotidiano, em função da colonialidade dos saberes. Conforme Imbernón (2011, p. 14), hoje a profissão exige “motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade e, é claro, que tudo isso requer uma formação: inicial e permanente” para responder aos desafios e anseios da sociedade ou da comunidade na qual os estudantes estão inseridos.

O processo formativo pressupõe dotar os formandos de responsabilidade social, à medida que o ato educativo visa responder às demandas da comunidade, situando criticamente o formando. Isso ressalta o papel da formação como um dos fatores cruciais para a efetivação dos direitos educacionais e a construção da cidadania plena. Oliveira (2014) entende que a

formação em nível superior é um processo emancipatório; quando realizada em serviço, possibilita mudanças na realidade escolar, impactando diretamente a prática pedagógica e permitindo sua renovação ou revitalização, o que contribui para a construção de uma sociedade mais justa. Essa formação traz benefícios diversos a todos os envolvidos, compreendendo-se como um meio para adquirir identidade para a docência e desenvolver a consciência social.

Para Oliveira (2014), a formação crítico-emancipadora é um processo que não coloca o educador como mero reproduutor do conhecimento construído por outros, mas, pelo contrário, valoriza-o como um importante sujeito social no contexto educativo, tornando os estudantes sujeitos de pesquisa que estão em consonância com os princípios da construção colaborativa e solidária do conhecimento, promovendo uma aprendizagem realmente significativa.

às vezes, o conceito de emancipação pode ser difícil de compreender, mas, para mim, ela representa um processo que nos permite alcançar nossa própria independência, de modo que possamos contribuir de forma mais eficaz para a transformação da nossa realidade. A emancipação é justamente esse processo contínuo de libertação e fortalecimento, e a universidade, nesse contexto, é uma construção social essencial, onde podemos construir e exercer nossa cidadania, aprimorando nossas vivências e nosso entendimento sobre o mundo ao nosso redor. ***Entrevistado 1***

Assim sendo, segundo Imbernón (2011), às instituições ou cursos de formação deveriam ter um papel decisivo na promoção não apenas do conhecimento profissional, mas também no comprometimento com o contexto e a cultura. Com isso, as instituições devem ser dinâmicas e promotoras de mudança e inovação, sendo necessário que os formandos, no futuro, estejam preparados para entender as transformações que surgem nos diferentes campos e para serem receptivos e abertos às concepções pluralistas, capazes de adequar suas atuações ao contexto.

Esse entendimento permite parafrasear a concepção de Santos (2019), que comprehende que, diante da produção das ausências, a formação da UNILAB proporciona abertura ao arquivo do presente em relação ao arquivo do passado, sem o qual não será possível qualquer arquivo do futuro. À luz dessa perspectiva, formar na perspectiva da UNILAB é uma forma de lutar pela emancipação, o entrevistado 5 na sua fala considera a UNILAB um instrumento emancipatório porque,

a UNILAB nos possibilita produzir e falar para nós enquanto comunidade acadêmica e para o nosso povo. Então, a UNILAB é um grande espaço de emancipação.

Imagina, a maioria de nós somos de baixa renda, filhos de agricultores, camponeses, de vendedeiras ambulantes, mas, através desse processo formativo na UNILAB, estamos tendo quadros com formação superior. Então, a UNILAB está sendo a grande casa da emancipação de saberes e de oportunidades. *Entrevistado 5*

Desse modo, pensar a dimensão emancipatória dos estudantes guineenses na UNILAB é reconhecer a formação como prática social e entendê-la como um processo de emancipação, construção coletiva e um projeto alternativo capaz de contribuir para o desenvolvimento da sociedade e da educação em uma perspectiva de transformação.

De acordo com Bolzan (2021, p. 56), "a reconfiguração da docência não se esgota, mas se amplifica à medida que os sujeitos buscam compreender as circunstâncias com as quais precisam lidar." A formação visa à melhoria do futuro educacional. Portanto, ao observar a formação na perspectiva emancipadora, percebe-se, segundo Imbernón (2011, p. 15), que:

a formação servirá de um estímulo crítico [...] mediante a ruptura de tradições, inéncias e ideologias impostas, formar o professor na mudança e para mudança por meio do desenvolvimento de capacidades reflexivas em grupo, e abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente deve compartilhar conhecimento com o contexto. Isso implica uma mudança nos posicionamentos e nas relações com os profissionais, já que isoladas eles se tornam mais vulneráveis ao entorno político, econômico e social.

Segundo Silva e Lemonta (2014, p. 19), "a concepção de formação de professores na perspectiva crítico-emancipadora busca construir a indissociabilidade entre teoria e prática na práxis atividade humana que transforma o mundo natural e social para fazê-lo humano, sem que essa atividade seja concebida com um caráter meramente utilitário." Ainda segundo eles, entende-se que a formação contém dimensões do conhecer como atividade teórica e do transformar-se como atividade prática; fora dela, permanece a atividade que não se materializa, pois o processo formativo é capaz de constituir um pensamento novo que, ao ser colocado em prática, pode transformar essa realidade.

A propósito, percebe-se que no processo formativo dos estudantes guineenses na UNILAB está sendo moldado um novo sujeito, com valores e dimensões epistemológicas capazes de restituir processos históricos. Na mesma lógica, comprehende-se, com base na sustentação de Imbernón (2011, p. 89), que a formação nas instituições:

precisa promover um/a clima/cultura de colaboração que deve centrar-se em criar participação, no sentido de tomar decisões compartilhadas; de delegar; de formar equipes; de trabalhar com professores com essa formação, pretende-se que se reconstruam as instituições por fora e por dentro.

Nesta direção, para Cunha (2017, p. 15), “o papel da universidade como instância que tem condições emancipadoras está pautado por princípios de justiça e maior igualdade”. A formação é um ato complexo que une pré-conhecimento, impulso intelectual e político-pragmático. Por isso, para Santos (2019), comprehende mais do que uma orientação crítica, não existe justiça e emancipação social sem justiça cognitiva; não se precisa apenas de alternativas, mas efetivamente de um pensamento alternativo sobre alternativas.

O acesso e a abertura da formação para esses estudantes buscam o reconhecimento do desafio diante da invisibilização e do epistemicídio produzidos pelo sistema colonial sobre suas realidades, bem como a construção de novas formas de projetar o futuro, tendo o espaço formativo como elemento-chave para a ressignificação e valorização das culturas e identidades em termos técnicos e científicos. Trata-se, portanto, de uma consciência engajada a partir da diversidade e do reconhecimento dos processos de luta e resistência que marcam a história desses estudantes.

Para Silva e Lemonta (2014, p. 24), “o problema do cotidiano escolar não se origina no próprio cotidiano escolar; muito ao contrário, é bem mais amplo, pois envolve contextos históricos, políticos e sociais.” Sendo assim, é necessário fortalecer o desenvolvimento de atitudes de cooperação solidária para a compreensão do outro, consolidando um coletivo profissional autônomo e construtor de saberes e valores próprios.

Neste contexto, as relações interpessoais devem desenvolver-se na dimensão da horizontalidade, estabelecendo um clima propício para que os futuros professores se tornem sujeitos ativos nas relações sociais e participantes de seu tempo, a fim de superar as relações verticais. Dada a força de transformação do processo formativo, para Imbernón (2011, p. 101), a escola é situada “não como um lugar, mas sim como uma manifestação de vida em toda sua complexidade, em toda sua rede de relações e dispositivos com uma comunidade educativa, que tem um modo institucional de conhecer e de querer ser”. A formação, portanto, é um modo sistemático de conhecer e produzir o mundo.

A formação para a emancipação parte da possibilidade de desenvolver uma razão crítica, precisamente como condição para desvelar as restrições à autonomia no contexto do mundo moderno. Corroborando com isso, faz sentido recordar a importância do espaço escolar na perspectiva de Freire (1997, p. 7), que comprehende a instituição como um espaço de reafirmação, negação e criação. No entanto, ainda se percebe que o valor real da ação educativa é sua projeção no futuro, a sua coerência intrínseca que lhe dá significado, direção e unidade para resistir contra as novas formas de epistemicídio e exclusão social.

Parafraseando Silva e Lemonta (2014), pode-se afirmar que a formação dos estudantes guineenses tem como objetivo final a apropriação do conhecimento produzido socialmente, a fim de desvelar as contradições da realidade e, assim, reivindicar seus direitos e buscar a transformação social. Sendo um ato intencional, busca-se a libertação do ser, de modo que a formação se configura como um processo constante de construção individual e coletiva, além de um meio de reconstrução a partir da reflexão sistemática sobre teoria e prática. Os estudantes guineenses ainda carregam uma marca colonial, o que permite observar a formação como uma reelaboração de conhecimento que, paulatinamente, altera ideias, sentimentos e ações diante dos fatos. Nesse sentido, Imbernón (2011, p. 65) comprehende que o processo formativo “leva os formandos a propor, esclarecer, precisar e redefinir conceitos, a incidir na formação ou modificação de atitudes, estimulando a capacidade de análise e de crítica e ativando a sensibilidade para os temas da atualidade”.

Com o mesmo intuito, a UNILAB é compreendida na perspectiva de Silva e Lemonta (2014) de um projeto de elevação moral e intelectual que dá ânimo para concretizar uma existência melhor para todos e cada um. Um projeto político de tal magnitude que conduz às mudanças estruturais tão necessárias no atual momento histórico. “O ingresso de grupos sociais historicamente discriminados se configura como uma política educacional que instiga e exige a tomada de consciência dos dispositivos discriminadores consubstanciados nas diferentes esferas da vida social” (Bolzan, 2021, p. 57).

No entanto, de maneira conjunta, entende-se que os estudantes que integram a UNILAB ainda precisam lidar com os problemas comuns que o passado colonial deixou, sendo necessário compreender que qualquer programa de formação é estruturado a partir da ideologia veiculada pela instituição, a qual sustenta a base formativa. Isso não se reduz a uma simples transmissão de práxis; implica emancipação, ao possibilitar o acesso ao conhecimento cultural e a visões de mundo que vai mediar a vida em sua concretude. Por meio de uma formação crítico-emancipatória, Freire (1996, p. 8) alerta para a necessidade de os formandos e formados “assumirem uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização”. Para tal, o saber-fazer da auto-reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria, exercitados permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana.

Discutir e refletir sobre a formação de professores/as é repensar práticas de reconhecimento de um conjunto de valores de grupos que nem sempre foram reconhecidos e que sempre foram excluídos e oprimidos em sua manifestação e expressão social e cultural, em decorrência do colonialismo. Para isso, Bolzan (2021) argumenta em defesa de políticas

institucionais de formação e de desenvolvimento profissional docente que considerem as demandas decorrentes dos contextos emergentes nas IES.

Na mesma linha de entendimento, Cunha (2017) aponta que as redes acadêmicas são estratégias privilegiadas para o avanço da construção solidária do conhecimento, e as IES são espaços nos quais podem unir e compartilhar o potencial científico e cultural que possuem para analisar e solucionar problemas estratégicos e assimetrias que assolam esses estudantes. Em especial, isso é relevante no que se refere ao acolhimento da diversidade cultural no trabalho pedagógico, como forma de impulsionar processos emancipatórios e de protagonismos discentes e docentes. Corroborando com Bolzan (2021, p. 56), pode-se afirmar que “os processos emancipatórios dos modos de pensar e fazer a docência nas universidades exigem conhecimentos acadêmicos e competências técnicas e sociais capazes de configurar um saber-fazer que extrapole os processos de reprodução”.

Constata-se que:

a investigação sobre as políticas de formação ainda representa um campo de pesquisa com insuficiente demarcação teórica no Brasil. Até muito recentemente eram raras as contribuições apresentadas por estudiosos da política educacional que focalizavam professores. Em contrapartida, poucos interessados sobre a formação docente priorizavam estudos desta natureza. Assim, por tempo considerável, a formação de professores configura-se como um assunto de interesse restrito afeto aos especialistas da área. Os desafios gerados pelas mudanças atravessadas nas últimas décadas e a existência de um quadro propício a uma agenda de reforma nos diferentes contextos internacionais e nacionais trouxeram uma nova visão a esse respeito. Em tais circunstâncias, o tema passa a constituir alvo do debate em educação, seja a partir do reconhecimento de sua importância por parte do estado, seja pelo interesse despertado entre educadores e suas organizações no âmbito da sociedade civil organizada (Leche, 2002 p. 17).

Isso nos permite compreender a emancipação na visão de Freire (1996) como a compreensão da razão de ser dos saberes em relação ao ensino dos conteúdos. A formação docente possibilita a construção e a partilha de experiências e vivências, permitindo ao estudante elaborar o caminho para a atuação profissional. Em uma formação crítico-emancipadora, é sempre necessário estar alerta para os eventos desumanos, na medida em que o processo de formação ocorre em meio a embates, tensões e mediações, tanto conceituais quanto entre os diferentes agentes sociais em transformação que constituem o espaço de sua concretude.

Para Bolzan (2021, p. 57), “os processos de inclusão e a diversidade cultural do estudante têm se constituído como um contexto emergente no ensino superior, exigindo processos emancipatórios nos modos de pensar e fazer a docência”. A formação da UNILAB

se explica pela proximidade e pelo histórico da colonização que liga a África ao Brasil, envolvendo vínculos culturais, unidos pelo processo histórico e por problemas comuns que precisam ser superados. Segundo Franco (2021), no campo formativo, é preciso ter presente que não se trata de uma realidade objetiva isenta de processos interpretativos; é no encontro e desencontro dos discursos que se constitui a emancipação desses estudantes, com o intuito de alcançar a transformação social almejada.

Conforme salienta Cunha (2017), entende-se que, no processo formativo, torna-se necessário pensar em redes por meio de práticas não hegemônicas que se transformam em contra hegemônicas na medida em que encontram instrumentos para a ação. Nesta linha, Candau (2018, p. 17) sublinha que “a formação coloca estes estudantes como sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão”.

Ainda nesta dimensão, Silva e Lemonta (2014) entendem que a emancipação humana resulta de um processo intelectual, político, histórico e social em que o ser humano conhece a si mesmo no exercício de ator consciente e produtor de sua história. Portanto, a práxis formativa deve se basear na compreensão do processo de produção do saber e na busca de diferentes possibilidades para iniciar os estudantes, de modo rigoroso e crítico, no universo da cultura. Assim sendo, para Cunha (2017), uma comunidade acadêmica trabalhando em rede é uma estratégia para assegurar que os frutos das universidades possam ser efetivamente colocados em favor da transformação social.

Para esses estudantes, a formação pressupõe o desenvolvimento de conhecimentos fundamentais, além do compromisso a assumir com a realidade, a partir das virtudes elaboradas para o exercício da docência, traduzindo-se na escuta e na avaliação crítica do conhecimento sobre a realidade. Esses estudantes acabam se configurando como os primeiros elementos da família a obter uma formação superior. Neste sentido, Freire (1996) entende que a solidariedade é o compromisso histórico de homens e mulheres, como uma das formas de luta capazes de promover e instaurar a ética universal do ser humano.

A compreensão é que, em um contexto emergente do qual esses estudantes são oriundos, a formação vinculada à teoria e prática deve necessariamente partir de um cunho crítico e conscientizador, sendo uma forma de potencializar as lutas e as ressignificações epistemológicas em uma dinâmica de fortalecimento da teoria-prática. Isso sustenta, assim, os caminhos emancipatórios, saindo do disciplinamento hegemônico e visando à superação dos processos históricos. Historicamente, os antepassados dos jovens que hoje integram esta

universidade foram brutalmente oprimidos e violentados, lutando por sua liberdade; assim, a UNILAB representa a continuidade dos processos de descolonização. Para isso, Candau e Walsh compreendem que

uma intervenção política e pedagógica, entendida como a necessidade de ler o mundo para intervir na reinvenção da sociedade. É um trabalho de politização da ação pedagógica. Esta perspectiva é pensada a partir da ideia de uma práxis política contraposta a geopolítica hegemônica monocultura e monoracional, pois trata-se de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que têm como horizonte de suas práticas e relações sociais a lógica epistêmica ocidental, a racialização do mundo e a manutenção da colonialidade (Candau; Walsh, 2018, p. 5).

Para os estudantes guineenses, a defesa e a construção sistemática do discurso anticolonialista e anti-imperialista tornaram-se comuns desde as reivindicações de independência. Com isso, a formação, assim como:

a atividade docente de estudo pressupõe a assimilação/apropriação da experiência histórico-social da profissão e da carreira docente, permitindo o domínio progressivo sobre seu conhecimento, favorecendo o desenvolvimento de novas capacidades e de novos procedimentos de ação. Abrange também processos de teorizações que são colocados em andamento, os quais incluem as formas elevadas da consciência social, política e cultural (Bolzan, 2021 p. 64).

Os contextos desses estudantes são caracterizados como emergentes, devido ao seu renascimento a partir do sistema colonial, que a todo momento busca homogeneizar. Bolzan (2021, p. 55), ao problematizar em seu texto os contextos emergentes, faz questão de compreender suas características “como tessituras de ambiências institucionais/escolares das arquiteturas formativas a partir das vivências construídas pelos sujeitos desses processos, as quais exigem transformações nos modos de pensar e fazer docente”.

Niquito *et al.* (2018), ao investigar o impacto das universidades federais, compreendem que a criação das novas universidades federais afetou o desenvolvimento econômico e social das localidades que receberam os novos campi e dos estudantes que integram o processo formativo. De acordo com o entendimento de Morin (2011, p. 89):

devemos relacionar a ética e a compreensão entre as pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão. a única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a de compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade. As culturas devem aprender umas com as outras, e a orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como culturas mestras, deve-se tornar também uma cultura-aprendiz. compreender é também aprender e reaprender incessantemente.

Portanto, situa-se o processo emancipatório como busca de construções próprias a partir de uma intencionalidade formativa que visa resgatar resistências, que ainda convivem em tensão com as concepções preexistentes refletoras de tendências históricas. Exigindo reconfigurações de novos olhares, o que passa necessariamente pela formação de recursos humanos numa dimensão sistemática. Freire (1996) entende que no domínio da ruptura, possibilita-se a reflexão crítica sobre a construção do conhecimento e de estabelecer uma identidade profissional para a docência. Para o entrevistado 1 a formação na dimensão da unilab,

é uma preparação sistemática que desafia o status quo. Ao mexer com esse status quo, você se transforma e, ao mesmo tempo, transforma a sua comunidade. É assim que eu vejo a formação na UNILAB. Aqui, não nos limitamos a estudar; também produzimos conhecimento sobre a nossa própria realidade e, de forma teórica, temos acesso a conhecimento sobre outras realidades. Além disso, a UNILAB proporciona oportunidades de emprego. Quando conseguimos obter o diploma, alcançamos um novo status, tanto perante a comunidade científica quanto na sociedade como um todo.

Entrevistado 1

Os entrevistados 4 e 6 compartilham a mesma visão ao situar como a formação provocou mudanças em suas vidas a partir de suas experiências.

a formação mudou muita coisa em mim. Como eu tinha falado, mudou na questão da produção dos textos, da participação nas mesas de debate, de se posicionar, fundamentar e ler. Então, eu acho que a formação da UNILAB é isso, um processo de transformação, no qual adquirimos as ferramentas necessárias para nos expressarmos e compreendermos o mundo de maneira mais fundamentada e técnica.

Entrevistado 4

mudou muita coisa em mim, principalmente as produções acadêmicas. Eu desconhecia o mundo acadêmico, nem sabia o que era resenha, fichamento, resumo. Contribuiu muito no meu desenvolvimento acadêmico, me ajudou a entender que o aluno não é um banco, como diz Paulo Freire, onde o professor vai depositar os conhecimentos, mas é uma relação recíproca: o professor aprende com o aluno e o aluno aprende com o professor e os colegas da turma. **Entrevistado 6**

O processo formativo dos estudantes guineenses é um instrumento que busca romper com as fronteiras coloniais reduzidas ao tráfico de pessoas para um processo de construção coletiva à medida em que se entende a universidade como um espaço emancipatório e de encontro, trocas, com possibilidade de fortalecimento das relações sociais entre pessoas, países e povos.

a diversidade de experiência que se apresenta no contexto da universidade tem favorecido para que os professores se voltem a uma revisão mais sistêmicas de seus encaminhamentos pedagógicos, especialmente, na visão de avançar numa visão

generalizadora das práticas de ensinar e aprender para uma visão mais direcionada à diversidade presente no trabalho pedagógico do professor (Bolzan 2021, p. 60).

O processo formativo destes estudantes parte do processo da construção social e sua problematização em busca da reconstrução do universo colonial a partir de novos modelos sociais de interpretação e produção com vistas à superação do olhar colonial. Segundo Bolzan (2021), há necessidade de rompimento com a monocultura do saber que cria inexistência e invisibilidade das experiências porque as ignora, é estratégica. Assim sendo:

a inserção da perspectiva decolonial nos estudos sobre internacionalização, tendo como referência o projeto intelectual de crítica/resistência dessa epistemologia em relação às tendências euro-centradas da modernidade, cuja manifestação mais influente na educação superior é a globalização em curso. (...) a cooperação Sul-Sul como possível objeto de interesse empírico para a pesquisa científica em internacionalização sob as lentes teóricas da decolonialidade, concebido como projeto de emancipação epistêmica (Walsh 2018, p. 8).

O inesperado nos surpreende, pois nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e ideias, enquanto o novo brota sem parar. Jamais podemos prever como ele se apresentará, mas devemos esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. Quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e ideias, em vez de permitir que a teoria entre à força em uma mente incapaz de recebê-la (Morin, 2011). Diante desta reflexão, entende-se que o compromisso e os desafios do novo século que se apresentam a estes estudantes passam pelo fortalecimento epistêmico, partindo da produção e divulgação de conhecimento em uma dimensão ética, diante das incertezas que movem o mundo contemporâneo.

Para Freire (1996), uma formação crítica emancipadora implica não naturalizar, ou melhor, universalizar e hierarquizar os conhecimentos, pois o conhecimento situado e sistematizado é o processo que explicita a alteridade e a transformação na formação docente. Segundo Morin (2011), a resposta à incerteza é constituída pela escolha refletida de uma consciência, na aposta e na elaboração de uma estratégia que considere as complexidades inerentes às próprias finalidades, que possa se modificar durante a ação em função de imprevistos, informações e mudanças de contexto. É nesse contexto que:

as narrativas docentes, a organização do espaço e a dinamização de espaço de compartilhamento acerca do ensinar e do aprender no ambiente acadêmico como fatores importantes para o processo de elaboração das práticas emancipatórias principalmente quando se trata de refletir em torno dos contextos emergentes na universidade (Bolzan, 2021, p. 70).

Na mesma linha, reforçamos o entendimento de Bolzan (2021, p. 68) de que “o processo de formação nas instituições de ensino superior é imprescindível para que possam emergir novos desenhos de professores, com contornos e matrizes dos diferentes campos de conhecimento que esse exercício abriga”.

Walsh (2018) propõe uma aproximação entre a perspectiva epistemológica decolonial e o campo teórico da internacionalização da educação superior, na qual a produção científica desse campo é muito significativa e funcional para os países do Sul Global, se consideradas suas raízes epistêmicas e condicionalidades históricas. Como elemento qualitativo, é importante destacar que, a partir do período de 2010 a 2024, parte substancial dos jovens guineenses teve sua formação concluída na UNILAB; além disso, a diplomação permitiu a mudança de status quo em detrimento das dificuldades do país de origem em matéria de educação.

Segundo Morin (2011), no processo formativo, os estudantes encontram oportunidades e caminhos para a mudança, fortalecendo o processo emancipatório, que busca a liberdade e a fraternidade. A formação emancipadora, para Freire (1996), propõe condições nas quais os educandos, em suas relações uns com os outros, ensaiam a experiência profunda de se assumirem. Assumir-se como seres sociais e históricos. Leve-se em conta que:

a experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. A formação docente que se julgue superior a essas “intrigas” não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos. A solidariedade social e política de que precisamos para construir uma sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância (Freire, 1996, p. 23).

Oliveira (2014) realça a importância de formar-se, pois as atividades que lhes cabem no planejamento de ensino, avaliação, seleção, contextualização e adaptação de conteúdos, construção do conhecimento, formação de consciência crítica, entre outros, requerem preparo e senso crítico. Nesta lógica, entende-se que os estudantes guineenses reinventam a partir do discurso e compromisso firmado pela instituição, pois o processo formativo é sistemático, político, consciente, dirigidos, mobilizados e conduzidos pelo interesse e pela compreensão mais acurada acerca das situações e das regulações que incidem na cotidianidade, favorecendo uma tomada da consciência progressiva acerca das condições e das possibilidades emancipatórias.

3.3 Formação da UNILAB na perspectiva dos direitos humanos

Ao longo da história da humanidade, estamos evoluindo graças à capacidade cognitiva, que nos tornou potencialmente propensos a aprender e a memorizar, a partir de um sistema complexo de emoções, empatia e sentimentos. Para além de observar o meio, passamos a elaborar formas de modificá-lo conforme nossas necessidades. Em outras palavras, o ser humano desenvolveu modos de problematizar os eventos do cotidiano, perceber as dificuldades e criar e aplicar estratégias para solucioná-las. Além disso, desenvolveu a capacidade de armazenar e ensinar seus conhecimentos aos indivíduos mais jovens, a fim de garantir a perpetuação das estratégias de sobrevivência no meio oferecido pelas instituições educativas. O letramento se tornou fundamental para o desenvolvimento do indivíduo, sendo um processo sistematizado comum na sociedade contemporânea em todos os países.

A UNILAB revela-se como um espaço de amizades e formação interculturais, tanto a nível interno do país assim como a nível das nacionalidades, uma acentuada heterogeneidade cultural e social. Para Almeida (2017, p.03), emancipação diz respeito a indivíduos, grupos e coletividades, e trata de questões relacionadas com a dominação/exploração social (...) a emancipação ilumina os estudos sobre identidade, contrapondo-se às ideias que vêm identidade de modo essencialista, ou seja, a-histórico.(...) a emancipação envolve a ideia de construção de novos sentidos para a existência, de superação de condições pessoais e sociais restritivas. (...) emancipação procura dar conta da violência sofrida por indivíduos e grupos.

A UNILAB insere enquanto simbolismo de uma relação histórica marcada pelo processo colonial. Importante essa pontuação, uma vez que anunciamos o paradigma da formação emancipação como lousa na qual faremos nossos apontamentos e discussões. A busca de sentido de existência exige conhecimento, neste intuito a formação é o fator fundamental na humanidade na construção e afirmação plena da cidadania, e da luta por uma sociedade digna. Diz o entrevistado 4, que a formação na Guiné de modo que o país está no momento não é fácil ou é muito difícil de acessar, só pelo fato de não termos cursos diversificados nas universidades públicas, mas sim, a maioria das universidades são privadas e nem todos tem a condição de ter acesso, isso complica quando pensamos em formar jovens em grande quantidade com qualificações necessárias que respondam os desafios do país.

No cotidiano acadêmico da Unilab, é possível identificar a presença de chamadas minorias sociais, grupos historicamente marginalizados, encontram na universidade um espaço de formação e de fortalecimento. A dificuldade de acesso ao processo formativo atinge

a todos os entrevistados e as falas fazem eco às vozes dos estudantes de que a realidade educativa na Guiné ainda está distante de muitos jovens. Os dois entrevistados seguem a mesma linha nas falas abaixo,

a realidade da formação na Guiné-Bissau é extremamente desafiadora por diversas razões. O Estado possui uma capacidade limitada de oferecer aos jovens as oportunidades necessárias para a educação, além de enfrentar uma escassez de recursos. Para agravar a situação, o país sofre com crises políticas constantes. Quando essas crises ocorrem, a maioria dos jovens acaba ficando fora do sistema educativo. Além disso, soma-se a corrupção e a liberalização econômica com a abertura democrática nas décadas de 1990, tudo isso são fatores preocupantes que ainda contribui para o agravamento desse cenário. Tornando o processo de formação e emancipação dos jovens guineenses cada dia mais difícil, configurando um problema estrutural que precisa ser enfrentado com políticas sérias e responsabilidade administrativa. **Entrevistado 1**

o Estado tem uma capacidade limitada para garantir uma formação de qualidade, pois ainda o país enfrenta problemas de instabilidade e corrupção dentro das estruturas do governo. Quando isso ocorre, os jovens acabam enfrentando enormes dificuldades para acessar o sistema educacional por falta das políticas. O problema da educação na Guiné-Bissau é, portanto, estrutural e exige uma solução urgente. Pelo menos, é necessário garantir uma formação crítica e filosófica para os jovens, para que possamos sonhar, refletir e avançar em direção à emancipação. **Entrevistado 2.**

Apesar da UNILAB ser nova ao mesmo tempo, tem demonstrado esforços que possibilitam aos jovens acesso a uma formação digna por meio dos acordos de cooperação. As relações de cooperação bilaterais entre Guiné-Bissau e o Brasil são mais expressivas nos domínios da cooperação educacional, técnica e cultural (Cá, 2009). Segundo Gusmão (2011) de norte a sul do país é possível constatar a presença de estudantes de origem africana, que chegam para fazer a graduação e/ou a pós-graduação em universidades públicas. Chegam um número limitado através do Programa do PEC-G/PEC-PG do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e também por meio da UNILAB, este último tem a maior concentração dos estudantes da (CPLP). Alguns contam com bolsas de estudo do governo brasileiro, outros com bolsas de seus próprios governos e, por vezes, contam com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão na África.

Segundo Aldine (2016) destaca-se os Programa de Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G), o Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), e por último a UNILAB institucionalizada em 2010. Esses programas permitem aos estudantes africanos, em especial guineenses ingressarem nas instituições de formação superior brasileira. Dado que a Guiné-Bissau ainda não possui um sistema político consolidado, apresentando diversas tradições culturais pela sua configuração multiétnica.

É nesse contexto, que se busca descortinar possíveis novas perspectivas para o país, que desejo discutir a UNILAB na perspetiva dos direitos humanos, enquanto projeto de cooperação com uma dimensão internacional que possibilita a inserção dos jovens no ensino superior brasileiro. Pretende-se também abordar o papel da universidade na construção da guinendade. Segundo Sani (2014, p. 13), “a educação superior é um meio necessário para minimizar problemas políticos e sociais do país, pois apostar na educação é acreditar no poder da ciência para a obtenção de uma sociedade democrática e responsável, que preserve valores nacionais em detrimento de valores pessoais e que lute pela unidade nacional”.

No entanto, ao refletir sobre a formação no contexto da UNILAB, é importante considerar os processos históricos e sua compreensão na promoção de saberes que possibilitam descontruir os preconceitos engendrados, além da valorização das culturas e saberes africanos e afro-brasileiros, que foram silenciados pelo sistema colonial. Destaca-se a necessidade de uma postura de vigilância epistêmica e contra hegemônica na construção da identidade docente. Segundo Aldine (2016) e Munanga (2018), as relações Brasil-África são anteriores à Política Externa Brasileira (PEB) e se estabeleceram desde os primórdios da escravização da população negra, prosseguindo no âmbito da cooperação a partir da projeção internacional impulsionada pela diplomacia brasileira.

Nesse sentido, Munanga (2018) observa que o contato do Brasil com o continente africano teve início com a retirada forçada da população negra por europeus e a escravização dessa população no Brasil no início do século XVI. Com o fim do comércio de escravos em 1888, o Brasil se distanciou da África, cortando a cooperação e não estabelecendo laços significativos com os países africanos, apesar da presença expressiva de afrodescendentes e africanos em seu território. Somente após a descolonização e a libertação dos países africanos do jugo colonial, o Brasil começou a retomar contatos diretos com a África, a partir da década de 1960.

Para Aldine (2016), é nesse contexto de aproximação que a UNILAB surge como um projeto de cooperação educacional internacional, fundamentado em um modelo de cooperação solidária entre o Brasil e os países de língua portuguesa, majoritariamente africanos. Neste intuito os entrevistados entendem que a formação gera vantagens por ser um instrumento de construção de conhecimento, aprendizado, experiência,

então, eu digo: temos que agradecer pela oportunidade que temos de estar dentro da UNILAB, porque o Brasil está nos proporcionando uma formação que nos permite projetar o futuro. Isso é uma coisa positiva. No entanto, eu estou aqui fazendo mestrado agora, graças a Deus à UNILAB, porque se eu estivesse no meu país, esse sonho ia morrer comigo. Ou eu poderia até ter uma formação, mas ir mais longe eu

não conseguiria. Ou seja, eu ia sair do meu país para fazer pós-graduação, porque no meu país ainda não tem uma pós-graduação. Ali, nunca vi, se tem, não sei.

Entrevistado 1

a formação te permite sair como um bom profissional dentro do que é visto aqui no Brasil, mas também em outros países. Os estudantes da UNILAB estão dando conta. Então, eles estão recebendo elogios. Por exemplo, na Guiné-Bissau, realizam pesquisas, dão aulas. Então, você que consegue atuar na sua área de formação, talvez com algum déficit, né, mas consegue atuar na sua área onde estiver. **Entrevistado 3**

A década de 1970 marcou um impulso significativo, pois, com o processo de descolonização em curso, os países em desenvolvimento lançaram novas bases para a atual Cooperação Sul-Sul, então denominada Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD), que se contrapõe à tradicional Cooperação Norte-Sul, fortemente influenciada em termos teóricos e práticos pelos países desenvolvidos. Dentre as motivações para cooperar sob o espírito da CTPD, destacam-se: (i) a busca por conhecimentos e melhores práticas; (ii) a ampliação de redes de solidariedade; (iii) a complementaridade de forças; (iv) a afiliação a uma determinada causa; (v) a busca por pessoas e novos talentos; e (vi) a busca por novas alternativas de apoio financeiro, entre outros (Silva, 2011, p. 43).

A criação da UNILAB reforça de maneira expressiva o laço de aproximação do Brasil com o continente africano, especialmente com a Guiné-Bissau, por meio da cooperação. Outro aspecto fundamental é a Lei 10.639/03, que reconhece a existência da população africana no Brasil, obrigando o ensino da história e das realidades africanas nas escolas brasileiras (Munanga, 2018).

Na perspectiva de Candau e Walsh (2018), a formação na UNILAB busca formular pedagogias que transcendam os sistemas educativos hegemônicos, dialogando com experiências críticas e políticas enraizadas nas lutas e práticas dos colonizados pela modernidade, tendo como base impulsionadora a formação profissional. O que nos permite a partir da fala do entrevistado 3 de que,

quem estudou na UNILAB se torna uma pessoa muito reflexiva, com uma bagagem cultural muito ampla, pois, na UNILAB, interagimos com diferentes países e realidades. Isso não apenas enriquece nossa formação acadêmica, mas também contribui para o nosso crescimento como seres humanos. O estudante da UNILAB é alguém que acumula um vasto conhecimento cultural por meio das experiências vividas no entorno da universidade, desenvolve habilidades de relacionamento e tem a oportunidade de conhecer diversas realidades internacionais. **Entrevistado 3**

A formação proporciona aos países em desenvolvimento uma melhor compreensão de seus problemas econômicos, sociais e políticos, no sentido de encontrar soluções adaptáveis às suas necessidades e contribuir para que os jovens dos demais países integrantes participem

efetivamente em suas comunidades ou, de modo geral na CPLP. Nesse intuito, a formação permite ao formando assumir a responsabilidade de ator social e de construção da cidadania plena. Ainda segundo Aldine (2016), um ponto fundamental enfatizado em 2011 na criação da UNILAB foi a perspectiva Sul-Sul e a Lusofonia. Esta última é uma concepção que tem como alicerce comum a língua portuguesa, mas que se insere em um espaço que integra questões sociais, econômicas e de estratégia geopolítica.

No contexto da UNILAB, a língua portuguesa assume um papel importante no processo de implantação da universidade, servindo como uma energia de aproximação e estímulo a práticas de cooperação com países de expressão portuguesa, além de reforçar as relações diplomáticas entre países do Hemisfério Sul. Segundo Santos (2019), entende-se que a formação promove “conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causada pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado”.

De todas as formas, a formação contribui positivamente para o crescimento do capital humano e econômico, para a redução da pobreza e para o fortalecimento das instituições nacionais, especialmente no setor educacional, visando à construção de uma sociedade letrada. Esse entendimento é reforçado pela recente experiência de jovens guineenses formados que retornaram ao país e hoje são referências para as novas gerações. Imbernón (2011) argumenta que, para realmente formar na vida e para a vida, e para superar desigualdades sociais, a instituição educativa deve ter um caráter mais racional, mais dialógico, mais cultural-contextual e comunitário, onde a relação que se estabelece entre todas as pessoas que trabalham dentro e fora da instituição ganha importância. O processo educativo é muito mais do que o mero ensino do básico e elementar, de um ponto de vista acadêmico, a uma minoria homogênea em uma época em que o conhecimento e sua gestão estavam nas mãos de uma minoria que monopolizava o saber.

Nessa lógica, Ferreira (2014, p. 113) sustenta que a;

formação não deve ser distante da prática, ela deve promover a autonomia dos professores na gestão de sua própria formação. Ela deve comprometer-se com uma formação voltada para um sujeito com competência para processar a informação, analisar e refletir criticamente, tomar decisões racionais, avaliar processos e reformular projetos, em seu contexto e com seus colegas.

Parafraseando Santos (2019), entende-se que os estudantes, enquanto atores sociais, têm a responsabilidade de promover uma releitura intencional da realidade no processo formativo, considerando os condicionantes sócio-históricos. Os processos emergentes exigem

discernimento na crítica acadêmica e nas construções políticas e sociais. Como sugere Cunha (2017, p. 12): “Não podemos imaginar uma política de educação, cultura e ciência que deixe à margem símbolos e significados que foram se delineando ao longo da história de um país.” O contexto da criação da UNILAB foi embasado nos pressupostos históricos que marcaram os países integrantes, em especial os estudantes guineenses. Segundo Imbernón (2011, p. 17), nesse processo formativo

a aquisição de conhecimentos ocorre de forma mais interativa possível, refletindo sobre situações práticas reais. [...] por isso é tão importante desenvolver uma formação na instituição educativa, uma formação no interior da escola. Na formação, não há problemas genéricos para todos nem, portanto, soluções para todos; há situações problemáticas em um determinado contexto prático.

Ainda é preciso considerar que, na formação defendida por Imbernón (2011), diante das mudanças sociais, é crucial a necessidade de uma nova forma de entender a instituição educativa, as novas funções do professor, uma nova cultura profissional e uma mudança nos posicionamentos de todos que trabalham na educação. É, claro, essencial uma maior participação social do docente, pois a formação é um instrumento de construção da identidade que permite ao estudante formar, criar e tomar decisões sobre os problemas profissionais na prática.

Na mesma linha, dialogando com Imbernón (2011), a socialização começa na formação inicial. Dessa forma, é preciso analisar a fundo a formação inicial recebida pelo futuro professor ou professora, uma vez que a construção de esquemas, imagens e metáforas sobre a educação começa no início dos estudos que os habilitam para a profissão. Os conhecimentos e valores adquiridos serão submetidos a uma série de mudanças e transformações em consonância com o processo da docência, pois a formação reforça os instrumentos pedagógicos com os quais o formando organiza, fundamenta, revisa e, se necessário, combate o conhecimento.

A formação incute compromissos com a sociedade, promovendo o desenvolvimento de valores humanos e sociais e permitindo, ao mesmo tempo, que as pessoas vivam e trabalhem juntas, almejando objetivos comuns e individuais. Essa versão ajusta a coerência e a concordância verbal, facilitando a leitura e compreensão da ideia. Nas palavras de Cunha (2017, p. 3), entende-se a formação como a possibilidade de enxergar novas oportunidades com:

o avanço das ciências e das abordagens interdisciplinares do conhecimento está permitindo a abertura de novos espaços de análises e interpretações que começam a

ter implicações na formulação de políticas públicas de desenvolvimento humano e valorização da vida.

Nesta dimensão reflexiva, a inserção dos estudantes guineenses no processo de formação pode ser vista como um processo de amadurecimento, construção de identidade e emancipação — uma fase da vida humana marcada pelo compromisso, tanto no campo pessoal quanto social, que permite a reconstrução dos conhecimentos para transformar a realidade durante a atuação profissional. A formação, sendo elaborada e regulamentada por uma instituição, reflete seus valores e seu nível cultural. Nesse sentido, na concepção de Ferreira (2014), a formação é imprescindível para o desenvolvimento de uma nação e para a construção de uma escola de qualidade; para isso, necessita de uma formação carregada de intencionalidades que define os estudantes como agentes de transformação.

Assim, a formação assume uma função que vai além do ensino voltado a uma mera atualização científica, pedagógica e didática, transformando-se na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam a conviver com a mudança e a incerteza. O pós-colonialismo exige a compreensão e reinvenção deste momento histórico a partir das bases e fundamentos do conhecimento em suas dimensões sociais e políticas; para isso, novas competências e habilidades são exigidas no processo formativo. Desse modo, segundo Silva e Lemonta (2014) e Ferreira (2014), entende-se a universidade como referência que possibilita a compreensão da realidade e das práticas sociais que se realizam no cotidiano. É urgente promover uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos, pois a formação como práxis possibilita reinventar o saber e atuar em um mundo em constante transformação.

Nesse intuito, Imbernón (2011) ressalta que a formação é uma forma de participaçãoativa e crítica para gerar mudança a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível. A UNILAB, em sua proposta, coloca a formação como um compromisso político impregnado de valores éticos e morais para a transformação social. Pois, além de facilitar uma formação transnacional, gera transformação nos estudantes, resultando na “insurgência e construção de perspectivas outras e na afirmação de processos educativos comprometidos com os sujeitos subalternizados pela lógica educacional hegemônica” (Candau; Walsh, 2018, p. 6).

Segundo Cunha (2017), é preciso produzir um acervo de conhecimentos, reflexões e valorização convertidos em referência estratégica para a mudança. Por isso, é importante reconhecer que é pela integração ou seja, pelo somatório de esforços e pelo conhecimento das diferenças, fundamentado nos princípios de cooperação solidária e recíproca que esses

estudantes podem produzir e alcançar redes de conhecimento, mesmo diante do avassalador processo de homogeneização provocado pelo colonialismo. Assim, pode-se entender que a reconstrução crítica do processo formativo é uma das

partes das novas formas de construção social, política, alternativas emergentes que, com grande potencial criativo e autorreflexivo, conseguiram pôr em questão certas formas tradicionais de educação, orientando-se à formação de sujeitos políticos e críticos, e transformando-se, eles próprios, em sujeitos pedagógicos coletivos (Candau; Walsh, 2018, p. 7).

Assim sendo, construir uma perspectiva de formação diferente com e a partir dos sujeitos subalternizados prevalece a indissociabilidade entre a formação e o meio social, pois a trajetória de uma cultura é a própria historicidade do povo que a vive, e, ao mesmo tempo, somos resultados dessa história (Freire, 1997). Compreende-se que o processo formativo é um instrumento potente de mudança de percepção para dar continuidade às lutas contra o colonialismo e a opressão, ampliando os contextos da formação pedagógica para outros ambientes, permitindo a construção de consensos e o compartilhamento de ideais e lutas, promovendo assim uma cultura crítica.

Silva e Lemonta (2014) ressaltam a importância de uma formação teórica sólida diante da complexidade e da função social que ocupa na formação para a cidadania, sustentando a necessidade de estabelecer uma relação com o futuro local de trabalho, pois o conhecimento só tem sentido quando é aplicável à realidade. Do ponto de vista cultural, a formação coloca esses estudantes diante de sua formação histórica e os provoca a questionar como constroem socioculturalmente o que lhes é negado e silenciado, assim como o que valorizam e não valorizam.

A integração dos estudantes guineenses no processo formativo provém de uma relação longa entre a África e o Brasil, que remonta ao tráfico humano no início do século XVI, deixando uma forte influência no universo sociopolítico, econômico e cultural do Brasil pelos povos retirados do outro lado do Atlântico (Munanga, 2018). Nesse sentido, Candau e Walsh (2018) sustentam a necessidade e as possibilidades de um pensamento crítico no processo formativo, a partir dos subalternizados pela modernidade europeia, e de um projeto teórico voltado para o pensamento crítico e transdisciplinar, em contraposição às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica na construção do conhecimento. Para Santos (2009), a formação situada no diálogo entre os países do Sul Global também representa um campo epistemológico e de emancipação que busca reparar os danos e os impactos historicamente causados pelo colonialismo.

Para enfrentar os problemas sociais, a UNILAB coloca a formação dos recursos humanos no centro. Segundo Ferreira (2014, p. 115): “a formação se constrói junto com o conhecimento, a resistência necessária para a mudança”. Ele ainda afirma que a formação é uma área de conhecimento, investigação e propostas teóricas e práticas que deve se referir aos sujeitos que estão estudando para se tornarem professores. Nesse sentido, Candau (2008, p. 13) reforça que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa; neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica descentralizada, isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura(s)”.

para ser sincero, houve uma transformação significativa em minha vida, tanto no aspecto individual quanto no que diz respeito ao conhecimento e à socialização. Essa formação me dá a oportunidade de me tornar uma pessoa melhor, e hoje não sou mais a mesma pessoa que era antes, graças às trajetórias e aos caminhos que tenho percorrido dentro dessa universidade da integração.**Entrevistado 2**

a formação influencia nossa organização cultural, política e social. Isso provoca mudanças sociais sobre os problemas que afetam o nosso país. Infelizmente, os responsáveis que hoje detêm o poder não estão interessados na melhoria do sistema educacional. É muito complicado ter um sistema com estrutura educacional precária. Os jovens que voltaram para o país estão fazendo um grande trabalho nas suas funções. É através da formação que a nossa vida vai mudar. A gente tem de estar ciente de que pode mudar aqui, como na Guiné. Devemos continuar a estudar. Esta formação é suporte da nossa transformação. **Entrevistado 5**

A dimensão internacional e interiorizada da UNILAB favorece uma formação de professores política e eticamente situada, rica em articulações teórico-práticas e potente no que se refere ao seu teor emancipatório. Assim, não diz respeito apenas à apropriação de certas competências profissionais, mas permite ao sujeito olhar para si e para o outro enquanto pessoas inteiras, sem perder de vista os desafios presentes nos contextos em que se inserem.

Elementos que trazem ao país uma mudança significativa de trajetória: de um cenário pessimista, que sugere novos desafios aparentemente insuperáveis, para um cenário otimista, que demanda maior esforço na formulação e no planejamento de políticas públicas, tanto no âmbito interno quanto no externo, além de uma participação efetiva da sociedade. Neste contexto, a formação é um instrumento que possibilita apontar caminhos para os problemas desses estudantes, permitindo-lhes olhar para o passado e projetar o futuro, enfrentando esses desafios por meio de uma visão crítica e de reinterpretAÇÃO do contexto social despersonalizado pelo sistema colonial. Como diz Santos:

o colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido também, foi uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder

que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos ou nações colonizadas. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre os conhecimentos (Santos, 2009, p. 5).

Neste sentido, a UNILAB é um projeto institucional de intervenção, e sua formação “supõe todo um processo de desconstrução de práticas naturalizadas e enraizadas no trabalho docente para sermos educadores/as capazes de criar novas maneiras de situar-nos e intervir no dia a dia de nossas escolas e salas de aula” (Candau, 2008, p. 28). Para Imbernón (2011), isso também significa analisar a formação como um elemento de estímulo e de lutas por melhorias sociais e trabalhistas, além de ser promotora do estabelecimento de novos modelos de atuação e fortalecimento da consciência, criando alternativas e entendimento sobre os problemas. como se observa na fala de um dos entrevistados que percebem a UNILAB como instrumento de transformação,

apesar dos desafios que a universidade enfrenta, não podemos pensar em mudar a perspectiva de jovens sem uma formação qualificada, por mais que a universidade seja nova. É por meio dela que a gente emancipa, a partir do momento que conseguimos falar e escrever sobre a nossa realidade. Isso já é uma coisa significativa para pensar nessa mudança, mas não elimina os desafios que a gente luta a cada dia para haver melhor integração do currículo e dos saberes. **Entrevistado 1**

a formação é uma preparação sistemática que mexe com o status quo. Então, mexendo com o status quo, você se transforma e transforma sua comunidade. É assim que eu vejo a formação da UNILAB, porque aqui a gente não só estuda, mas a gente produz sobre a nossa realidade e conhece, de forma teórica, outras realidades também. Além de tudo, abre oportunidade de emprego, uma vez que a gente consegue o diploma. Alcançamos outro status perante a comunidade científica e a sociedade em geral. **Entrevistado 1**

Uma formação é sempre uma semente de pensamento para uma ação que logo se concretiza. Os sujeitos que buscam a construção de si mesmos assumem um olhar pós-colonial, em busca de conhecer a si mesmos em meio às relações discursivas de saber e poder que os constituem, problematizadas com base na leitura de autores que buscam romper com visões estruturadas de modos de existência. O significado da formação é expressado pelos entrevistados 2 e 5.

a formação tem muito significado, pois, com ela, vou poder contribuir na minha terra, e na diáspora onde eu me encontre. Além disso, é uma oportunidade que ao terminar vai me proporcionar emprego, pois o objetivo de adquirir conhecimento é poder colocá-lo em prática e trabalhar é forma de contribuir com a comunidade e também ganhar dinheiro. Com esse conhecimento, e com base na formação que

estou recebendo na UNILAB, em qualquer lugar que eu for, poderei trabalhar, ganhar e me desenvolver. **Entrevistado 5**

minha formação me proporciona a oportunidade de me tornar alguém na vida futuramente, e isso me torna mais capaz de ajudar o próximo, compartilhando o que já aprendi ao longo do meu percurso acadêmico. Para ser sincero, a formação da UNILAB é um grande diferencial, e sabemos disso. Ela é afrocentrada, o que nos oferece um vasto repertório de conhecimento, tanto nacional quanto internacional. Além disso, as trocas de experiências e outros processos de aprendizado enriquecem nossa formação, permitindo-nos compartilhar e construir novos saberes e oportunidades. **Entrevistado 2**

A partir do exposto, compreendemos os licenciandos como sujeitos históricos que articulam, através de suas narrativas, a produção de si mesmos, numa tessitura densa, composta por fios da experiência e socialização no espaço universitário. Nesta lógica, Libânio, ao refletir sobre os processos educacionais, resume-os em duas atividades humanas: a intencional e a social, salientando o seguinte:

no primeiro caso, sendo a educação uma relação de influências entre pessoas, há sempre uma intervenção voltada para fins desejáveis do processo de formação, conforme opções do educador quanto à concepção de homem e sociedade, ou seja, há sempre uma intencionalidade educativa, implicando escolhas, valores, compromissos éticos. No segundo caso, a educação é um fenômeno social, ou melhor, uma prática social que só pode ser compreendida no quadro do funcionamento geral da sociedade da qual faz parte. Isso quer dizer que as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais que caracterizam a estrutura econômica e política de uma sociedade, estando subordinadas a interesses sociais, econômicos, políticos e ideológicos de grupos e classes sociais. Sendo assim, ao investigar questões atinentes à formação humana e práticas educativas correspondentes, a Pedagogia começa perguntando que interesses estão por trás das propostas educacionais. Precisamente por isso, a ação pedagógica dá uma direção, um rumo, às práticas educativas conforme esses interesses. O processo educativo se viabiliza, portanto, como prática social precisamente por ser dirigido pedagogicamente (Libânio 2001, p.09).

No entanto, “há necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer e emancipar. Pôr em prática essas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta de conhecimento. [...] O conhecimento permanece como uma aventura para a qual a formação fornece o apoio indispensável” (Morin, 2011, p.29). Percebe-se que a universidade enquanto espaço formativo é indispensável para construção, reconstrução dos saberes individuais e coletivos, possibilitando nova leitura social que possa discutir refletir, no ato de ir e vir encontrar e sistematizar a realidade social.

3.4 Percepção dos estudantes guineenses sobre formação e sua implicação pedagógica

O Brasil hoje é um importante polo de formação acadêmica para os estudantes Guineense o que se dá por motivos variados, tais como a língua Oficial Portuguesa, e também pelos laços culturais étnico-raciais que ligam os dois continentes no período colonial, mediante a isso a UNILAB nascendo no contexto de redefinição da política externa brasileira com ênfase na cooperação Sul-Sul fundamentada no princípio da solidariedade.

Na impossibilidade de se falar das muitas coletividades presentes na UNILAB, o que se busca aqui é analisar a percepção dos jovens estudantes guineenses nessa universidade. Projeto de cooperação para desenvolvimento dos povos da CPLP enquanto bloco. Entendendo que as experiências do processo formativo possibilitam o crescimento integral do indivíduo e da sociedade como um todo, uma vez que a educação é uma construção social e, portanto, parte constitutiva da sociedade, vocacionada a responder aos anseios e necessidades de seu tempo.

A partir das entrevistas feitas com os estudantes de sociologia, pedagogia e história da Unilab destacando o processo formativo e sua dimensão transformadora e emancipadora, nas percepções dos estudantes através dos relatos dos seis entrevistados guineenses. Os relatos dos estudantes se constituíram como importantes referências para os debates sobre os compromissos políticos e pedagógicos da UNILAB e da formação de professores, trazendo contributos significativos para a transformação dos jovens tanto na sua individualidade quanto coletiva.

O processo formativo da UNILAB constitui o reconhecimento da comunidade e os povos integrados no processo formativo como sujeitos históricos. Destaca-se a seguir trechos de narrativas que situam a dimensão da formação e emancipação à medida que a universidade garante o acesso a diferentes segmentos sociais. As percepções dos estudantes caminharam para a compreensão da formação e os processos emancipatórios, conforme é possível perceber nos excertos de narrativa produzidos por entrevistados 5 e 1 quando destacam o motivo de escolher o Brasil como destino de formação.

escolhi o Brasil porque é uma das últimas oportunidades que eu tenho, e ao mesmo tempo, uma das primeiras. Quando tive a chance de vir, percebi que essa seria uma oportunidade única. Decidi, então, abraçar essa chance, mesmo sabendo dos desafios que ela traria. Para alguém que vem de uma família humilde, como é o meu caso, as condições são bastante limitadas. Não é fácil, mas acredito que essa experiência será um grande passo para meu futuro, tanto pessoal quanto profissional. **Entrevistado 5**

o setor educativo guineense deixa a desejar, com frequentes paradas por conta das instabilidades políticas e constantes greves. Na verdade, isso impede o andamento, o desenvolvimento e o aproveitamento dos jovens. Juntando tudo, isso me fez escolher a UNILAB para explorar novas oportunidades e também pela necessidade de competir nacionalmente, regionalmente e internacionalmente. A maioria dos jovens guineenses aqui presentes vem porque a formação na Guiné é péssima, já que o país está buscando fortalecer o seu setor educativo desde a independência do jugo colonial. Sabemos que, durante o período colonial, a formação escolar não era prioridade dos portugueses, assim como dos sucessivos governos que não fizeram nada para melhorar esse déficit educacional, como tinha iniciado no período da luta pela independência. ***Entrevistado 1***

As falas permitem compreender que o acesso à formação aparece também na forma pela qual os guineenses buscam a formação, muitas vezes visto como falta de oportunidade no país dado à ignorância do poder público em matéria da educação. Com essas falas e os fatos relatados, os jovens expõem a realidade dos processos educativos, referindo-se às dificuldades que assolam o país em termos de educação. Eles revelam a incapacidade do sistema educacional guineense, assim como o herdado na pós-revolução, e do atual sistema em lidar com o aumento das demandas dos jovens. Os estudantes aproveitam a nova proximidade entre os países em blocos regionais para fortalecer e acessar os espaços formativos.

A formação da UNILAB é uma dissidência histórica que reflete a mudança da negação da cidadania no período colonial e pelo estado guineense. A integração visto na UNILAB eleva a cidadania dos jovens, permitindo que os mesmos encontrem na formação a possibilidade de construção de referenciais teóricos e de conquista de status quo. Neste sentido, a formação fornece insumos para uma construção científica e uma vida emancipada.

A Cooperação é saudável a medida que aproxima os jovens e amplia oportunidade dos jovens em termos científicos e acadêmicos, seria de se esperar que os historicamente marginalizados pelo sistema colonial atuassem ampla e significativamente na pesquisa teórica e empírica, assim como, nos processos de produção de conhecimento para o desenvolvimento do bloco ou de modo particular dos países integrantes. A fala do entrevistado 1 deixa evidente que os resultados funcionam, prova disso são os próprios estudantes que estão levando este nome da UNILAB para os países de origem, já ouvimos falar, principalmente no nosso contexto é muito valioso, estudantes que estão dando conta e admirados pelo trabalho que estão realizando. Não é que eu estou gabando a UNILAB, é mais pelo resultado que eles já estão a demonstrar no país. Soma-se a percepção do entrevistado 3.

vemos isso claramente na realidade dos estudantes que voltaram para a Guiné, por exemplo. Estão dando aulas, estão mudando a visão dos estudantes, estão sendo bons profissionais. Então, a formação impacta na sociedade guineense do ponto de vista educacional dos que são professores mais ainda, quando você ensina 25

pessoas isso traz impacto enorme. O impacto é ótimo preparando os jovens para virar um bom profissional e produzir conhecimento no nosso país, porque temos poucas escolas de formação superior, universidades e faculdade. Então as dificuldades são imensas.

A natureza do processo migratório dos jovens guineenses para a UNILAB envolve a situação política da realidade do país, que é marcada pela instabilidade, limitações e dificuldades em termos educacionais. Isso explica o fato dos estudantes internacionais que constituem o grupo com mais número de estudantes são os guineenses, abaixo do Brasil. Para dar conta da formação dos estudantes guineenses na UNILAB, falta do acesso à educação é de grande relevância nos relatos dos estudantes no caso específico dos estudantes guineenses em geral, alguns fatores em comum contribuem e impulsionam sua saída do país: a questão da estrutura o estado da Guiné-Bissau tem dificuldade de garantir uma formação de qualidade, dada as frequentes instabilidade política. Entretanto, isso nos leva a compreender a dificuldade de acesso à educação na Guiné-Bissau. Em termos da formação consideram a formação importante instrumento de transformação. Contudo, as entrevistadas chegaram a afirmar que a formação da UNILAB lhe dá oportunidade e mostram encantado com o processo formativo como observa na fala do entrevistado 1, 2 e 3.

a formação da UNILAB, para mim, tem sido e continua sendo uma das maiores conquistas e realizações, não apenas do meu sonho, mas também do sonho da minha família, especialmente da minha mãe. Essa formação, de um lado, está me proporcionando a chance de me tornar a pessoa que antes eu nem imaginava que seria, caso não tivesse a oportunidade de estudar. Ao longo do processo, fui percebendo o quanto é importante nossa escrita e nossa capacidade de narração. Essa formação está me tornando uma pessoa incrível, alguém com vontade e determinação de contribuir na transformação da sociedade guineense. **Entrevistado 2**

eu diria que a UNILAB me proporcionou, primeiramente, o acesso a uma formação, o que melhora muito a minha forma de ler o mundo. Seria uma resposta que eu resumiria: é porque, assim, eu vejo que, através da formação, consigo analisar e perceber a minha realidade utilizando meios científicos. Então, isso, para mim, é ponto chave. **Entrevistado 1**

sim, mas eu posso dizer outra coisa também: a influência da minha amiga, que já estava aqui. Ela falou do ensino, como é bom. A minha mãe trabalhou na Embaixada do Brasil por muito tempo, e, depois que ela saiu, já sabia do processo. Só que, no tempo em que ela trabalhava, não tinha a UNILAB, tinha só o PEC-G e o PEC-PG, depois. Ela sabia do processo. A formação no Brasil tem muita credibilidade por conta dos estudantes que se formaram e voltaram. Os estudos aqui são bons, então isso ajudou também a simplificar e a ter segurança para vir para o Brasil. **Entrevistado 3.**

As percepções relatadas nos mostram como os sistemas educativos, apesar dos desafios, acaba transformando os estudantes, promovendo processos diferenciados de formação para atuação em suas comunidades. O Brasil é considerado uma oportunidade

extraordinária para os guineenses, pois lhes permite realizar uma formação superior e ampliar suas possibilidades. No que se refere à formação de indivíduos no espaço universitário, esse processo tem sido desafiador na Guiné-Bissau devido à falta de infraestrutura adequada. Em razão das deficiências no setor educativo, cresce a busca por formação no exterior.

Todos os guineenses entrevistados são estudantes de graduação e pós-graduação, sendo que alguns completam seus estudos aqui e outros retornam ao país de origem. Sabe-se que nem todos os estudantes retornam imediatamente após a primeira graduação; muitos permanecem no Brasil para prolongar seus estudos na pós-graduação, pois na Guiné-Bissau não há cursos de pós-graduação especificamente mestrado e doutorado.

De acordo com Gusmão,

o estar aqui se prolonga entre a graduação, a pós, o mestrado e o doutorado, podendo envolver ainda o pós-doutorado. Por vezes, inclui o constituir família, colocar-se profissionalmente no mercado de trabalho e, assim, adiar a volta ao solo pátrio, para um dia..., sempre no horizonte, já que todos afirmam seu desejo de voltar. O que significa, em contrapartida, que fixar-se, criar raízes pelo casamento, com filhos que aqui nascem e pela inserção profissional, não resulta, necessariamente, na certeza de aqui estar para sempre. Como diria Sayad (1998), com relação ao imigrante comum em terras alheias, ainda na condição de estudante, tais sujeitos reproduzem a precariedade do estar numa vida sempre provisória. É o provisório de suas vidas que dizem do modo de estar e de perceber a sociedade que os acolhe. Diz também da natureza da acolhida que esta sociedade, no caso, a brasileira, disponibiliza para o chamado outro e, em particular, o outro e negro, o outro e estrangeiro (Gusmão, 2011, p. 3).

Na percepção do autor, é possível inferir que, os jovens guineenses na UNILAB vieram em busca de qualificação acadêmica. No entanto, encontram-se expostos a um constante vai-e-vem entre ficar e retornar. Enfrentando a realidade e os problemas de seu país de origem, que no caso da Guiné-Bissau é marcado por constante instabilidade. Esses obstáculos geram tanto possibilidades de permanência quanto de retorno, que nem sempre são definitivos.

Os estudantes, ao concluirão o primeiro ciclo, tornam-se bacharéis em Humanidades, podendo optar entre continuar nos cursos do segundo ciclo, seguir para programas de pós-graduação, ou se inserir no mercado de trabalho. Vale destacar que a formação na UNILAB teve um impacto positivo no aumento do percentual de estudantes formados pela instituição desde a sua criação. Esse fato corrobora a ideia de que é necessário um certo período de amadurecimento, considerando que muitos estudantes ainda estão nos programas de pós-graduação ou pretendem ingressar, o que acaba retardando seu retorno à Guiné-Bissau.

Quando olhamos para esta realidade, precisamos entender que a formação produz vidas emancipadas, um processo de construção e desconstrução que ocorre no chão da universidade na sua relação e práticas com a diversidade cultural vivida.

Na fala dos entrevistados, os processos emancipatórios receberam atenção especial. A partir das compreensões dos estudantes guineenses na UNILAB, foi possível perceber que esses espaços são de construção e afirmação social. A oportunidade de acessar esses espaços, ainda de difícil acesso de forma democrática, permite que os estudantes produzam e compartilhem os conhecimentos que desenvolvem ao se estabelecerem na universidade, como pontua o **Entrevistado 6.**

a formação aumenta as nossas oportunidades, como o Brasil está muito mais avançado em termos da educação. Bem vejo a UNILAB como oportunidade para fazer o curso. É por isso que eu vim aqui, porque fazer lá na Guiné será difícil e vim através desse programa de cooperação do Brasil com Guiné que o Governo Federal criou na qual a UNILAB também nasce, o que fez com que eu estou fazendo. Almejo que meu país possa criar esses projetos, porque através da educação podemos criar jovens pensantes para poder melhorar a sociedade e o país.

A fala mostra as necessidades decorrentes dos deslocamentos dos jovens guineenses pelo mundo, em especial Brasil, que buscam construção identitárias e processos de inserção na comunidade da CPLP. Ficou evidente que a importância da formação não prevalece apenas pelo fato de as diretrizes terem um olhar especialmente voltado sobre as temáticas do Sul Global, mas porque também é entendido como um marco significativo para a promoção da cidadania, constituindo assim cerne e o êxito da cooperação do bloco da (CPLP). Idealizado pelo governo brasileiro em parceria com os governos dos países africanos, em especial aqueles situados na costa do Atlântico e no âmbito da CPLP, o que evoca o espírito de fortalecimento do bloco, considerando o percurso histórico de tais eixos.

De acordo com a análise e interpretação da fala de um dos nossos entrevistados, percebemos que a presença dos estudantes internacionais em Redenção trouxe grandes mudanças nos aspectos culturais, sociais e econômicos da cidade, melhorando o status dos moradores. Entre as mudanças mencionadas pelos entrevistados, destacam-se diversos aspectos positivos.

você percebe, ao longo da sua formação, um crescimento individual e coletivo, e não só em termos acadêmicos ou dos estudantes internacionais, mas também da própria cidade que também está crescendo. Tipo, você vai se modificando etapa por etapa. Você não é aquela pessoa que você era quando chegou. Isso, sim, é uma emancipação em termos de conhecimento, e você acaba tendo outros olhares e perspectivas da vida. Se eu tivesse a oportunidade, trazia todos os guineenses para

cá, porque a UNILAB proporciona essa emancipação de formação, tanto humana quanto acadêmica, numa dimensão individual e coletiva. **Entrevistado 2**

A formação oferecida pela UNILAB convida os jovens a responder aos diversos desafios que têm assolado o país desde o período pós-revolução, como a formação técnica em Guiné-Bissau. Uma sociedade com um número significativo de jovens sem acesso à formação profissional, o país não conseguiu preparar cidadãos aptos a contribuir para uma sociedade democrática. Precisamos de homens com ideologias e visão no futuro, capazes de antecipar problemas e de entender de uma vez por todas que para haver paz e progresso em Guiné-Bissau, é necessário investir na educação.

A UNILAB desempenha na vida destes estudantes, o que alguns relataram como um novo começo.

muitos de nós, quando saímos daqui, temos sonhos. Tipo, digamos assim, chegamos aqui com a ideia de que não vamos fazer apenas a licenciatura e voltar para o país. No entanto, a evolução que você percebe dentro de si e a força do conhecimento que você adquire fazem com que a tendência seja aumentar ainda mais, como trilhar outros caminhos, por exemplo: mestrado, doutorado. Isso é uma reflexão que a UNILAB eleva nos estudantes guineenses. **Entrevistado 2**

com esse processo formativo, a minha intenção é fazer o mestrado e, em seguida, continuar meus estudos no doutorado. Acredito que, ao concluir o doutorado, estarei em uma posição mais sólida para contribuir de maneira significativa, na formação da minha comunidade, tanto na Guiné quanto em qualquer outro lugar onde eu tenha a oportunidade de trabalhar. Esse processo de formação me permitirá adquirir o conhecimento e as ferramentas necessárias para fazer uma diferença real na vida daqueles que estão ao meu redor, especialmente para aqueles que não têm as mesmas oportunidades que eu. Minha principal motivação é poder retribuir à minha comunidade, oferecendo uma formação de qualidade a quem precisa. Assim, minha contribuição poderá ir além do meu próprio desenvolvimento pessoal, impactando positivamente outras vidas. **Entrevistado 5**

O retorno dos formados para Guiné-Bissau, estão dando contribuição para o desenvolvimento do país. Por meio desse grande projeto de cooperação, os ingressos já estão fazendo contribuições significativas em seus respectivos países, assim como no Brasil, onde alguns atuam. O cenário da formação pode ser interpretado como um esforço pela construção de uma cidadania digna, tanto individual quanto coletiva. Não se trata de uma utopia, mas de uma possibilidade concreta de construção e de alteridade.

Os relatos nos chamam atenção para a importância de reconhecermos a formação como referências que têm o potencial de promover os estudantes, interferindo de forma direta no universo de possibilidades de inclusão dos mesmos em outros espaços. Essa visão sul-sul, na perspectiva da CPLP, lança luzes para a transformação individual e coletiva. A partir do que foi narrado pelos licenciandos, compreendemos que a formação emancipa os estudantes

guineenses. O que se percebe nas falas dos entrevistados é que a UNILAB já está gerando impacto na Guiné-Bissau, a partir do desempenho dos estudantes que retornaram, conforme relatado.

já temos exemplos de colegas que saíram daqui e, atualmente, estão fazendo grandes contribuições na Guiné-Bissau. Eles estão dando aulas e se tornando referências em suas áreas, isso demonstra a grandeza da formação adquirida na UNILAB e como os resultados estão impactando positivamente. Claro, isso sim é transformação, apesar de ser um processo lento e longo, mas também é uma realidade que está sendo alcançada por meio da educação. Embora os resultados estão sendo vistos de imediato, será mais plausível quando o nosso governo investe em educação e desenvolvimento pessoal. Assim, a formação não só muda a vida dos indivíduos, mas também contribui para a evolução da sociedade como um todo. *Entrevistado 2*

estamos vendo o reflexo da UNILAB no país de origem dos estudantes, porque quando a pessoa sai daqui e chega ao país, leva as experiências adquiridas e as coloca em diálogo com a realidade. Esse é o objetivo da UNILAB: formar estudantes para contribuir nos países da integração. Bem, a Guiné-Bissau tem muito a aprender com o Brasil no quesito educacional. *Entrevistado 3*

pelo que ouvimos dos nossos irmãos que já voltaram, eles estão dando muita contribuição e bom exemplo, mostrando o que é estudar na UNILAB. Isso demonstra que a formação transforma as pessoas na sua individualidade e coletividade, porque, para mudar, também é necessário estar nos espaços de tomada de decisão e fazer isso funcionar. Se estamos no sistema sem poder tomar decisões, praticamente a nossa voz não será ouvida nem levada em consideração. Mas, se nos derem oportunidade, creio que faremos a diferença, como os manos estão fazendo lá. Quanto mais voltarmos em grande quantidade, isso gerará mudança e vai mudar muita coisa. *Entrevistado 5*

A Educação integrada ao coração da sociedade é capaz de produzir uma profunda modificação na realidade social. Os processos integrativos se expressam principalmente na defesa dos direitos humanos à “educação”, posto que seja este que dá a instituição a identidade própria e, neste caso, há uma reafirmação das identidades. A formação da nova geração dos jovens guineenses na UNILAB permite pensar que as raízes culturais de que são portadores descongelam-se nas novas experiências de suas vidas, compõe e recompondo seus elementos de superação. Encontram-se para a produção da vida pessoal e coletiva, mediante a oportunidade que estes jovens tiveram de acesso e negociações que ordenam representações sociais.

Os jovens estudantes em processo formativo na UNILAB conformam coletividades com características próprias e singulares de seus locais de origem ou país, devendo ser pensados em sua especificidade onde a língua guineense são as línguas de uso corrente no próprio grupo de jovens guineenses e torna-se elemento identificador do grupo, o que define e marca seus referenciais identitários pelo uso do corpo e de linguagens visuais e verbais característicos. Vale ressaltar que estes estudantes já mantinham contatos com um ou mais

conterrâneos que estudam na UNILAB e foi esse prévio conhecimento da instituição que as fez decidir escolher esta universidade e a cidade de Redenção/CE. Percebemos, assim, que estes jovens estrangeiros buscam interagir como autores e autoras a partir de suas produções.

eu tive a oportunidade de conversar com a minha professora, que estudou no Brasil. Ela nos falou que o Brasil é um bom país para estudar. O Brasil dá oportunidade para qualquer pessoa, tanto nacional quanto internacional. Oportunidade de fazer graduação e pós-graduação, coisas que o meu país não tem. Isso me impulsionou, ao explicar seu percurso formativo e a qualidade das universidades brasileiras. Comecei a pensar no Brasil e, hoje, estou aqui.

Entrevistado 2

sim, já tive conhecimento a partir de contatos com os colegas que aqui estão, porque acho que a maioria dos estudantes tem amigos, parentes e conhecidos aqui. A UNILAB é conhecida no contexto guineense. Eu conheci a universidade, como já disse, também fiz três tentativas: 2017, 2018 e 2019. Em 2017, meu nome saiu, mas não fiz o teste por causa da questão religiosa. Da mesma forma, em 2018, meu nome não saiu, só no último, que eu fiz, e saiu. Fizemos o procedimento, aí consegui, mas eu já tinha o conhecimento.

Entrevistado 1

As falas dos entrevistados demonstram a importância que os jovens inseridos no processo formativo atribuí à UNILAB. Muitas vezes, antes de estarem aqui, esses sujeitos não tinham acesso ao ensino superior. A saída dos jovens do país é impulsionada por fatores como a instabilidade política, o desenvolvimento incipiente ou a insuficiência do Estado para suprir as necessidades dos jovens no quesito formação no país. O deslocamento dos jovens para o Brasil ocorre em busca de contextos mais favoráveis para a vida, bem como de uma formação e qualificação necessárias para a realização de novos projetos de vida, tanto individuais quanto coletivos.

O Brasil ganhou credibilidade entre os jovens guineenses, especialmente pela oportunidade que a UNILAB oferece, como parte dos projetos de cooperação entre Brasil e Guiné-Bissau, principalmente na área educacional. Isso tem ajudado muitos jovens a acessar espaços formativos. Contudo, os entrevistados já tinham conhecimento da UNILAB antes mesmo de realizarem o exame de admissão em Bissau.

bem, antes de sair do meu país, já tinha conhecimento da UNILAB. Tentei duas vezes e não deu certo em 2016. Eu já estudava no Centro Cultural Brasileiro e tinha familiaridade com os estudos brasileiros, pois estudava na Embaixada do Brasil. A partir daí, comecei a pesquisar ainda mais sobre o Brasil, inclusive sobre a UNILAB. Porque existem dois tipos de programas na Embaixada do Brasil, PEC-G/PEC-PG, e também a UNILAB. Eu preferi a UNILAB porque já tinha amigos aqui. O tempo todo, havia pessoas que falavam e me incentivaram a escrever para vir estudar no Brasil. Eu disse não, vou dar uma chance para mim mesmo. Fui pela primeira vez em 2016, mas não deu certo. Em 2018, consegui uma vaga e vim para o Brasil. **Entrevistado 2**

sim, já tive conhecimento a partir de contato com os colegas que aqui estão, porque acho que a maioria dos estudantes tem amigos, parentes ou conhecidos aqui, então a UNILAB é conhecida no contexto guineense. Eu conhecia, como já disse, e também fiz três tentativas: 2017, 2018 e 2019. Em 2017, meu nome saiu, mas não fiz o teste por causa da questão religiosa. Da mesma forma, em 2018, meu nome não saiu, mas no último, que eu fiz, saiu. Fizemos o procedimento e consegui, mas já tinha o conhecimento. **Entrevistado 1**

A partir desse trecho das narrativas de entrevistas 2 e 1 , visualizamos a preocupação e desafio de acesso à educação na Guiné-Bissau. Os primeiros estudantes guineenses chegaram à UNILAB em março de 2012 constituíram o primeiro grupo a sair do país com a finalidade de realizar estudos de graduação na UNILAB. Segundo relatam os entrevistados, as referências que eles tinham do Brasil foram construídas com base nas informações dos colegas que aqui estão e de alguns profissionais formados no Brasil que regressam ao país.

sim, quem estuda no Centro Cultural Brasileiro já sabe da UNILAB, é falado sobre a UNILAB e o processo seletivo. Às vezes, a gente encontrava os estudantes que participavam do processo seletivo entrando e saindo, terminando as documentações necessárias para a viagem. A UNILAB começou em 2012, eu estudei no Centro em 2013, então já tinha conhecimento. Uma amiga minha veio em 2013, e depois eu vim em 2014.**Entrevistado 3**

eu ouvia falar da UNILAB porque tinha um jovem aqui da nossa aldeia, não me lembro o nome dele. Não sei se você conhece. Aí eu ouvia os meninos falando: Aqui tem um menino, Felupe, que está estudando no Brasil, assim, na UNILAB. Mas, só que quando você não tem interesse em algo, você não vai procurar. Aí, eu comecei a procurar mais sobre a questão da UNILAB. Quando eu comecei a pesquisar os cursos que existiam na UNILAB, como era a vida aqui, se existiam muitos estudantes africanos aqui, sim, eu ouvia da UNILAB, mas não me interessava.

Entrevistado 4

bem, na verdade, antes de me inscrever para o processo seletivo, eu já tinha informações sobre a UNILAB porque tenho amigos que já estavam aqui antes da minha chegada. Assim que soube mais sobre a universidade, não foi através das redes sociais, nem da divulgação oficial, nem da embaixada, mas sim através de contato com os amigos. **Entrevistado 5**

Após a independência, o país adotou o português como idioma oficial, apesar de grande parte da população ainda não ter muita fluência na língua portuguesa. Compreender as percepções e a dimensão formativa desses jovens, oriundos de um país do continente africano com um ciclo frequente de instabilidades políticas que, para alcançar um diploma, precisam sair do país. Atualmente, Guiné-Bissau passa por um processo de reestruturação em diversas áreas sociais, dentre elas a educação, em que o Brasil é visto como grande aliado na percepção dos jovens, principalmente na formação de quadros. Obter um diploma de nível

superior foi o principal objetivo da vinda desses estudantes para a UNILAB, que até então não tinham condições de alcançar na Guiné-Bissau.

Levando em conta o que foi apresentado no decorrer do texto e os objetivos propostos, foi possível identificar e é comum aos participantes a percepção e experiência de que a UNILAB impacta a individualidade e a coletividade dos jovens que integram o processo formativo gerando assim os processos emancipatórios. Os depoimentos dos estudantes guineenses destacam a importância da educação, especialmente no contexto da UNILAB, que oferece mais do que uma escolha individual, sendo incentivada por uma rede de apoio formada por amigos e colegas. Esses estudantes mostram persistência ao enfrentar desafios e rejeições, demonstrando que veem a educação como um meio de ascensão social e transformação pessoal.

Os depoimentos dos estudantes guineenses destacam a importância da educação, especialmente no contexto da UNILAB, que oferece mais do que uma escolha individual, sendo incentivada por uma rede de apoio formada por amigos e colegas. Esses estudantes mostram persistência ao enfrentar desafios e rejeições, demonstrando que veem a educação como um meio de ascensão social e transformação pessoal.

Para a recém-independente Guiné-Bissau, que emergiu da colonização portuguesa e enfrenta uma crise sistêmica, o processo formativo encoraja os jovens guineenses e permite que sonhem com a superação dos desafios futuros, utilizando as habilidades adquiridas como base fundamental para o crescimento de uma sociedade em desenvolvimento. Além disso, a UNILAB promove o intercâmbio cultural, criando um espaço de convivência entre diferentes culturas, o que fortalece os laços entre países da CPLP e fomenta a cidadania multicultural e transcultural.

A universidade apresenta como um importante ponto em relação a oportunidade de acesso ao ensino superior, algo difícil de alcançar na Guiné-Bissau devido às limitações locais. Na UNILAB, a formação impacta os jovens como um coletivo, respeitando suas particularidades. É um instrumento pelo qual todos os indivíduos se influenciam mutuamente, devido à sua pluralidade, e juntos colaboram na construção de uma sociedade responsável, comprometida com o desenvolvimento dos recursos humanos e dos países envolvidos no processo formativo e valorizam UNILAB no seu desenvolvimento pessoal e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos explorando a perspectiva histórica que norteou a criação da UNILAB, pela qual a formação é orientada, destacando sua dimensão emancipatória do sujeito. Localizamos nosso foco no cenário investigado e apontamos a formação como uma forma de emancipação e de reforço na qualificação dos recursos humanos para os países da integração, em especial a Guiné-Bissau. Discorremos sobre a problemática da educação formal na Guiné-Bissau, oferecendo alguns dados para um melhor entendimento dos grandes desafios enfrentados pelos estudantes, que os forçam a sair do país. Nesse fluxo, apontamos a cooperação no domínio educacional como eixo basilar para a reorganização da nação, considerando os interesses locais, suas tradições étnicas, religiosidade, economia e política, ou seja, desde a cosmovisão guineense.

A República da Guiné-Bissau é um país que, desde a sua independência em 1973, tem enfrentado muitas dificuldades em relação ao desenvolvimento dos recursos humanos. Ao longo de sua história, o país tem sido caracterizado por sucessivas instabilidades políticas, sociais e econômicas, que contribuíram significativamente para o estado de pobreza em que se encontra sua população e seu sistema educativo. Assim sendo, a Guiné-Bissau aproveita, por meio das corporações, as oportunidades de formar seus cidadãos fora do país, através de acordos bilaterais educacionais com países como o Brasil, entre outros. A formação na UNILAB tem possibilitado, nas últimas décadas, transformações, negociações e tensionamentos para os jovens dos países da integração, por meio de políticas formativas que visam à promoção da dignidade humana. As contribuições significativas na formação de jovens da comunidade da CPLP até o presente momento fortalecem os países do Sul Global, que visam dar respostas positivas à problemática da formação.

A formação sempre foi um instrumento importante na construção da cidadania plena, tanto na dimensão individual quanto coletiva, somando-se à convicção de que formação/educação é a porta para alcançar outros direitos e, portanto, adquiri-la transforma. A formação da UNILAB contribui para que o país consiga atingir grandes metas em todos os setores da vida econômica, social, política, ambiental e tecnológica, tais como: fortalecimento da nação guineense e de uma sociedade civil forte; afirmação do Estado de direito e exercício da cidadania; melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e diminuição da pobreza; elevação da expectativa média de vida dos cidadãos; maior produtividade na administração pública e privada.

A ideia da cooperação Sul-Sul advém da compreensão de que o mundo mudou e que houve um deslocamento do centro hegemônico. Essa alteração é resultado de pressões e de ações por parte das nações localizadas no Sul Global, entendidas como a periferia do sistema. Acreditamos que a UNILAB e seu processo formativo são uma estratégia de afirmação emancipatória, tendo em vista a dimensão da formação e a oportunidade de acesso dos jovens guineenses a uma formação superior, que possibilita que os sujeitos da formação construam e afirmam suas identidades políticas e se reinventem para o desenvolvimento do país.

O corpo do texto é um canto de esperança da potência da formação de quadros, o objetivo é apresentar a realidade da formação a partir da percepção dos estudantes guineenses, uma preocupação de grande parte da sociedade guineense em relação à educação que tem sido minada pelas instabilidades políticas. Refletimos sobre a formação e sua dimensão emancipatória, revelando a transformação dos sujeitos da formação. Por conseguinte, o estudo realizado nos possibilitou a partir das falas dos entrevistados que a cooperação no domínio educacional para o desenvolvimento dos recursos humanos vem sendo destacada como uma das grandes forças atuantes na reconfiguração das estruturas locais e internacionais.

Em linhas gerais, a formação da UNILAB representa um instrumento imprescindível para a promoção dos processos de desenvolvimento, tanto nacionais quanto internacionais, sendo justo assinalar que, embora tenha adquirido destaque e importância crescente entre os jovens guineenses, ainda é preciso que o governo da Guiné-Bissau assuma sua responsabilidade na capacitação dos seus jovens a nível interno, priorizando a formação. Apostar na formação é um dos meios para lutar contra a pobreza, fortalecer a economia, desenvolvimento sustentável, a democracia, a paz, a promoção dos direitos humanos e na melhoria dos sucessivos erros cometidos desde a nossa independência. Há mais de quatro décadas, continuamos fragilizados em quase tudo. Nessa perspectiva, o desafio do país, nos próximos tempos, deve focar em criar condições de paz social e apostar na formação.

Acredita-se que a UNILAB é um esforço coletivo de formação para o desenvolvimento dos países do sul global. Pode-se inferir que a criação da UNILAB é uma ação concreta de promoção da cidadania dentro do bloco, além de fortalecer os laços históricos, oferecendo aos jovens a oportunidade de produção e afirmação nas esferas acadêmica e social, superando os resquícios coloniais que marginalizam essas populações. Esse sucesso só é possível por meio de políticas de cooperação consistentes e alternativas. A UNILAB democratiza o acesso à educação para os jovens guineenses no contexto do bloco da CPLP, estabelecendo redes cooperativas de formação, cujos laços são fortalecidos pela produção e disseminação de experiências e conhecimentos que a instituição proporciona.

A educação superior deve ser encarada com preocupação, pois é por meio dela que formaremos cidadãos comprometidos com o país, uma sociedade sem violência, um estado de direito, uma democracia que garanta o exercício democrático dos cidadãos, rumo ao desenvolvimento que se pretende para a República da Guiné-Bissau. A formação é um bem comum e um dos mais sagrados na vida humana, pois, além de contribuir para nossas realizações pessoais, pode nos preparar para dar nossa contribuição, mesmo que modesta, para o desenvolvimento do país.

Ressalta-se que essa colaboração é não só necessária, mas preconizada por todos os instrumentos sobre os quais discorremos aqui: afinal, a UNILAB nada mais é do que um sonho da classe desfavorecida, que, com o empenho do governo brasileiro, possibilita vidas emancipadas. A UNILAB, apesar de todas as dificuldades, trabalha arduamente para promover esse ideal e não se furtar de cumprir sua missão de ser, em última instância, a casa da formação cidadã. Com isso, os jovens acessam o espaço formativo de construção e têm a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento científico, tecnológico e social do país e da humanidade.

REFERÉNCIAS

ANDRADE, Jamille. **Paz a formação de organizações culturais: o caso da CPLP.** Brasília – DF, 2003.

ALMEIDA, Juracy Armando Mariano de. Identidade e emancipação Pontifícia Universidade católica de São Paulo, DOSSIÊ Psicologia & Sociedade, 29, e170998 São Paulo/SP, Brasil 2017

BOLZAN, Dóris Pires Vargas. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos/** Dóris Pires Vargas Bolzan. -Porto Alegre: mediação,2002. In. Singularidade na formação e do desenvolvimento profissional docente: contextos emergentes na educação/Dóris Pires Vargas Bolzan, Ana Carla Hollweg Powaczuck, Marilene Gabriel Dalla Corte Org.-Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

Bathillon, Aldine Valente. **Estudantes guineenses: da educação secundária na Guiné-Bissau à educação superior na UNILAB.** Brasil, 2016.

BRASIL. **Lei 12.289, de 20 de julho de 2010.** Criação do Sistema Nacional de Defesa dos Direitos Humanos

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Cidadania Ativa e Democracia no Brasil. **Rev. Parlamento e Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. 6, p. 21-31, jan./jun. 2016.

CASQUEIRO, Mayara Lima. IRFFI Guilherme. SILVA Cristiano da Costa da. **A expansão das Universidades Federais e os seus efeitos de curto prazo sobre os Indicadores Municipais Avaliação.** Campinas; Sorocaba, SP, v. 25, n. 01, p. 155-177, mar. 2020.

CÁ, Cristina Mandau Ocuni. **A trajetória dos quadros guineenses formados e em formação no Brasil na visão de estudantes e profissionais de 3º grau.** Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas 2009.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica/Vera Maria Candau.** In Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas / Antônio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.). 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.13-37.

CANDAU, Vera Maria & WALSH, C., Oliveira, L. F., (2018). Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas educativas**, 26(83). <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874>.

CAETANO, Ana Paula Viana. MACEDO, Sheyla Maria Fontenele. A formação ética profissional docente: significados, trajetórias e modelos Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-30, e020028, 2020.

CUNHA, Célio da. **A universidade na América Latina: fundamentos da integração e a dimensão política das redes de conhecimento.** Texto apresentado na mesa-redonda "Redes de Investigación: experiencias latino-americanas en las Jornadas de Investigación en Educación Superior". Montevideo: Udelar, 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teorias, métodos e criatividade/** Suely Ferreira Deslandes, Octávio Cruz Neto, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). -Petrópolis RJ: vozes, 1994.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. **Contextos emergentes: formação desenvolvimento profissional, avaliação e performatividade na educação 2021.** IN: Singularidade na formação e do

desenvolvimento profissional docente: contextos emergentes na educação/Dores Pires Vargas Bolzan, Ana Carla Hollweg Powaczuck, Marilene Gabriel Dalla Corte Org. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Arilson dos Santos. **Escravidão e pós-abolição no ceará: memórias e trajetórias das populações libertas na cidade de Redenção**. ANPUH-Brasil -31ºSimpósio nacional de história Rio de Janeiro/RJ, 2021.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. “Na Terra do Outro”: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil. **Dimensões**, vol. 26, 2011, p. 191-204. ISSN: 2179-8869, UNICAMP.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para mudança e a incerteza** / Francisco Imbernón; [tradução Silvana Cobucci Leite]. - 9. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011. – (coleção questão da nossa época; V. 14).

INE-GB Instituto Nacional de Estatística de Guiné-Bissau. **Censo demográfico 2009**. Bissau, 2009.

MENEZES, Roberto Goulart; RIBEIRO, Claudio Oliveira. A cooperação Sul-Sul revisitada: A política externa do governo Lula da Silva e o desenvolvimento africano. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos CODE**, 2011. Disponível em:<encurtador.com.br/iuNX8>. Acesso em 10 de Agosto de 2022.

MENDES, Antero. A presença dos estudantes internacionais em Redenção: práticas de sociabilidade e segregação no espaço urbano. **Revista África e Africanidades** – Ano XII – n. 32, nov. 2019a - ISSN 1983-2354.

MUNANGA, K. Relações África-Brasil: O Que Seria? **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais**. Vol.1 - n.1; P. 6-25; 2018.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**/Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. -2. ed.rev. -São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO 2011.

NASCIMENTO, Ricardo César Carvalho. MACHADO, Eduardo Gomes. IMPANTA Iadira Antonio: Um campo universitário-urbano no nordeste brasileiro: o caso da UNILAB Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior Campinas; Sorocaba, SP v. 28 e023010 2023

NIQUITO, Thais Waideman. RIBEIRO, Felipe Garcia. PORTUGAL, Marcelo Savino. **Impacto da criação das novas universidades federais sobre as economias locais planejamento e políticas públicas** | ppp | n. 51 | jul. /dez. 2018

OLIVEIRA, Cláudia Soares de. **Formação de professores no Brasil: velhos problemas e questões atuais**. In: SILVA, Katia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da; LIMONTA, Sandra Valeria *formação de professores em uma perspectiva critico-emancipadora*: materialidade da utopia - Brasília: Editora Universidade de Brasília 2014. p.47-70.

SANI, Quecoi. OLIVEIRA, Marlize Rubin. Educação superior e desenvolvimento na Guiné-Bissau: contribuições, limites e desafios. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.16, n.33, p. 127 - 152, Jul./Dez. 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**/Boaventura de Souza Santos. –1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes em Epistemologias do Sul** / org. Boaventura de Sousa Santos, Maria Paula Meneses. – (CES) biblioteca nacional de Portugal 2009.

SAMBU, Ansumane. **Educação para os Direitos Humanos em Guiné-Bissau: proposta de fundamentos teóricos críticos e estratégias de ação** / Ansumane Sambu. Recife, 2022.

SOUZA, Osmaria Rosa; MALOMAL. Bas’Ilele Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e os desafios da integração perante o racismo contra os/as estudantes africanos/as no Ceará. **Interfaces Brasil/Canadá**. Canoas, v. 16, n. 1, 2016, p. 256–293.

SILVA, António Gislailson Delfino da “o lá e o aqui”: a presença de estudantes africanos/as na UNILAB e suas redes de sociabilidades, integração e representatividade de cultura (s) **Kwanissa**, São Luís, n. 5, p. 100-117, jan/jun, 2020. ISSN 2595-1033

SILVA, Katia Augusta Curado; Pinheiro Cordeiro da; LIMONTA, Sandra Valeria. **Formação de professores em uma perspectiva critico-emancipadora: materialidade da utopia**. – Brasília: Editora Universidade de Brasília 2014, p.11-26.

SILVA, Julinho Braz da. **Cooperação Sul-Sul como instrumento para o desenvolvimento [dissertação]: perspectivas para a República da Guiné-Bissau** / Julinho Braz da Silva; orientador, Fernando Kinoshita. - Florianópolis, SC, 2011.

UNILAB, Pró-reitoria de Relações Institucionais Coordenação de Seleção, Acolhimento e Acompanhamento processo seletivo de Estudantes Estrangeiros Disponível em <https://prointer.UNILAB.edu.br/a-prointer/>

UNILAB. **Estatuto da Universidade da Integração Internacional da lusofonia Afro-Brasileira** aprovado pela resolução 46/2016 e alterado pelas resoluções 33 e 34/2017 do conselho universitário. VIVALDO. Fernando Vicente **Educação em Direitos Humanos e Teoria Crítica: por um projeto emancipatório**, Universidade de São Paulo, faculdade de educação São Paulo - SP 2013.